Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 532
Agosto 1984
Segunda-feira
13
30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Rumo traçado

A a longa caminhada do «Diário de Lisboa» prossegue. E prosseguirá. O País — como dizíamos no editorial publicado na edição de 1 de Agosto, sem jactância, apenas com a consciência do serviço público que prestamos — precisa de um jornal independente e livre.

Por um acaso empresarial feliz o «Diário de Lisboa» tem sido esse jornal e nada nos leva a admitir a hipótese de que o deixe de ser por evolução interna da «Renascença Gráfica — a empresa proprietária do jornal — ou por pressão externa.

Devemos, aos nossos leitores e amigos, esta afirmação de serena confiança. Confiança, acima de todos e de tudo, neles, nossos leitores. E confiança, também, na capacidade de escolha do público que será levado, na fase crucial da nossa vida pública que se avizinha, a manter a preferência por um jornal que informa e que é uma voz crítica, descomprometida, que é uma presença cultural, e que está aberto às opiniões diferentes e até contrastantes, dos cidadãos que participam e modelam a vida democrática portuguesa nos planos político, sindical, cultural.

Não é, nunca foi, o «Diário de Lisboa» um órgão político de facção — o porta-voz de um partido, de uma corrente, de um grupo, de uma empresa; é um território de opinião. Com maior rigor: de opiniões. Um espaço cultural.

Em Junho de 1975, escreveu-se, traçando rumo, que este jornal: «Reivindica...uma atitude de vigilância e de protesto contra toda e qualquer opressão à democracia e à formação cívica do Povo Português, reafirma, para tanto, a sua independência perante pessoas, perante o poder e perante organizações partidárias ou económicas, e opõe-se quer ao dirigismo, quer à demagogia de expressão como formas coercivas e manipuladoras da opinião». Do carácter de jornal independente, livre, concluíamos a necessidade de respeitar o pluralismo, o confronto das ideias, o diálogo crítico, a convivência cívica.

Não nos surpreende contudo, e esse é um fruto da importância tradicional e actual da opinião expressa no «Diário de Lisboa», que certos jornais e alguns jornalistas, neste Verão com ministros e deputados em férias, dispersa a «classe política» e as vedetas do palco, do écran e do estádio, encarcerado Otelo e exportado Chalana, morna a intriga dos bares e saturadas de fumo as cervejarias, caprichem em acutilar as névoas de tabaco e preencher os próprios vazios com golpes de imaginação e contorcionismos de informação e deformação. É a luta pela vidinha a que julgam ter direito. Carecem de assunto e o «Diário de Lisboa», pelo seu prestígio passado, pela verticalidade presente, pelo enfrentar confiante do futuro, é um assunto.

Esse interesse, mesmo vazado em formas de manifesto mau gosto ou maculado por golpes de baixo estilo, de nenhuma qualidade ética, revelam a atenção e preocupação que lhes despertamos. De algum modo, temos razões para sorrir e prosseguir, lisonjeados.

Continua na pág. 20

Fecho com medalha de ouro

SUPER LOPES!

Às quatro horas e seis minutos desta madrugada, quando a bandeira de Portugal subiu ao topo do mastro de honra do estádio olímpico de Los Angeles, a bagatela de 2,5 mil milhões de pessoas fixaram este rapaz, de 37 anos: Carlos Lopes, medalha de ouro na maratona disputada nos EUA.

Págs. 12, 13, 14 e 15

Guerrilheiros ocuparam povoacão

Funeral do fundador do "M-19" decorreu sem incidentes

Milhares de pessoas incorporaram-se ontem no funeral do colombiano Carlos Toledo Plata, fundador e ideólogo do «Movimento 19 de Abril» (M-19) assassinado sexta-feira última quando saía da sua residência, na cidade colombiana de Bucaramanga.

O ofício fúnebre teve lugar na catedral de Bucaramanga e foi dirigido pelo presidente da Conferência Episcopal colombiana, monsenhor Hector Rueda Hermandez. Às cerimónias assistiram membros da Comissão de Paz e do Comando Superior do «M-19».

O líder guerrilheiro assassinado firmara recentemente um acordo de paz com o actual governo de Belisário Betancour.

Ao terminar a cerimónia religiosa, os milhares de pessoas presentes acompanharam o féretro de Toledo Plata pelas ruas de Bucaramanga, agitando lenços brancos e dando vivas ao líder assassinado, à paz e ao «M-19».

Participaram nas cerimónias os ex-ministros Bernardo Ramirez, representante pessoal do presidente Betancur nos diálogos que conduziram ao processo pacificador e Alfonso Gomez.

Durante o funeral não se verificou qualquer tentativa de alteração da ordem pública.

Entretanto, prosseguiram os combates na zona montanhosa dos arredores de Yumbo, na região ocidental da Colômbia, 18 horas depois de cerca de 200 guerrilheiros terem ocupado a cidade durante três horas.

Porta-vozes da terceira brigada do Exército colombiano, com sede em Cali, 25 quilómetros a sul de Yumbo, informaram que foram encontrados cinco cadáveres na zona montanhosa onde decorrem os confrontos.

Os guerrilheiros chegaram a Yumbo, cidade com 80 mil habitantes, sábado à noite, transportados em dois camiões e três autocarros de passageiros.

A dirigir os insurrectos encontrava-se o dirigente do «M-19» Rosemberg Pabon, conhecido como o «Comandante-1».

Ao chegar à cidade um grupo de guerrilheiros entrou na principal igreja de Yumbo e uma vez ali o «Comandante-1» dirigiu-se aos fiéis afirmando que se tratava de demonstrar «a reacção do 'M-19' ao assassinato do fundador e ideólogo do movimento, Carlos Toledo Plata».

Durante os ataques lançados pelos guerrilheiros a vários pontos estratégicos da cidade ficou praticamente destruído o edifício da câmara municipal.

Os rebeldes apenas retiraram para as montanhas após a chegada de vários contingentes da terceira brigada do Exército colombiano e da Polícia.

VENDE-SE

1.º andar na Costa de Caparica, zona residencial, junto antiga esquadra da Polícia com 3 grandes assoalhadas, ampla cozinha, ampla casa de banho. Muito barato.

O próprio Tel.: 2260080 (das 9 às 20 horas) ou 2260713 (partir das 20 horas).

PREÇO: 4500 contos

ESPECIAL FÉRIAS/84
NO
HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO

Apesar de tudo não deixe de fazer férias este ano. Você precisa de umas férias tranquilas.

7 dias: 7700.00 p.p. em quarto duplo no mês de Outubro e 9100.00 em Setembro, e a possibilidade que o Hotel do Parque lhe oferece no sossegado ambiente das suas 4 estrelas, 2 piscinas climatizadas no verde natural do Alto Minho, além de agradáveis surpresas.

(Suplemento para o mês de Agosto 2 800$00) Peça-nos programa detalhado «Especial Férias/84» por escrito C.P. 4900 — através do telefone 24151/5 telex 32511 ou no seu agente de viagens.

Aguardamos a sua rápida consulta que desde já agradecemos.

BIG-BEN

Desde 30% de desconto

em

ALVALADE E RESSANO GARCIA

Segundo revelou Daniel Ortega ao "Washington Post"

CIA elaborou planos para assassinar dirigentes da Frente Sandinista

A Nicarágua possui provas evidentes de que a CIA elaborou planos para assassinar importantes figuras da Frente Sandinista, afirma o coordenador da Junta de Governo da Nicarágua numa entrevista ontem publicada pelo «Washington Post».

As evidências de um «complot» organizado pela CIA «são fortes», assegura na entrevista Daniel Ortega, acrescentando que após o assassinato os Estados Unidos poderiam justificar uma invasão idêntica à que realizaram na ilha de Grenada.

O plano da CIA e o apoio da administração do presidente Ronald Reagan aos grupos anti-sandinistas que opearam a partir das Honduras são alguns dos «elementos de preocupação» que dificultam as relações bilaterais entre os dois países. acrescenta o líder nicaraguense.

Apesar das dificuldades, Ortega afirma que as conversações entre os Estados Unidos e a Nicarágua, iniciadas depois da visita a Manágua do secretário de Estado norte-americano George Shultz, podem conduzir «ao estabelecimento de bases firmes para uma solução política, através da qual tanto um país como o outro alcancem uma certa segurança mútua».

Depois da visita de Shultz os Estados Unidos e a Nicarágua realizaram três reuniões bilaterais (duas em Puerto de Manzanillo, no México, e uma em Atlanta, na Jórgia).

A quarta reunião terá lugar amanhã na referida cidade mexicana.

Daniel Ortega: acusações à CIA em entrevista ao «Washington Post»

Os comentários de Ortega sobre as negociações são nesta entrevista marcadamente distintos da reacção inicial dos dirigentes sandinistas após o compromisso alcançado com George Shultz, assinala o «Washington Post».

Na altura o ministro nicaraguense dos Negócios Estrangeiros, Miguel D'Escoto, aventou a possibilidade da iniciativa de Shultz ser apenas «uma medida cosmética para a América Central por parte da opinião pública.

As suspeitas nicaraguenses em torno de um suposto complot da CIA foram incrementadas depois de recentes comentários de Ronald Reagan, declarou Ortega ao correspondente do jornal norte-americano.

O «Washinton Post» refere que Daniel Ortega adiantou que a CIA tem como objectivo o assassinato «de um ou mais membros do directório sandinista», pouco antes das eleições programadas na Nicarágua para o dia 4 de Novembro próximo.

A intenção é, segundo o entrevistado, culpar outros sandinistas dos crimes, para justificar uma invasão semelhante à de Grenada.

Depois dos assassinatos, Reagan poderia alegar tal como fez no caso de Grenada, que a Nicarágua atravessara um período de instabilidade política provocada por uma violenta luta pelo poder entre facções sandinistas e justificar assim o envio de tropas.

Ortega, que foi designado candidato presidencial pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), revelou que várias coincidências apontam para a veracidade das fontes acerca do plano da CIA.

Por outro lado, disse, a agência de espionagem norte-americana financiou a publicação de anúncios em jornais da Costa Rica, Panamá e Venezuela, promovendo uma hipotética candidatura do ministro nicaraguense do Interior, Tomás Borge, o único sobrevivente dos fundadores da FSLN.

Borge é mencionado nos anúncios como possível candidato presidencial às eleições de Novembro e, de acordo com a versão de Ortega, o objectivo é criar uma falsa imagem de divisionismo nas fileiras sandinistas, o que explicaria os subsquentes assassinatos.

Na entrevista o dirigente da FSLN afirma que o seu país também está preocupado com o recente envio de uma esquadra naval norte-americana para as imediações das costas da Nicarágua, com as acusações de que Manágua é uma base soviética e com a recente campanha que pretende envolver dirigentes sandinistas no tráfico de narcóticos.

Forças Armadas colombianas lançam operação contra traficantes de droga

Forças combinadas do exército, armada e aviação da Bolívia iniciaram sábado uma luta frontal contra o tráfico de cocaína na zona da Chapare, designada como «a capital do comércio da droga».

Um contigente de mil efectivos das forças armadas ocupou várias povoações da zona de Chapare, situada a 150 quilómetros ao sul de Cochabamba, com uma superfície aproximada de 19 mil quilómetros quadrados.

O comandante da zona militar, general Victor Vargas Rios, fixou a hora de recolher das 21.00h locais até às 06.00h.

Face à situação, os bandos de traficantes que ainda se encontravam na região empreenderam uma rápida fuga, procurando romper o cerco das milícias que colaboraram com as Forças Armadas.

Nas proximidades de Villa Tunari, Ivirgazama, Chimore e outras localidades foram instalados postos militares de controlo para impedir a fuga de traficantes e fabricantes de cocaína.

A zona de Chapare, a primeira região produtora de cocaína do Mundo nos últimos anos, está situada em pleno centro geográfico do país.

Segundo as instruções militares, os efectivos empenhados no interior da chamada «zona vermelha» têm ordens para não cometer abusos contra os agricultores produtores de folhas de coca, aproximadamente 50 mil famílias, mas estão autorizados a abater os membros dos bandos armados que traficam com a droga.

Um grupo de jornalistas que conseguiu penetrar na região esteve prestes a ser detido pelos traficantes na povoação de Sinahota.

Os traficantes pretendiam utilizá-los como reféns para tentarem impedir a operação militar.

O presidente interino da República, Jaime Paz Zamora, afirmou sábado que a Bolívia erradicará o tráfico de cocaína no país e aniquilará os bandos de traficantes, que obtêm lucros fabulosos com o negócio.

Médicos do PSD não estão contentes

A secção laboral dos médicos do PSD do distrito de Coimbra criticou a política de saúde que vem sendo praticada em Portugal.

Em comunicado, afirma que os «meses vão-se passando sem que o Governo implemente as medidas necessárias para o sector» e salienta que os médicos «tem-se defrontado com graves problemas, desde a ameaça de desemprego à anulação ou demora na organização dos concursos».

Condena, também, o anúncio público e empolamento de sanções a médicos, considerando que tal constitui uma «falsa defesa dos direitos dos utentes» e que exige «demasiadas responsabilidades aos profissionais da medicina».

Os médicos do PSD de Coimbra acusam ainda as entidades responsáveis de não se preocuparem com as carreiras profissionais e condições de trabalho.

De acordo com legislador do Partido Democrata

Aumento da ajuda militar dos EUA a El Salvador cria problemas

A aprovação do aumento da ajuda militar norte-americana a El Salvador abre as portas a novos problemas à estratégia da Administração Reagan para a América Central, afirmou em Washington um legislador do Partido Democrata.

A vitória da Casa Branca pode afectar as decisões já tomadas em matérias de propostas orçamentais para o ano fiscal de 1985, sublinhou o congressista democrata pelo Estado de Maryland, Clarence Long.

Depois de vários meses de árduos debates e complicadas negociações o Congresso aprovou sexta-feira um adicional de 70 milhões de dólares em ajuda militar a El Salvador.

Este quantitativo foi incluído numa rubrica orçamental para toda a América Central, dos quais 120 milhões serão para apoio económico ao governo de Napoleon Duarte.

A concessão deste fundo só foi aprovada depois de terem fracassado as negociações entre a Câmara dos Representantes e o Senado, dado que neste órgão a maioria republicana acedeu facilmente às propostas do governo.

Para alcançar os seus fins, a equipa de Reagan pôs em campo toda uma campanha propagandística, complementada pela divulgação de documentos até agora considerados secretos e nos quais, segundo o Pentágono e o Departamento de Estado, se demonstrava o apoio dos países comunistas à guerrilha salvadorenha.

«Uma ofensiva da guerrilha está iminente e o governo democraticamente eleito do presidente Napoleon Duarte não pode resistir a ela se não lhe prestarmos ajuda», afirmou em declarações públicas o general Paul Gorman, chefe das Forças do Comando Sul norte-americano, estacionadas no Panamá.

Entretanto, o governo obteve também outra vitória de singular importância, a meio da semana, ao serem aprovados por um subcomité da Câmara dos Representantes os fundos destinados à ajuda militar e económica a El Salvador no ano fiscal de 1985, em montante praticamente idêntico ao solicitado.

O subcomité de operações no estrangeiro, presidido por Clarence Long, concedeu 123 milhões de dólares dos 132 pedidos por Reagan para ajuda militar a Napoleon Duarte em 1985.

O mesmo Comité também aprovou mais 180 milhões de dólares em ajuda económica àquele país centro-americano, também no período fiscal de 1985.

Crise de relaç

O tema destas n Oeste-Este, os co e do Pacto os países do N líbrios entre o lógico e capitalista, e o T nos preocupa, e deveria vernantes e para a «class das relações internacion nos de expressão oficial «apoio indefectível ao po pendência», expressa, s Bissau, coloca o Governo

Não poderá furtar-se negativas do caso de Tim bique, Angola, a Guiné-Bi cinco países não aprovam fluência da Indonésia, e q reconheça a representat FRETILIN.

Já não é possível ign ção e da repressão, a exte guerra, o verdadeiro ge transferência de população Timor-Leste.

Um semanário de Lis tractos de uma carta nos efectiva organizada e diri da crescente presença mi Leste, com tanques, car «Estimativa: 30 a 40 mil curraladas nas vilas e alc tos. Há uma contínua pres nésios para com o povo. E plo Baguia e Los Palos, o um por um, de manhã às 5 de Março, Abril e Maio en vens foram obrigados a ire pelas montanhas à procu res apenas davam ao pov ções duravam uma semar cional militar foi nulo.» («E

A ocupação estrange ta. Os direitos humanos e rio do qual Portugal é resp ternacional, são calcados des de ocupação. Lê-se n

«(...) Muitos presos p tembro e Outubro de 1983 Alguns morreram devido uma senhora timorense q cadeia. O bebé ia amarra braços da mãe que o leva

«(...) No 'suku' (circu Kota Boot, perto de Hau B pareceram. Eram levados e lançados ao capim; os testemunhos oculares do um extermínio completo «(...) No dia 30 de Ma Vicente de Freitas, natura para Baucau. Foram mo «tentaras». Motivos: porq LIN.

O merc

Françoise Gersaint Le

A americanização do merca de obras de arte está a prosseg em cadência acelerada. Há meses a compra de Sotheby' primeira empresa de vendas leilão do mundo, por um hom de negócios americano, Alf Taubman, foi o episódio m marcante. O deus dólar acab por levar de vencida dois sécu de tradições britânicas.

Nas salas de vendas do mun inteiro, seja em Londres ou Paris, em Génova ou em Móna em Tóquio ou em Hong-Kong, americanos estão sempre p sentes para cobrirem os lan mais altos. E são ainda eles, seus conselheiros artísticos ou agentes ao seu serviço que, casas dos melhores antiquá da velha Europa, fazem raz nas melhores peças. É a golp de notas verdes que se estã constituir espantosas colecçõ de pintura e que os museus e fundações americanas atraem obras dos maiores artistas de tem e de hoje.

Só em Nova Iorque há mais 500 galerias de arte – muitas quais recém-transferidas de

política de A a Z

Crise de relações internacionais

O tema destas notas cursivas não são as relações Oeste-Este, os antagonismos do Pacto do Atlântico e do Pacto de Varsóvia, as contradições entre os países do Norte e os países do Sul, os desequilíbrios entre o Mundo do Desenvolvimento, tecnológico e capitalista, e o Terceiro Mundo dependente. O que nos preocupa, e deveria constituir preocupação para os governantes e para a «classe política», é a crise bem patente, das relações internacionais entre Portugal e os países africanos de expressão oficial portuguesa. A confirmação do seu «apoio indefectível ao povo Maubere, na luta pela sua independência», expressa, solene e firmemente, na reunião de Bissau, coloca o Governo PS-PSD numa situação difícil.

Não poderá furtar-se o Governo PS-PSD às incidências negativas do caso de Timor-Leste nas relações com Moçambique, Angola, a Guiné-Bissau, Cabo Verde, S. Tomé. Estes cinco países não aprovam que se ceda perante a força e a influência da Indonésia, e que, por preconceito político, não se reconheça a representatividade e o esforço resistente da FRETILIN.

Já não é possível ignorar os factos da invasão da ocupação e da repressão, a extensão e frequência de operações de guerra, o verdadeiro genocídio da população maubere, a transferência de populações dos territórios da Indonésia para Timor-Leste.

Um semanário de Lisboa publicava sábado passado extractos de uma carta nos quais se reconhecia a resistência efectiva organizada e dirigida pela FRETILIN e se informava da crescente presença militar indonésia no território de Timor-Leste, com tanques, carros de assalto, artilharia. Citamos: «Estimativa: 30 a 40 mil soldados. As populações estão encurraladas nas vilas e aldeias. Não podem procurar alimentos. Há uma contínua pressão e vigilância dos militares indonésios para com o povo. Em muitas vilas e aldeias, por exemplo Baguia e Los Palos, o povo é chamado duas vezes por dia, um por um, de manhã às 5.30 e à tarde às 4 horas. Nos meses de Março, Abril e Maio em várias zonas (...) os homens e jovens foram obrigados a irem com os militares fazerem batidas pelas montanhas à procura da resistência armada. Os militares apenas davam ao povo um pouco de milho. Estas operações duravam uma semana ou 15 dias (...) O resultado operacional militar foi nulo.» («Expresso», 11/8/1984).

A ocupação estrangeira promove uma repressão violenta. Os direitos humanos e as liberdades políticas num território do qual Portugal é responsável perante a Comunidade Internacional, são calcados pelas forças militares e as autoridades de ocupação. Lê-se na carta a que nos referimos:

«(...) Muitos presos políticos apanhados em Agosto, Setembro e Outubro de 1983 foram torturados de várias formas. Alguns morreram devido aos maus tratos (...) Entre eles ia uma senhora timorense que tinha dado à luz uma criança na cadeia. O bebé ia amarrado com cadeias nos bracinhos, aos braços da mãe que o levava ao colo.

«(...) No 'suku' (circunscrição administrativa pequena) de Kota Boot, perto de Hau Ba, todos os homens e rapazes desapareceram. Eram levados pelos 'tentaras' (militares), mortos e lançados ao capim; os búfalos comiam os seus corpos. Há testemunhos oculares do sucedido. As testemunhas falam de um extermínio completo da população.

«(...) No dia 30 de Maio: Tomás da Silva, Jacinto da Silva, Vicente de Freitas, naturais de Bucoli, foram presos e levados para Baucau. Foram mortos em Baucau à meia-noite pelos «tentaras». Motivos: porque tinham contactos com a FRETILIN.

«Pelo mês de Maio cerca de 100 pessoas de Allas, a maioria homens e rapazes, foram presos e levados para Same. Entre eles estava o Camat de Allas e o seu «staf». Em Same foram torturados terrivelmente para confessarem que tiveram contactos com a FRETILIN. Uma testemunha afirma que ouvia os gritos lancinantes das vítimas e que nem sequer podia dormir.

«Em fins de Maio, princípios de Junho, na povoação de Leoma, perto de Bazar-Tete, os «tentaras» começaram a prender e matar muitos homens e rapazes. Alguns conseguiram fugir e ocultar-se noutras povoações ou familiares.

«No dia 15 de Maio, na vila de Laleia, foi visto publicamente um «tentara» indonésio a chutar na rua uma cabeça, parece que era de um rapaz. Toda a população presenciava em silêncio sem dizer palavra ou manifestar qualquer reacção. O medo obriga o povo a calar os seus mais vivos sentimentos de repulsa.» («Expresso», 11/8/1984).

A autodeterminação de Timor-Leste está prejudicada pela ocupação militar indonésia, pela repressão, pelo genocídio do Povo Maubere, pela política de transferência de populações. Os dignitários da Igreja de Timor reconhecem a situação. A FRETILIN denuncia onde lhe dão a palavra. À luz das declarações de Mari Alkatiri no seu regresso de Bissau, as autoridades portuguesas, e concretamente o Governo PS-PSD, não se mostram interessados em dialogar com a FRETILIN, em manter contactos com a organização que, no terreno, como o ocupante acusa, promove a resistência armada do Povo Maubere.

A reunião de Bissau deveria assumir, como assumiu, e não só no que ao problema de Timor-Leste se refere, uma atitude crítica em relação à política portuguesa. E a coincidência da visita de Perez de Cuellar, secretário-geral da ONU, com o trânsito por Lisboa dos ministros dos Negócios Estrangeiros de Angola, de Moçambique, da Guiné-Bissau, de Cabo Verde e de S. Tomé, terá chamado a atenção do alto funcionário internacional para a crise das relações entre Portugal e os cinco países africanos. Pela sua política hesitante, sinuosa, em relação à situação dramática de Timor-Leste, Portugal perde terreno, autoridade, capacidade de diálogo e de intervenção, em África.

Da situação actual de crise não sairemos com a viagem do Primeiro-Ministro a Moçambique, se, como é tendência da orientação governativa, se prentenderem isolar os problemas, rodear as dificuldades, adiar os esclarecimentos, balancear entre as conversações bilaterais, as cimeiras não preparadas e as reuniões internacionais em que comparecemos vinculados a alianças e compromissos.

Os ministros Joaquim Chissano, de Moçambique, e Paulo Jorge de Angola, falaram em Lisboa uma linguagem franca, leal. As nossas «crises nacionais», no plano político e do relacionamento internacional, desde 25 de Abril de 1974, reflectem sempre as incidências do problema da descolonização e do reconhecimento verdadeiro da soberania dos países africanos de expressão oficial portuguesa.

O veneno da mentalidade colonialista, o europocentrismo dos mendicantes da Europa que somos, vícia as nossas relações. Os compromissos e superstições do Governo PS-PSD em matéria de política internacional revelam-se impeditivos de um relacionamento sincero e positivo. Os países africanos desconfiam, naturalmente, de quem dá abrigo, senão apoio, aos seus inimigos, e desaprovam a política de recuo perante a causa da liberdade e da vida do povo de Timor-Leste.

ponto a ponto

O presidente do Zaire, Mobuto Sese Seko, fez compras em Portugal no valor de quatro milhões de dólares, cerca de 600 mil contos — refere o jornalista Carlos Castilho na «Folha de S. Paulo». Segundo aquele jornalista brasileiro, o presidente do Zaire adquiriu por um milhão e 300 mil dólares, cerca de 195 mil contos, um palacete e um espaçoso terreno perto da Praia da Rocha, Algarve, tendo gasto mais de 150 mil dólares na compra de móveis e outros artigos. Carlos Castilho acrescenta que Mobuto comprou, ainda, dois autocarros e um automóvel blindado de conhecida marca alemã, uma quinta no valor de 1600 mil dólares, cerca de 240 mil contos, em Pregais, e outros bens que levou para o Zaire.

A Secretaria de Estado das Obras Públicas adjudicou a construção de cinco escolas secundárias, no valor de 500 mil contos. As novas escolas secundárias vão se construídas em Fiães, Pinhel, Mortágua, Montalegre e Vilaverde (Braga), no âmbito do acordo com a CEE. A Secretaria de Estado das Obras Públicas assinou o contrato de construção de mais 19 escolas secundárias e, ainda, do novo edifício para instalação dos arquivos actualmente depositados na Torre do Tombo.

O chefe de estado e líder do Partido Comunista da Bulgária, Teodor Jivkov, recebeu em Sófia o secretário-geral do Partido Comunista Português. Álvaro Cunhal. Os dois dirigentes comunistas analisaram, com particular atenção, segundo a agência noticiosa búlgara «BTA», «a grave situação internacional derivada da política agressiva dos círculos imperialistas dos Estados Unidos e da NATO». Jivkov e Cunhal fizeram um apelo para que «cesse a confrontação e se retome o diálogo numa base de igualdade, cooperação e mútuo benefício entre os sistemas dos seus respectivos países». Álvaro Cunhal condenou «a campanha maliciosa orquestrada pelos círculos mais reaccionários do imperialismo para injuriar a Bulgária e envenenar a atmosfera internacional».

O líder socialista na Madeira, Emanuel Jardim Fernandes, encabeça a lista de candidatos do PS pelo concelho do Funchal para as eleições legislativas regionais a realizar a 14 de Outubro próximo. Em conferência de Imprensa, Jardim Fernandes apresentou os cabeças de lista por todos os concelhos da região. Jardim Fernandes disse que as listas de condidatos pelo PS «são compostas por quadros jovens, militantes socialistas, simpatizantes e independentes», adiantando também que «as listas integram quadros das zonas rurais».

O mercado da Arte sob o martelo do dólar

Françoise Gersaint Le Monde/DL

A americanização do mercado de obras de arte está a prosseguir em cadência acelerada. Há uns meses a compra de Sotheby's a primeira empresa de vendas em leilão do mundo, por um homem de negócios americano, Alfred Taubman, foi o episódio mais marcante. O deus dólar acabou por levar de vencida dois séculos de tradições britânicas.

Nas salas de vendas do mundo inteiro, seja em Londres ou em Paris, em Génova ou em Mónaco, em Tóquio ou em Hong-Kong, os americanos estão sempre presentes para cobrirem os lances mais altos. E são ainda eles, os seus conselheiros artísticos ou os agentes ao seu serviço que, nas casas dos melhores antiquários da velha Europa, fazem razias nas melhores peças. É a golpes de notas verdes que se estão a constituir espantosas colecções de pintura e que os museus e as fundações americanas atraem as obras dos maiores artistas de ontem e de hoje.

Só em Nova Iorque há mais de 500 galerias de arte – muitas das quais recém-transferidas de Paris, Londres e Bruxelas – apresentam as vedetas da arte contemporânea.

«O paraíso artístico é a América», escreve um especialista do mercado de arte, Francis Spar, que foi um dos primeiros a ter-se apercebido da extensão deste fenómeno irresistível.

«O tempo em que o *avant-garde* do século XX se localizava em Paris, acabou». Poder-se-ia acrescentar que acabaram também as grandes colecções europeias de prataria e de jóias, de porcelanas e faianças, dos quadros dos mestres flamengos ou dos impressionistas, dos móveis marchetados ou dos bronzes decorativos.

Os números acabam de confirmar – e de que maneira – o declínio francês no domínio da arte, declínio que, digam o que disserem, não tem ligação com as dificuldades económicas presentes, uma vez que o desinteresse dos amadores pelas obras do passado e pelas criações mais recentes já vem de há vários decénios.

Ao apresentar o relatório das actividades em 1983, a Companhia Parisiense dos Agentes Oficiais de Leilões, cujo produto ultrapassou, pela primeira vez, os mil milhões de francos – 1 035 328 471 F – o presidente Yannick Guilloux sublinhou que a maior parte dos compradores estrangeiros – a começar pelos americanos – era cada vez mais importante quando os lances ultrapassavam os 200 000 F. Para além disso, o número de obras adquiridas pelos museus e pelas fundações tende igualmente a crescer: acontece que, para além dos 500 000 francos o comprador mandatado por uma instituição é, muitas vezes, estrangeiro. Raras são as opções dos museus nacionais cujos meios financeiros – se bem que tenham sido aumentados - são estritamente limitados.

Estas constatações fazem ressaltar, como em negativo, a diminuição inqueitante dos compradores franceses que, em Paris como na província, têm que se contentar com pequenos lotes. De acordo com um documento da câmara nacional dos Agentes Oficiais de Leilões, o montante médio do lote vendido em leilão não chega a atingir os 500 francos. Os lotes inferiores a 6000 francos representam 98,72% do total das vendas francesas; os lotes superiores a 100 000 francos constituem apenas 1% do total... Por aqui se pode ver que sem a contribuição dos compradores de moeda forte estrangeiros o mercado francês dos móveis e das antiguidades ficaria reduzido às cómodas, armários e guarda-loiça as utilitários, às curiosidades e ao ferro-velho.

Os números apurados pelos «auctioneers» britânicos fazem baixar os braços aos agentes de leilão franceses. Enquanto que os oficiais ministeriais franceses se declaram «relativamente satisfeitos» com o crescimento do volume de negócios de 16% ao ano, as duas principais empresas de leilões do mundo, Sotheby's e Christie's, anunciam um aumento de 50% em relação ao ano anterior. Em conjunto, o volume de negócios da Sotheby's – perto de quatro mil milhões de francos – e da Christie's – mais de três mil milhões – representam sete vezes o volume dos oitenta e oito agentes de leilões parisienses. É um facto que essas formidáveis máquinas de moer ofertas estendem a sua actividade a todos os continentes – o que torna impossível qualquer comparação séria. Mas não se pode esquecer que, vinte anos atrás, Drouot mantinha-se ao nível dos seus rivais britânicos. Foi a partir dos anos 70 que a diferença se cavou de forma irreversível. E, a acreditar nos últimos números, a fraca progressão em percentagem de Drouot revela, sem dúvida, a inadaptação das vendas francesas ao mercado internacional. Também é preciso dizer, em abono dos nossos agentes oficiais, que um regime fiscal largamente desvantajoso – quer para os compradores quer para os vendedores – não lhes permite lutar com armas iguais com os seus concorrentes, que rapidamente eles vão classificar de desleais.

De facto, as razões desta disparidade vêm, essencialmente, da concepção obsoleta dos condutores dos leilões que se consideram não ser comerciantes e que se orgulham de ostentar um título de oficial do ministério atribuído pelo guarda dos selos. Isto leva-os a pretenderem manter-se afastados de toda a transacção comercial que não seja a de pura arbitragem, a golpes de martelo de marfim, entre a oferta e a procura. Este conservadorismo, imposto pelo seu estatuto, ao qual se vem juntar um demasiado laxismo em relação a um pessoal secretamente ao serviço dos comerciantes, trava qualquer acção enérgica que permitisse oferecer, aos amadores da arte, o melhor serviço possível. Está prevista uma reforma para actualizar o estatuto dos oficiais de leilões – o qual remonta a Henrique II! – mas o «esquema evolutivo» em estudo na chancelaria – já rejeitado pelo conjunto dos profissionais – não parece vir a alterar rapidamente o estado de coisas actual.

A gestão de uma grande organização de vendas em leilão não se processa sem algumas quebras. Sotheby's, que já vem de longe, teve que anunciar, pela primeira vez em dois séculos, um balanço negativo: uma perda superior a três milhões de libras esterlinas, enquanto que, no ano anterior, a firma tinha conseguido um lucro de sete milhões. Para sair deste mau passo, Sotheby's teve que fechar várias das suas salas de vendas e dispensar 30%

Continua na pág. 18

VI Assembleia da JOC considera

Principal problema dos jovens portugueses é o desemprego

A VI Assembleia Nacional da Juventude Operária Católica (JOC) considerou, no sábado, em Aveiro, que o desemprego é o principal problema dos jovens em Portugal.

Reunida desde o passado dia 5 na localidade de Eirol, a assembleia teve como principal objectivo «implementar o trabalho organizativo junto dos jovens trabalhadores dentro da perspectiva de que não existe uma política que responda aos seus problemas», disse o presidente da organização, Joaquim Tavares.

Salientou que os contratos a prazo constituem outra das principais dificuldades dos jovens trabalhadores já que «cerca de 98 por cento dos primeiros empregos são conseguidos dessa forma».

Sobre os salários em atraso, Joaquim Tavares afirmou que são, presentemente, outro dos grandes problemas dos jovens trabalhadores, sobretudo no distrito de Setúbal e em algumas pequenas empresas têxteis do norte do país. A propósito, denunciou que existem até empresas, em especial no ramo das confecções, que contratam trabalhadores à experiência para, ao fim de um mês ou mais de trabalho, os despedirem sem qualquer remuneração.

Revelou ainda que muitos membros da JOC não puderam participar nos trabalhos da Assembleia porque os respectivos patrões «não os deixaram vir».

Droga e prostituição

Os cerca de noventa participantes na Assembleia concluíram também, que os problemas originados pelo desemprego e não pagamento de salários levam os jovens a drogarem-se e a prostituírem-se como formas de fugirem à realidade e conseguirem dinheiro para sobreviver.

Outra das conclusões aponta para a necessidade de não só reivindicar, «mas também criar alernativas» que possam solucionar pelo menos alguns dos problemas actuais.

Neste último aspecto, foi referida a perspectiva cooperativista como solução no domínio do trabalho e da habitação, tendo sido apontado o exemplo de um agrupamento de jovens católicos de São Romão, na Serra da Estrela, que estão a organizar-se numa cooperativa de exploração agro-pecuária.

A Assembleia da JOC deliberou reafirmar a sua condição de movimento de acção católica, para o que vai insistir junto da hierarquia da igreja para que o seu reconhecimento como tal se concretize rapidamente.

Durante os trabalhos, foi rejeitada «quase por unanimidade», uma proposta de alteração dos estatutos, apresentada pela JOC de Lisboa, segundo a qual a designação do movimento deveria passar de Juventude Operária Católica para Juventude Operária Cristã. Nas suas declarações, Joaquim Tavares disse que a JOC «por princípio não está fechada a nenhum jovem, quaisquer que sejam as suas condições religiosas, desde que – frisou – não seja posta em causa a perspectiva fundamental do movimento, que é um projecto de Jesus Cristo».

Ano Internacional da Juventude

O presidente da JOC anunciou, por outro lado, que, em 1985, a JOC vai comemorar o Ano Internacional da Juventude que coincide com o primeiro cinquentenário da criação da organização.

Salientou que aquelas comemorações culminarão com um grande encontro nacional de jovens, a realizar em Novembro, no centro do país, e que até lá se procurará incentivar os animadores da JOC para que cheguem ao maior número possível de jovens, a fim de os organizar em grupos.

A assembleia deliberou ainda aprofundar a análise dos problemas da Juventude, bem como as experiências de alternativa que já se estão vivendo, com vista a apresentar ao Governo um caderno reivindicativo sobre esses problemas.

Outras das conclusões aponta para a reivindicação, junto da hierarquia da igreja católica, de que seja dada «mais atenção aos problemas dos jovens para que seja nomeado urgentemente um assistente para a JOC».

Unitários têm maioria em quase todas as grandes empresas de Lisboa

O movimento unitário continua a ter um papel «determinante e predominante em praticamente todas as grandes empresas industriais do distrito de Lisboa».

A conclusão é da Comissão Coordenadora das CT's da CIL (cintura industrial de Lisboa) após o levantamento que fez aos resultados obtidos nas eleições para as comissões de trabalhadores nas empresas da região, ocorrido no primeiro semestre deste ano.

Assim, refere o documento daquela estrutura sindical, em 20 empresas com mais de mil trabalhadores, situadas na margem norte do Tejo, as listas unitárias detêm todos os mandatos em 6 e dispõem da maioria absoluta em 10. «Nas restantes quatro os divisionistas dispõem de uma maioria absoluta».

Em 100 pequenas e médias empresas com CT's, a amostragem conclui que as listas unitárias conseguiram a totalidade dos mandatos em 30 e possuem maioria absolutas em 62. Nas restantes oito «predominam listas de independentes, salvo um ou dois casos onde os divisionista têm maioria».

Por outro lado, e de acordo com a mesma fonte, enquanto no sector dos transportes, designadamente, na CP, RN, Carris e Metro os unitários detêm ainda uma proporção de força bastante superior – os «reformistas» têm maioria apenas na TAP e na Marinha Mercante – o mesmo não se verifica nos serviços, onde «a situação é mais equilibrada».

A Coordenadora da CIL reconhece, no entanto, que houve uma quebra de cerca de cinco por cento na percentagem dos trabalhadores que participaram nas votações para as eleições das CT's. A explicar este facto está, segundo aquela estrutura sindical, o aumento de desemprgo e dos despedimentos, o escândalo dos contratos a prazo, a falência, o encerramento de muitas empresas e os salários em atraso.

Bicicletas Vilar "atrasam-se" no subsídio de férias

Porto, 11 — Os delegados sindicais da Fábrica de Bicicletas Vilar e o Sindicato dos Metalúrgicos do Porto insurgem-se, em comunicado ontem distribuído naquela empresa de que é administrador o dr. António Macedo, presidente do PS, contra o não pagamento do subsídio de férias aos trabalhadores.

«Entre retroactivos do CCTV, subsídios de férias e de Natal em atraso, a Vilar deve cerca de 14 mil contos», salienta o Sindicato dos Metalúrgicos.

O comunicado refere que «os trabalhadores da Vilar têm consciência de que a empresa atravessa dificuldades». No entanto, são «conhecidos factos recentes que injustificam os sacrifícios a que os trabalhadores têm sido sujeitos pela administração».

Assim, «há cerca de um mês foi assinalada da concordata com os credores da empresa, que a livrou de mais de 100 mil contos de dívidas». É do conhecimento público, diz o Sindicato dos Metalúrgicos, que «os sócios da Vilar são donos de outras firmas que gozam de melhor situação» financeira.

O comunicado denuncia depois a compra «nos últimos meses, por sócios da empresa, de carros de luxo de milhares de contos».

«Assim gerido, o dinheiro da empresa não pode chegar para pagar aos trabalhadores», afirmam os delegados e a direcção do Sindicato dos Metalúrgicos.

VENDE-SE

OU TRESPASSA-SE

Café em Lisboa bem situado c/grande área T. 31 14 40

LEIA NAS FÉRIAS
OS GRANDES ÊXITOS
DA TELEVISÃO PUBLICADOS
PELA SUA EDITORA
LIVROS DO BRASIL

antena

AGATHA CHRISTIE
— Um crime no Expresso do Oriente
— Morte no Nilo
JOHN STEINBECK
— O Inverno do Nosso Descontentamento
— A Leste do Paraíso
— O Potro Vermelho
GEORGE ORWELL
— Homenagem à Catalunha
PAUL SCOTT
— A Jóia da Coroa
'ALVIN TOFFLER
— A Terceira Vaga
MICKEY SPILLANE
Mike Hammer

LIVRO O BRASIL
R. dos Caetanos, 22 • 1200 LISBOA
R. de Ceuta, 80 • 4000 PORTO

MUNICIPIO DE ALMADA
CÂMARA MUNICIPAL

REGULAMENTO PARA ATRIBUIÇÃO DE BOLSAS DE ESTUDO

ARTIGO 1.º — Visando reduzir os efeitos das desigualdades sociais que impedem o acesso à escola de jovens com dificuldades económicas, a Câmara Municipal de Almada atribuirá anualmente bolsas de estudo a alunos com bom aproveitamento escolar, que pretendam prosseguir estudos superiores em estabelecimentos de ensino oficial.

ARTIGO 2.º — O número de bolsas de estudo a conceder será estabelecido anualmente, face à verba orçamentada para o efeito, na presunção do integral cumprimento da Lei das Finanças Locais.

2.1. — O não cumprimento na íntegra desta Lei implicará ajustamentos proporcionais às receitas efectivas.

ARTIGO 3.º — As candidaturas a bolsas de estudo deverão ser apresentadas de 16 de Agosto a 20 de Setembro.

ARTIGO 4.º — Os pretendentes às bolsas de estudo, ou quando se trate de menores de 18 anos, seus pais ou responsáveis pela sua educação, formalizarão os pedidos de concessão subscrevendo requerimento onde se identificará o interessado indicando o seu nome completo, filiação, data de nascimento, estado, profissão e residência.

ARTIGO 5.º — O requerimento referido no artigo anterior será acompanhado dos seguintes documentos:

a) Atestado de residência;

b) Certidão do aproveitamento escolar registado no ano lectivo anterior;

c) Declarações comprovativas dos rendimentos do agregado familiar, e sua origem, bem como dos impostos pagos no ano civil anterior ao lectivo a que refere o pedido de bolsa;

d) Ficha-inquérito (a fornecer pela Câmara Municipal), devidamente preenchida ou confirmada, onde para além da composição do agregado familiar, serão referidos o regime de propriedade da respectiva habitação, renda mensal e declarada a inexistência de outras bolsas de estudo ou vantagens equivalentes.

ARTIGO 6.º — Para poderem candidatar-se à atribuição de bolsas os interesses devem reunir as seguintes condições:

a) Residirem no concelho há mais de três anos;

b) Não disporem por si, ou pelos responsáveis pela sua educação, de meios bastantes para custearem os encargos respectivos;

c) Terem bom aproveitamento escolar;

d) Não possuirem já habilitação, ou curso equivalente, àquele que pretendem frequentar.

FENPROF den

ME: tor doentes

A Federação Nacional Professores (Fenprof) insu -se contra o despacho que a atribuição de reduções de rário para docentes incapa dos que considera lesivo pa classe e para os alunos.

Exemplo do que o despa está a provocar – disse à A um dirigente da Fenprof – caso de «uma professora p plégica que para se ouvir que falar ao ouvido do interl tor e que viu indeferido o re rimento para beneficiar da fa dade de ter outras tarefas não impliquem contacto cor alunos».

António Teodoro, do Secr riado Nacional da Fenprof, tou ainda como casos concr que justificam as críticas da trutura sindical, os de uma fessora que sofre de proble de contenação urinária e c que padece de deficiência c nária grave e que devido ao despacho viram indeferidas duções de horário.

O despacho do secretári Estado do Ensino Básico e cundário – afirmou António odoro – baseia-se numa de

PS de Vila Rea

Louvor e crítica a Manuela de Aguiar

A Federação Distrital de Real do Partido Socia congratulou-se, em com cado, com a abertura de delegação da secretaria de tado da Emigração, em Cha

Refere o comunicado «também em matéria de emi ção é necessário passar das lavras aos actos e, os emig tes transmontanos exigem a quer na defesa dos seus dire e interesses nos países trabalham, quer na concret ção de planos e projectos de senvolvimento, económ mente viáveis, na sua regiã

Contudo, a federação dis de Vila Real do PS afirma re que a delegação abra co nada ao malogro, se se co mar a nomeação, pela secre de Estado da Emigração, nuela Aguiar, para respons da mulher do deputado do residente em Chaves, João xeira, nomeadamente pela falta de experiência.

Dia Internacional da Alfabetiza – 8 de Setemb

O Dia Internacional da Alf tização (8 de Setembro) foi tuído em 1966 pela Confer Geral da Unesco na sua sessão.

Desde essa data tem sid memorado com diversas ini vas, nos Estados membro Unesco, nomeadamente em tugal.

Tendo em vista as cele ções deste Dia Internacion corrente ano, a Unesco en às Comissões Nacionais texto de sugestões, o qual ser procurado no Ministério Negócios Estrangeiros (Co são Nacional da Unesco).

FENPROF denuncia

ME: tornar inválidos professores doentes ou obrigá-los ao absentismo

A Federação Nacional dos Professores (Fenprof) insurgir-se contra o despacho que altera a atribuição de reduções de horário para docentes incapacitados que considera lesivo para a classe e para os alunos.

Exemplo do que o despacho está a provocar – disse à ANOP um dirigente da Fenprof – é o caso de «uma professora paraplégica que para se ouvir tem que falar ao ouvido do interlocutor e que viu indeferido o requerimento para beneficiar da faculdade de ter outras tarefas que não impliquem contacto com os alunos».

António Teodoro, do Secretariado Nacional da Fenprof, relatou ainda como casos concretos que justificam as críticas da estrutura sindical, os de uma professora que sofre de problemas de contenação urinária e outra que padece de deficiência coronária grave e que devido ao novo despacho viram indeferidas reduções de horário.

O despacho do secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário – afirmou António Teodoro – baseia-se numa definição de doenças profissionais na função pública que data do início do século e praticamente apenas contempla a tuberculose.

O dirigente sindical acrescentou que as decisões sobre reduções de horário por incapacidades físicas ou psíquicas têm partido de funcionários administrativos, o que classificou de «pelo menos absurdo» já que anteriormente decorriam de pareceres de uma junta médica do Ministério.

Consequências

O despacho – na opinião de António Teodoro – vai ter como consequência que professores que antes tinham reduções de horário ou estavam colocados noutras tarefas, que não o contacto com os alunos, o vão tentar leccionar.

No primeiro caso – disse – como não haverá professores substitutos serão os alunos os prejudicados – «e daí que afirmemos que é o próprio Ministério que favorece que não haja aulas».

No segundo caso – acrescentou – teremos professores submetidos a «um esforço de tal ordem que inevitavelmente se repercutirão no seu estado de saúde».

António Teodoro afirma que foi perante esta circunstância que a Fenprof decidiu que levará a Tribunal Cível «todos os casos que vitimem professores».

O dirigente sindical estimou em cerca de dois mil os professores com reduções de horário parciais ou totais por incapacidades reconhecidas por Junta Médica do Ministério e considerou que na origem do despacho está «uma política de redução de custos em todo o lado».

António Teodoro acrescentou que esse mesmo objectivo está na origem de outras medidas do Ministério da Educação como seja «a extinção dos tempos livres no Ensino Preparatório» que colocará 500 professores no desemprego e a tentativa de retirar o subsídio de alimentação aos professores.

António Teodoro precisou que na opinião da Fenprof o despacho sobre a atribuição de reduções de horário visa de imediato conseguir que os professores abrangidos tenham que ir para as reformas antecipadas.

O Ministério – acrescentou – vai argumentar com alguns casos bem conhecidos de pessoas que beneficiaram indevidamente das reduções de horário.

«Mas o que é preciso destacar – afirmou – é que não eram as pessoas que escolhiam a Junta Médica, mas sim o Ministério, pelo que é deste a responsabilidade».

O dirigente sindical contestou ainda que «devido a alguns casos todos venham a comer pela mesma medida».

A Fenprof considerou que «nem Odorico se lembraria de publicar» um despacho com aquele teor e lançou a interrogação – «quem assume a responsabilidade pelo risco de vida a que ficam colocados alguns professores...?»

Uma velha aspiração

Fundo de Abastecimento "viaja" para os Açores

O Fundo de Abastecimento vai ter as suas competências transferidas para os Açores, provavelmente até Setembro, anunciou uma fonte oficial.

A decisão – satisfazendo uma aspiração açoriana, manifesta desde o período de aprovação do estatuto de autonomia – foi tomada numa reunião no Gabinete do ministro da República para os Açores, em que participaram o general Conceição e Silva, o secretário de Estado do Orçamento, Alípio Dias, e os secretários Regionais das Finanças e Comércio e Indústria, respectivamente Álvaro Dâmaso e Natalino Viveiros.

«Esta transferência vai ter lugar muito em breve, não devendo ultrapassar o próximo mês de Setembro», segundo a informação oficial. Na reunião, foram também definidas «as condições em que se vai processar a transferência das competências» do Fundo para a região.

Folhetim prossegue

Mota Pinto critica NATO e admite "alternativas" para a compra das fragatas

«Se os apoios tardarem temos outras alternativas para quem tiver melhor cobertura financeira» – considerou em Portimão o ministro da Defesa, Mota Pinto, a propósito da ausência ainda de garantias dos aliados da NATO para a aquisição de três fragatas anti-submarinas para a Armada portuguesa.

Em conversa com os jornalistas, a bordo da corveta «João Roby» fundeada em Portimão após uma viagem de cortesia e instrução de cadetes à Guiné, a Cabo-Verde e a S. Tomé e Príncipe o titular da Defesa e vice-primeiro-ministro sublinhou os elevados custos das fragatas, acrescentando que Portugal atribuirá uma soma de 30 por cento do total.

«Os nossos aliados contribuem no quadro das verbas que se inserem na ajuda geral relacionada com as facilidades que Portugal dá a esses países no domínio estratégico», disse ainda, referindo-se em particular, aos Estados Unidos, dando como exemplo a base das Lajes e a futura estação da radares a contruir em Almodôvar (Alentejo).

Segundo o ministro, a NATO precisa de «passar das promessas às intenções efectivas» de modo a que Portugal possa ter uma cobertura integral para adquirir as fragatas.

Recorde-se que a questão das três fragatas já se arrasta há alguns anos, com sucessivas mudanças de projectos e construtores, sem que o Governo português tenha, até ao momento, obtido as necessárias garantias e apoios financeiros por parte da NATO.

«Política africana»

Referindo-se à viagem que as corvetas «João Roby» e «Honório Barreto» (com venda prevista para obtenção de fundos necessários à compra das fragatas) fizeram a países de expressão portuguesa, Mota Pinto considerou a iniciativa «óptima», para que Portugal possa dimensionar a política africana, mesmo quando pensa na CEE.

Adiantou o ministro que a cooperação das Forças Armadas, no caso particular da Marinha, se irá intensificar com os países de expressão portuguesa africanos, admitindo apoio ao patrulhamento e fiscalização dos mares em zona económica exclusiva daqueles países.

PS de Vila Real

Louvor e crítica a Manuela de Aguiar

A Federação Distrital de Vila Real do Partido Socialista congratulou-se, em comunicado, com a abertura de uma delegação da secretaria de estado da Emigração, em Chaves.

Refere o comunicado que «também em matéria de emigração é necessário passar das palavras aos actos e, os emigrantes transmontanos exigem actos quer na defesa dos seus direitos e interesses nos países onde trabalham, quer na concretização de planos e projectos de desenvolvimento, economicamente viáveis, na sua região».

Contudo, a federação distrital de Vila Real do PS afirma recear que a delegação abra condenada ao malogro, se se confirmar a nomeação, pela secretária de Estado da Emigração, Manuela Aguiar, para responsável, da mulher do deputado do PSD residente em Chaves, João Teixeira, nomeadamente pela sua falta de experiência.

Armando Lopes promete viabilizar o INSCOOP

O secretário de Estado do Fomento Cooperativo, Armando Lopes, considerou ser necessário «inverter definitivamente» o processo de degradação do Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo (INSCOOP).

«A degradação permanente do Instituto tem conduzido a situações verdadeiramente inadmissíveis» — frisou Armando Lopes, no decorrer da posse do novo conselho directivo do INSCOOP.

Exemplificando, disse que o INSCOOP apenas tem em serviço efectivo um técnico habilitado a ministrar a formação de cooperadores, uma das principais funções do Instituto, e que sofre de «uma debilidade total de meios humanos» para a assistência técnica às cooperativas.

Segundo o secretário de Estado, a nova direcção — Manuel Gouveia e Cassio, presidente, António Silva Baptista e Fernando Baptista Nogueira, vice-presidentes — foi escolhida tendo em atenção a experiência dos seus membros no campo da gestão e da política de emprego.

«A tarefa principal que neste momento se impõe à Secretaria de Estado do Fomento Cooperativo — disse ainda Armando Lopes — é a de vitalizar um instituto adormecido, preencher os seus quadros com técnicos de reconhecida competência e pô-lo em funcionamento num apoio total ao movimento cooperativo».

Manuel Gouveia e Cassio disse, por seu turno, que «a situação do instituto relativamente a carências de pessoal é quase dramática — dos oitenta e quatro lugares cerca de trinta estão vagos.

Ministro louva agricultura

«A Agricultura, apesar de todas as dificuldades, é o sector mais resistente da economia portuguesa» — afirmou o ministro da Agricultura, Soares Costa, na cerimónia comemorativa do 6.º aniversário da Cooperativa de Olivicultores de Vila Flor.

«É por isso, também, que ele é um sector prioritário nas nossas preocupações» — declarou ainda o ministro que, aludindo aos diferentes problemas e questões que envolvem o sector agrícola, acentuou que «se este vive dificuldades, outros haverá que vivem dificuldades maiores. E disso é bom que todos tenhamos consciência».

D. António nega existência de "problemas graves" entre a Igreja e o Estado

As relações entre a Igreja e o Governo português«não apresentam problemas graves» – declarou o Cardeal-Patriarca de Lisboa aos jornalistas, em São Paulo.

«Mas existem sempre pequenas dificuldades, que vamos superando com o diálogo. Os maiores problemas surgiram em 1975, logo depois da revolução» – acrescentou D. António Ribeiro.

A maioria das perguntas feitas ao Cardeal-Patriarca de Lisboa pelos jornalistas incidiu sobre a teologia da Libertação, a propósito do anunciado documento do Vaticano sobre o assunto.

O prelado português considerou haver aspectos «que coincidem com a doutrina da Igreja, quando prega a promoção dos homens, a justiça e a liberdade. Mas há outros aspectos, condenáveis, quando essa teologia se põe ao serviço de ideologias políticas, quando faz uso da análise marxista da realidade, o que a Igreja não aceita».

«A Igreja brasileira, de todas as da América Latina, é a que conheço melhor. A Igreja no Brasil tem a minha admiração pelo seu di amismo, actividade e equilíbrio. Por isso, não incluo o Brasil nos países para os quais ese documento do Vaticano sobre a teologia da libertação será necessário».

D. António Ribeiro afirmou ainda à Imprensa que «felizmente», em Portugal, «não temos, de forma significativa, uma penetração da Igreja mais progressista».

E explicitando o sentido que deu a palavra «felizmente» disse: «em meu entender, a missão da Igreja não é progressista nem retrógrada. A missão da Igreja é anunciar o Evangelho de Cristo. Não concebo Igreja progressista nem retrógrada».

Dia Internacional da Alfabetização – 8 de Setembro

O Dia Internacional da Alfabetização (8 de Setembro) foi instituído em 1966 pela Conferência Geral da Unesco na sua 14.ª sessão.

Desde essa data tem sido comemorado com diversas iniciativas, nos Estados membros da Unesco, nomeadamente em Portugal.

Tendo em vista as celebrações deste Dia Internacional no corrente ano, a Unesco enviou às Comissões Nacionais um texto de sugestões, o qual pode ser procurado no Ministério dos Negócios Estrangeiros (Comissão Nacional da Unesco).

Manuela Eanes foi ao artesanato a Vila do Conde

Manuela Eanes presidiu no domingo, em Vila do Conde, ao encerramento da 7.ª Feira Nacional de Artesanato daquela vila.

Organizada pelo pelouro do turismo da Câmara Municipal de Vila do Conde, a mostra teve a participação de cerca de 150 expositores de 80 concelhos do País e decorreu durante 12 dias.

Manuela Eanes, durante a visita que fez ao «stands» em exposição, salientou a importância do artesanato como um factor de desenvolvimento económico, pois cria novos postos de trabalho.

No certame estiveram em exposição centenas de produtos, desde artigos de vime, rendas, tapeçarias, pinturas, ourivesaria, até escultura e pintura.

ioria
s grandes
oa

gem conclui que as listas unitárias conseguiram a totalidade dos mandatos em 30 e possuem maioria absolutas em 62. Nas restantes oito «predominam listas de independentes, salvo um ou dois casos onde os divisionista têm maioria».

Por outro lado, e de acordo com a mesma fonte, enquanto no sector dos transportes, designadamente, na CP, RN, Carris e Metro os unitários detêm ainda uma proporção de força bastante superior – os «reformistas» têm maioria apenas na TAP e na Marinha Mercante – o mesmo não se verifica nos serviços, onde «a situação é mais equilibrada».

A Coordenadora da CIL reconhece, no entanto, que houve uma quebra de cerca de cinco por cento na percentagem dos trabalhadores que participaram nas votações para as eleições das CT's. A explicar este facto está, segundo aquela estrutura sindical, o aumento de desemprgo e dos despedimentos, o escândalo dos contratos a prazo, a falência, o encerramento de muitas empresas e os salários em atraso.

VENDE-SE
OU TRESPASSA-SE
Café em Lisboa bem situado c/grande área T. 31 14 40

E ALMADA
MUNICIPAL
IBUIÇÃO
DO
des sociais que impedem o
es económicas, a Câmara
bolsas de estudo a alunos
retendam prosseguir estu-
nsino oficial.
r será estabelecido anual-
efeito, na presunção do
Locais.
desta Lei implicará ajusta-
ão ser apresentadas de 16
quando se trate de meno-
áveis pela sua educação.
ubscrevendo requerimento
do o seu nome completo.
ssão e residência.
r será acompanhado dos
istado no ano lectivo ante-
mentos do agregado fami-
ostos pagos no ano civil
de bolsa;
a Municipal), devidamente
n da composição do agre-
propriedade da respectiva
existência de outras bolsas
de bolsas os interesses
s anos;
sáveis pela sua educação,
ncargos respectivos;
o equivalente, àquele que

Pedindo afastamento de secretário de Estado

Alijó ameaça com demissões por causa do preço do vinho

Os órgãos autárquicos do concelho de Alijó e os corpos directivos das cooperativas poderão demitir-se em bloco caso o Governo «não publique as tabelas propostas pela Casa do Douro para os vinhos de pasto da colheita de 1983».

Esta constitui a principal decisão de uma reunião realizada no sábado nos paços do concelho de Alijó, onde vitivinicultores, autarcas e responsáveis pelas adegas cooperativas do concelho debateram o problema das tabelas de escoamentro para osvinhos de pasto.

José Ribeiro, presiente da direcção da Adega Cooperativa de Alijó, disse que os «vitivinicultores usarão todos os meios de actuação que julguem necessários na defesa intransigente dos seus interesses e direitos, responsabilizando o Governo pelas consequências daí decorrentes».

Os vitivinicultores da Região Demarcada do Douro exigiram um documento aprovado por unanimidade que o Governo fixe com a maior brevidade os preços de intervenção para os vinhos de pasto produzidos na Região Demarcada do Douro da colheita de 1983.

Exigiram também que os preços de intervenção a fixar «sejam, no mínimo, os propostos pela casa do Douro, ou seja 26 escudos e 70 centavos/litro para vinho tinto e 23 escudos e 93 centavos/litro para vinho branco (categoria «A»).

Quanto à categoria «B!», exigem que o preço seja de 19 escudos e 80 centavos e que para o «B2» seja de sete escudos e 15 centavos.

O texto reivindicava ainda a «demissão imediata do secretário de Estado da Alimentação se continuar a teimar em não atender aos justos interesses dos viticultores do Douro».

Os homens transmontanos querem ver consagrados nos preços do vinho o esforço que lhe reconheram em vitrais da Casa do Douro.

60 mil pipas para escoar

O documento sugere que «seja respeitada a tradicional autonomia do Douro e que de uma vez por todas se dêem possibilidades aos vitivinicultores durienses de serem os únicos a decidir dos seus interesses e direitos, estipulando os preços de intervenção para todos os vinhos produzidos na região.

José Ribeiro disse ainda verse considerado no encontro que os custos de produção são os mais elevados do País e que, apesar de se consumirem na região cerca de 30 mil pipas e de comercializarem cerca de 50 mil, «há necessidade de se escoarem cerca de 60 mil pipas de vinho de pasto».

Quanto aos preços estipulados pela Casa do Douro para aquelas bebidas, o cooperativista disse que eles «apenas são superiores em cerca de 11 por cento aos da colheita de 1982» e que «os preços dos vinhos generosos sofreram um aumento de 25 a 41 por cento em relação à mesma colheita».

Os vitivinicultores criticaram o secretário de Estado da Alimentação por alegadamente «pretender impor uma tabela ruinosa para a viticultura duriense — a preços muito semelhantes aos da colheita de 1979».

Outro cooperativista presente disse que, dos 611.137 hectolitros de vinho produzidos na área da Casa do Douro, 33 por cento consistem em vinhos generosos e o restante é vinho de pasto do qual 25 a 30 por cento fica por escoar.

O não escoamento do vinho — disse aquele dirigente — deve-se ao facto de a região estar afastada dos grandes centros de consumo e de nem todos os vinhos de pasto serem «susceptíveis de comercialização, por não terem a graduação requerida».

Telegramas para Lisboa

O presidente do Município de Alijó, Aníbal Augusto Ferreira, disse que várias câmaras do concelho, incluindo a sua, enviaram já telegramas a membros do Governo solicitando a suspensão da tabela que o secretário de Estado da Alimentação pretende impor aos vitivinicultores da região duriense.

Também a União de Cooperativas, que agrupa 24 adegas de 22 concelhos dos distritos de Vila Real, Viseu, Guarda e Bragança, agrupando cerca de 15.500 dos 29 mil viticultores da região do Douro, enviou telegramas do mesmo teor a vários membros do Governo. solicitando a suspensão da tabela ,que o secretário de Estado da Alimentação pretende impor aos vitivinicultores da região duriense.

Também a União de Cooperativas, que agrupa 24 adegas de 22 concelhos dos distritos de Vila Real, Viseu, Guarda e Bragança, agrupando cerca de 15.500 dos 29 mil viticultores da região do Douro, enviou telegramas do mesmo treora vários membros do Governo.

Decisão idêntica foi tomada pelos partidos políticos concelhios que enviaram as cúpulas respectivas documentos em que chamam a atenção para o problema dos preços do vinho de pasto.

Uma cópia do documento final aprovado no encontro vai ser enviada ao Primeiro e vice-primeiro-ministros da Agricultura, Florestas e Alimentação e aos secretários de Estado da Alimentação e do Comércio Interno.

Um processo que durou um ano

Bairro do Cativo libertado da clandestinidade

O processo de legalização do bairro clandestino do Cativo, em Santa Iria da Azoia, entrou agora na sua fase decisiva, depois de um ano de espera sobre a decisão da Câmara de Loures, no sentido de proceder à sua recuperação.

A demora foi originada pela Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico que só agora se pronunciou sobre o processo que lhe foi enviado pela autarquia. Durante este intervalo, assinala a Câmara de Loures, verificou-se uma certa degradação do bairro do Cativo.

A degradação do bairro, no entanto, não atingiu limites insuportáveis porque a «Câmara Municipal procedeu como se o bairro estivesse aprovado, «desde o momento em que foi entregue o projecto de recuperação». Acrescenta a autarquia que «o atraso do parecer impossibilitou que tenha havido um verdadeiro e concreto procedimento legal, impeditivo da legalização do bairro».

O significado da legalização é a parte mais importante para quantos habitam o bairro. Tal significará «a implementação de infra-estruturas, espaços livres e equipamentos colectivos e sociais em moldes que possibilitem uma melhor vida e habitabilidade».

Por outro lado, lembra a Câmara, «os proprietários, a partir da legalização do bairro, podem legalizar também as suas residências desde que estas tenham condições consideradas indispensáveis para o efeito a que se destinam».

A iniciativa e responsabilidade da legalização do bairro do Cativo coube à Comissão de Moradores, tal como acontece em casos semelhantes noutros bairros. A autarquia intervém, depois, concretizando apoio técnico e material e o empréstimo de máquinas.

Abertura marcada para Setembro

Portela faz por saber quanto custa a creche

A APU de Moscavide alertou para a situação em que se encontra a creche da Portela, onde o ano lectivo recomeça em Setembro.

Segundo um comunicado da Aliança Povo Unido, «tal como em 1983 ninguém sabe quem vai gerir» aquele estabelecimento, «quais as tabelas de preços e quem vai ter 'direito' a ter lá os filhos».

A APU, em virtude de a creche não ser ainda uma Instituição Privada de Solidariedade Social (IPSS), conforme decisão da Assembleia de Freguesia, apresentou um requerimento para uma reunião extraordinária deste órgão.

Até ao momento, o pedido da APU, entregue a 17 de Julho, não obteve qualquer resposta, considerando o comunicado que «a Junta não quer discutir os assuntos em tempo útil e perante a população, a junta 'empata' à espera não se sabe bem de quê».

«No regresso de férias os pais encontrarão as novas tabelas de preços e, tal como no ano passado, é pagar ou largar» acrescenta o comunicado daquela força política.

A passagem da creche da Portela à IPSS, defendida pela APU, permitiria à Junta de Freguesia libertar para outros sectores verbas importantes, pois que só em 1983, refere o comunicado, aquele órgão autárquico atribuiu à creche 69 por cento das suas receitas (9.245 contos).

A APU declara ainda que o Ministério do Trabalho enviou ilegalmente, em Novembro de 1983, um total de 1.500 contos para a Junta de Freguesia de Moscavide, destinados especificamente à creche da Portela e ao longo de 1983 outra verba semelhante foi concedida pelo mesmo Ministério.

Ameaça de despejo sobre 200 pessoas

Folhetim da D. Carlos I segue na quarta-feira

Os ocupantes de três prédios situados na Avenida D. Carlos I, em Lisboa, conseguiram adiar até à quarta-feira da próxima semana a ordem de despejo colectivo que sobre eles impendia.

Nos três prédios, do 128 ao 132, habitam cerca de duas centenas de pessoas, incluindo mulheres, crianças, velhos e alguns doentes, que ontem protestaram junto dos representantes do senhorio e dos agentes da PSP, pela falta de alternativas para o seu caso.

«Estamos aqui porque não temos para onde ir. Nem temos meios para pagar uma renda de casa» – afirmaria um dos moradores, pretendendo desse modo sensibilizar as entidades oficiais e particularmente os competentes serviços camarários.

O representante do senhorio também rejeitaria quaisquer responsabilidades no caso, afirmando «aos proprietários não competem quaisquer encargos em matéria de assistência. Para isso existem os organismos públicos».

Mais tarde, os moradores ameaçados de despejo fizeram diligências junto dos serviços camarários, onde seriam informados de que nada poderá ser feito, por se tratarem de imóveis que não pertencem à edilidade. Por isso, não há possibilidade de atendimento dos pedidos de realojamento apresentados, muitos dos quais já correm os seus trâmites há qualquer coisa como três anos.

«A Câmara não tem casas» – alguém lhes disse.

Os três prédios que o senhorio agora pretende reaver tinham sido ocupados pouco depois do 25 de Abril de 1974 por um movimento político e organizações diversas, entre as quais algumas do movimento cooperativo. Mais tarde, com a saída de algumas dessas organizações, seria a oportunidade dos actuais moradores, alguns dos quais só chegariam à ocupação dos actuais espaços há três ou quatro anos.

Um funcionário do tribunal esclareceu ontem que os prédios estão para demolição e que os habitantes foram notificados desse facto, com prazo para saírem até ao passado dia 28 de Maio. Em meados de Julho, os funcionários do tribunal voltaram aos prédios, não tendo também dessa vez concretizado o despejo. O terceiro prazo foi então estabelecido para ontem, com o conselho de que os ocupantes deveriam solucionar o problema junto da Câmara.

Os habitantes mostram-se, entretanto, dispostos a abandonar o local, até porque ali já não existem condições de segurança, nem, sequer, casas de banho. O problema é que, dizem, embora tenham trabalho, não têm posses para pagarem rendas elevadas.

VENDE-SE

Propriedade com 104,000 m² com frente para a auto-estrada do sul, e via rápida de Caparica, junto ao Centro Sul, e ao Apoio Cristão Internacional.

Água abundante com 4 poços, luz à entrada, praticamente direita. Muito bom preço.

O próprio Tel.: 2260080 (das 9 às 20 horas) ou 2260713 (partir das 20 horas).

PREÇO: 300$00 (m²)

Promovida pelo PCP

Festa do Mar termina em Matosinhos

A oitava edição da «Festa do Mar» que anualmente se realiza em Matosinhos por iniciativa da comissão concelhia do PCP encerrou ontem com um comício-festa em que intervieram Edgar Correia, do Comité Central, e José Gonçalves, dirigente local.

Depois de afirmar que «a demissão do Governo PS/PSD se torna necessária, indispensável e urgente» Edgar Correia disse que «o povo português e o país não suportam por mais tempo o agravamento da situação económica e social provocada pela política do actual executivo».

Aquele membro suplente da Comissão Política do Comité Central do PCP falou ainda dos reflexos da «má política do Governo nos planos social e económico, e da desorientação que reina no seio do executivo quanto ao seu futuro».

José Gonçalves, membro da Comissão concelhia de Matosinhos referiu-se à situação autárquica no concelho e à situação social em si, dos salários em atraso e do «problema» da Mútua dos Pescadores.

A «Festa do Mar» que decorreu durante este fim-de-semana na quinta de Santiago, compreendeu hoje uma manhã infantil com jogos variados e de tarde houve um espactáculo com a participação de Samuel, Conjunto Resistência e Luís Guimarães.

Adeus Café Av

Braga

A Associação para a d
Estudo e Divulgação do
mónio Cultural (ASPA) ac
Câmara de proceder à «d
ção a retalho» da cida
Braga.

Em comunicado a ASP
posição face às deliberaç
edilidade de Braga em
um edifício de 1947 con
por «Café Avenida», uma
do interior do Teatro Circ
alguns prédios caracterís
centro histórico da cidade

«O executivo municipal
sabe muito bem o que faz»
ASPA a respeito do «Caf
nida», lembrando que a C
fez um projecto de remod
do imóvel «que certamen
custou umas largas cente
contos».

Depois – acrescenta a A
abriu dois concursos pú
para a concessão da explo
do café.

Por fim, «surpreendente
decide eliminar o mal pel
decretando a demolição d
fício» – acentua o comunic
ASPA.

As obras no interior do T
Circo são consideradas
«atentado contra a unida
coerência arquitectónica
edifício» ao pretender-se
truir uma unidade autóno
vários pisos para instalaç
uma dependência bancári

A ASPA acusa, ainda,
mara de não ter consultad
viamente o Instituto Port
do Património Cultural e ap
Governo Civil para a «u
reposição da legalidade
dida».

A reconversão urbanísti

"Tropa" mu em Castelo

A preservação de espaç
actuais instalações militare
fins hoteleiros e culturais
fendida pelo presidente do
cípio de Castelo Branco,
Vila Franca, em declaraç
ANOP.

O autarca considera o
edifícios ocupados pelos
res e a ceder à edilidade no
to de um acordo com o
Maior do Exército devem
tudados e programados no
ço urbano da cidade.

O quartel, instalado num
convento ocupa uma área
hectares, e segundo o ac

Porto anda da via de cir

O projecto de execução
de cintura interna no Porto,
ço via rápida ao nó do Am
cluindo o nó desnivelado
Norte foi assinado pelo m
do Equipamento Social.

Aquela obra, incluída
DAC/84, é considerada
mental como via distribu
tráfego da zona Norte d
evitando ainda o tráfego
sagem pela cidade.

O concurso para a ex
dos trabalhos realiza-se no
prevendo-se a abertura d
postas em 12 de Novembr

O ministro do Equipame
cial determinou ainda que
jecto de construção do se
troço da via de cintura inte

Governo ext

O Governo ordenou
Financiamentos Comerci
essa empresa exercido a
autorizada.

O processo remonta
vem hoje publicada no «D
guações levadas a cabo
do Banco de Portugal.

ou um ano

Cativo

tinidade

rocedimento legal, impeditivo da
galização do bairro».
O significado da legalização é a
arte mais importante para quan-
s habitam o bairro. Tal significa-
«a implementação de infra-es-
uturas, espaços livres e equipa-
entos colectivos e sociais em
oldes que possibilitem uma me-
or vida e habitabilidade».
Por outro lado, lembra a Câma-
, «os proprietários, a partir da
galização do bairro, podem le-
alizar também as suas residên-
as desde que estas tenham
ndições consideradas indis-
nsáveis para o efeito a que se
stinam».

A iniciativa e responsabilidade
a legalização do bairro do Cativo
oube à Comissão de Moradores,
l como acontece em casos se-
elhantes noutros bairros. A au-
rquia intervém, depois, concre-
zando apoio técnico e material e
empréstimo de máquinas.

ara Setembro

aber

reche

spera não se sabe bem de
uê».
«No regresso de férias os pais
ncontrarão as novas tabelas de
reços e, tal como no ano pas-
ado, é pagar ou largar» acres-
enta o comunicado daquela
orça política.
A passagem da creche da Por-
ela à IPSS, defendida pela APU,
ermitiria à Junta de Freguesia
bertar para outros sectores ver-
as importantes, pois que só em
983, refere o comunicado,
aquele órgão autárquico atribuiu
creche 69 por cento das suas
eceitas (9.245 contos).
A APU declara ainda que o
Ministério do Trabalho enviou
legalmente, em Novembro de
983, um total de 1.500 contos
ara a Junta de Freguesia de
Moscavide, destinados especifi-
camente à creche da Portela e ao
ongo de 1983 outra verba seme-
hante foi concedida pelo mesmo
Ministério.

P

rmina

verno nos planos social e eco-
nómico, e da desorientação que
reina no seio do executivo
quanto ao seu futuro».
José Gonçalves, membro da
Comissão concelhia de Matosi-
nhos referiu-se à situação autár-
quica no concelho e à situação
social em si, dos salários em
atraso e do «problema» da Mútua
dos Pescadores.

A «Festa do Mar» que decor-
reu durante este fim-de-semana
na quinta de Santiago, compre-
endeu hoje uma manhã infantil
com jogos variados e de tarde
houve um espactáculo com a
participação de Samuel, Con-
junto Resistência e Luís Guima-
rães.

O DE FRENTE!

Na estrada caminhe sempre pelo seu lado esquerdo

a circular e viver.

Adeus Café Avenida, Teatro Circo, centro histórico

Braga desaparece "a retalho"

A Associação para a defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural (ASPA) acusou a Câmara de proceder à «destruição a retalho» da cidade de Braga.

Em comunicado a ASPA toma posição face às deliberações da edilidade de Braga em demolir um edifício de 1947 conhecido por «Café Avenida», uma parte do interior do Teatro Circo e de alguns prédios característicos no centro histórico da cidade.

«O executivo municipal já não sabe muito bem o que faz» – diz a ASPA a respeito do «Café Avenida», lembrando que a Câmara fez um projecto de remodelação do imóvel «que certamente lhe custou umas largas centenas de contos».

Depois – acrescenta a ASPA – abriu dois concursos públicos para a concessão da exploração do café.

Por fim, «surpreendentemente decide eliminar o mal pela raiz, decretando a demolição do edifício» – acentua o comunicado da ASPA.

As obras no interior do Teatro Circo são consideradas um «atentado contra a unidadde e coerência arquitectónicas do edifício» ao pretender-se construir uma unidade autónoma de vários pisos para instalação de uma dependência bancária.

A ASPA acusa, ainda, a Câmara de não ter consultado previamente o Instituto Português do Património Cultural e apela ao Governo Civil para a «urgente reposição da legalidade ofendida».

A reconversão urbanística do quarteirão limitado pela Rua Justino Cruz é considerada uma «descaracterização selvagem do centro histórico da cidade».

A ASPA adianta ainda que há urbanizações projectadas para terrenos de especial aptidão agrícola.

O PCP de Braga criticou também a demolição do «Café Avenida» afirmando ser um «esbanjamento dos dinheiros públcios».

O centro histórico de Braga enfrenta a ameaça de cair a retalho.

"Tropa" muda de sítio em Castelo Branco

A preservação de espaços das actuais instalações militares para fins hoteleiros e culturais foi defendida pelo presidente do município de Castelo Branco, César Vila Franca, em declarações à ANOP.

O autarca considera que os edifícios ocupados pelos militares e a ceder à edilidade no âmbito de um acordo com o Estado Maior do Exército devem ser estudados e programados no espaço urbano da cidade.

O quartel, instalado num antigo convento ocupa uma área de 18 hectares, e segundo o acordo, a sua cedência realiza-se com o compromisso da autarquia de construir novas instalações.

César Vila Franca disse que, no âmbito do acordado, vão ser cedidos ao município 240 mil metros quadrados de terreno que coincidem com o campo de tiro do regimento de Infantaria local.

Na sua óptica, alguns espaços do antigo convento têm interesse arquitectónico e importa preservá-los.

O restante espaço «será um espaço comercial, cultural e habitacional».

Porto anda no caminho da via de cintura interna

O projecto de execução da via de cintura interna no Porto, no troço via rápida ao nó do Ameal, incluindo o nó desnivelado da via Norte foi assinado pelo ministro do Equipamento Social.

Aquela obra, incluída no PIDAC/84, é considerada fundamental como via distributiva de tráfego da zona Norte do Porto evitando ainda o tráfego de passagem pela cidade.

O concurso para a execução dos trabalhos realiza-se no dia 30 prevendo-se a abertura das propostas em 12 de Novembro.

O ministro do Equipamento Social determinou ainda que o projecto de construção do segundo troço da via de cintura interna entre o nó de Ameal e a Avenida Fernão de Magalhães, que irá ligar a futura auto-estrada para Famalicão e Braga deverá ficar concluído em Dezembro, tendo ainda sido decidido o início dos estudos da nova ponte rodoviária do Douro.

O concurso para a realização do troço entre Amarante e Campeã, que constituirá a nova travessia do Marão foi formalmente aberto, na sexta-feira depois da homologação do ministro do Equipamento Social.

A empreitada inclui uma extensão de 26 quilómetros e está orçamentada em 2,5 milhões de contos.

Governo extinguiu a COFIL

O Governo ordenou [illegible] a liquidação da COFIL — Companhia de Financiamentos Comerciais, SARL, após averiguação que provou ter essa empresa exercido actividades bancárias para as quais nunca fora autorizada.

O processo remonta a Dezembro de 1977 e a decisão do Governo vem hoje publicada no «Diário da República», na sequência de averiguações levadas a cabo pelo Departamento de Inspecção de Crédito do Banco de Portugal.

Cacela: mais dinheiro para o saneamento

A Assembleia Municipal de Vila Real de Santo António aprovou o reforço de mais de 56 mil contos nos empréstimos a contrair para obras de saneamento básico na freguesia de Cacela.

O reforço de verba destina-se à conclusão da segunda fase de construção das condutas adutoras, furos e depósitos para água, estações elevatórias e tratamento de esgotos.

A autarquia admite ser possível, com o mesmo reforço, realizar outras obras em sítios da freguesia de Cacela, para além dos previstos no projecto.

Com mais este reforço, ascende a 170 mil contos o esforço financeiro da Câmara de Vila Real de Santo António para dotar a freguesia de Cacela de infra-estruturas básicas.

Os empréstimos vão ser contraídos junto da Caixa Geral dos Depósitos ao abrigo da linha de crédito para o saneamento básico do Algarve.

ESCLARECIMENTO

Laboratórios Bial, Portela & Ca., Lda., informam as Classes Médica e Farmacêutica e o Público em geral de que se encontram a abastecer normalmente o mercado de todos os seus produtos, nomeadamente

REUMON-GEL
e
BIALZEPAM

Aproveitamos para prestar publicamente os seguintes esclarecimentos:

1. A partir do dia 25.06.84 constatámos que cinco Armazenistas do Sul do país deixaram de nos adquirir os produtos referidos, sem qualquer contacto ou exigência prévios.
2. Verificámos que esses Armazenistas deixaram de fornecer às Farmácias esses produtos, informando-as inexactamente de que se encontravam esgotados.
3. Viemos a saber por alguns desses Armazenistas, com quem contactámos, de que se tratava de um boicote concertado, que abrangia também outros produtos de dois outros Laboratórios, tendo em vista obterem de nossa parte melhores condições de pagamento: 45 dias após o resumo de facturação quinzenal com desconto de 20 + 10 + 3% de p.p.
4. Desde há alguns anos que praticamos o desconto de 20 + 10 + 3% de p.p., com pagamento a 30 dias após o resumo de facturação quinzenal, o que possibilita um desfasamento em relação aos fornecimentos de 45 a 50 dias, normalmente acrescidos de alguns dias para circulação dos cheques.
5. Entendemos que devíamos, no momento, manter estas condições, pelas seguintes razões:

   5.1. O modo como fomos pressionados é incorrecto.
   5.2. As condições que praticamos são normais no sector.
   5.3. Os preços que estamos autorizados a praticar não contemplam os encargos financeiros a que a solução pretendida nos obrigaria.
   5.4. Não se trata de um problema de relacionamento entre BIAL e estes cinco Armazenistas, mas de um problema de todo o sector farmacêutico: as Farmácias (alegando atrasos dos pagamentos por parte dos Serviços-Médico-Sociais) atrasam os pagamentos aos Armazenistas e estes pretendem alargamento dos seus prazos de pagamento aos Laboratórios, a quem não são autorizados preços que cubram esses encargos.

6. Compreendemos a situação dos Armazenistas e, no sentido construtivo de poder ser encontrada uma solução global para o assunto, solicitámos à APIFARMA – Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica – que interviesse.
7. Em 27.07.84 realizou-se na sede da nossa Associação uma reunião em que três representantes dos Armazenistas em boicote concertado aceitaram iniciar em Setembro p.f. conversações com os diferentes intervenientes no circuito dos medicamentos, conversações estas propostas pelo senhor Presidente da APIFRMA.
8. Estão a ser convidadas pela APIFARMA para estas conversações as outras Associações do sector farmacêutico (Importadores, Armazenistas e Farmácia).
9. Esperamos que os Armazenistas que deixaram de adquirir REUMON-GEL e BIALZEPAM suspendam agora o boicote injustificado e ilegal que montaram, de modo a que sejam totalmente salvaguardados os interesses dos doentes.
10. BIAl sempre se manteve e continuará a manter-se aberto ao diálogo com todos os seus clientes.

Agradecemos aos senhores Armazenistas que entretanto mantiveram e continuam a manter o mercado abastecido e ainda às Classes Médica e Farmacêutica e ao Público em geral a compreensão mostrada.

10.Agosto.1984

Bial

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM

E choveu ouro e certamente muito povo não estaria a recebê-lo por que isto é mesmo assim, as desilusões pagam-se caro, mas a verdade é que choveu ouro, «fruto do meu trabalho», esclareceu Carlos Lopes, como se dissesse «é ouro que não me enferruja as mãos, nem a alma, não é como certo ouro cuja onça (amigo da onça...) sobe por aí acima, descontrolado, por essas Bolsas frenéticas», choveu ouro de madrugada, pouco depois, não muito depois, cantaria o galo, e o certo é que outro galo nos cantara com um pouco mais de atenção por quem trabalha, seja no atletismo, nas fábricas, nos campos, sim porque matéria-prima não nos falta, seja em que domínio for, tomaram muitos países, choveu ouro e depois choveram longas, longas horas de fria e agressiva tecnologia, com encontros de terceiro grau, com bombardeamentos de raios laser, brrr!, aquilo tinha tudo um ar agressivo, medonho, ataques de um lado, ataques do outro, e o OVNI a sumir-se na escuridão e depois aqueles infindáveis mergulhos no esplendor aéreo, autêntica bomba atómica de fogo de artifício, assim uma espécie de café sem cafeína e o fogo de artifício nunca mais acabava, e o desfile nunca mais acabava e as bandeirinhas e as danças e os contorcionismos e os repuxos e os pisca-piscas não acabavam nunca e a gente pensava: é agora, mas nunca era, havia sempre um penduricalho a mais e o mais engraçado foi o olímpico americano e o Samaranch a falar e ninguém a entender nada, porque ao mesmo tempo o Bessa entrevistava o Carlos Lopes e foi a única coisa interessante da emissão, uma espécie de vingança pelas humilhações sofridas pelas delegações desportivas e infligidas pelas «autoridades olímpicas», e diante da indigestão do fogo de artifício, a gente pensava: acaba agora, e não acabava, só acabou agora mesmo, às 6 e 29, tmG, e antes houve palavras (poucas, poucas...) sobre a paz e a harmonia, palavras além de poucas, falsas, pois não se mete na cabeça de ninguém que a normalidade desportiva volta aos estádios com os jogos marcados para a Coreia do Sul, um dos satélites mais sujos dos Estados, assim no meio do artifício a farsa continua, vai continuar, com muitas, muitas, muitas bandeirinhas dos Estados, autêntica paranóica de estandarte, e infelizmente o gesto lindo de Carlos Lopes, erguendo, fraternal, os braços dos companheiros, não terá seguimento, e é pena, porque a paz também se constrói nos Estádios, com a alegria das pombas e não nos pentágonos, com o ódio dos falcões.

de ontem para hoje

Três jovens afogados em Aveiro, Valadares e Braga

VÍTIMA de congestão (comeu antes de entrar na água) morreu afogado na ria de Aveiro o emigrante português no Luxemburgo, Albertino Almeida Sequeira, de 23 anos, que estava a passar férias na sua terra natal, Frossos, no concelho de Albergaria-a-Velha. Entretanto, na praia de Valadares, Porto, teve o memso trágico destino o jovem Paulo Manuel Ferreira, de 19 anos, natural de Ermesinde, que não sabendo nadar foi arrastado pela forte ondulação. Finalmente, em Braga, os bombeiros retiraram do rio Cávado o corpo de José Carlos Silva da Fonseca, de 20 anos, que morreu afogado junto à ponte metálica, num local onde a natação é proibida. José Carlos residia na freguesia da Pedra Furada, Barcelos.

Faleceu o palhaço Totó Campos

Vítima de doença morreu um dos mais conhecidos, e inspirados, palhaços portugueses. Totó Campos, de seu nome completo António Campos Jarque, divertiu gerações e gerações de crianças, espalhando a alegria não só na pista maior do Coliseu como ainda na itinerância por pequenas aldeias, vilas e cidades de Portugal, e ainda do estrangeiro. Totó Campos, que aliava às suas qualidades de palhaço um grande talento musical, foi ontem a sepultar para o Cemitério do Alto de S. João, rodeado de um número significativo de familiares, amigos e admiradores.

Desfalque de 1170 contos na Mitra

O chefe dos Serviços Financeiros da Mitra (Centro de Apoio Social de Lisboa), cujo nome não foi revelado, foi suspenso das suas funções sob suspeita de ter desviado 1170 contos pertencentes àquele organismo assistencial. De acordo com o libelo acusatório, o arguido teria depositado na sua conta bancária juros dos depósitos da Mitra.

Fuga de contrabandista de azeite

A Guarda Fiscal do Porto apreendeu por contrabando de circulação num estabelecimento comercial da Senhora da Hora artigos de decoração e domésticos de origem estrangeira no valor de quatro mil contos. Em comunicado a Guarda Fiscal refere ainda a apreensão em Ponte da Barca, de sessenta bidons de azeite de origem espanhola, num total de 1500 litros e no valor de 570 contos. Os bidons eram transportados num furgão, cujo condutor desobedeceu ao sinal de paragem dos agentes da GF que estavam em serviço na Estrada Nacional 101. Após perseguição, e face a vários tiros de intimidação feitos pelos elementos da GF, o condutor acabou por abandonar a viatura e por-se em fuga.

Septuagenária fracturou os braços

Ao sair da casa do seu filho, em Montargil, a septuagenária Leonor Bento Fernandes, casada, caiu e fracturou os dois braços. Leonor Fernandes foi transportada de ambulância para o Hospital de Portalegre.

Colhido por touro em Samora Correia

Um reformado da PSP, Mário João Monteiro, de 56 anos, ficou ferido ontem de manhã ao ser colhido durante a largada de toiros realizada em Samora Correia, durante as festividades tradicionais em honra da padroeira naquela vila ribatejana. A colhida ocorreu na Rua 31 de Janeiro quando o guarda saiu detrás de um poste. Mário Monteiro, recebeu os primeiros tratamentos na enfermaria da Associação Humanitária de Samora Correia, tendo sido transferido em seguida para o Hospital de Vila Franca de Xira, onde já se encontra livre de perigo.

Roubaram 50 contos ao «cliente»

Três mulheres, que se dedicam à prática da prostituição, foram acusadas pela GNR de Cabanões (Viseu) de terem furtado cinquenta contos em dinheiro a um «cliente». Quando foram detidas as três mulheres ainda tinham em seu poder trinta e três contos.

Vitimada num acidente em Gaia

Uma jovem de 23 anos, Helena Maria de Jesus Pais, morreu no despiste do carro em que seguia, em Santo Ovídio, nos arredores de Vila Nova de Gaia. No acidente ficaram ainda feridos os quatro ocupantes da viatura, Abílio Moutinho da Costa, de 60 anos, que conduzia, sua mulher Maria Cândida Costa, de 53, Maria da Graça Teixeira Castro de 17, e Vítor Manuel Costa, de 13, os quais recolheram ao Hospital de Gaia.

Navio-patrulha francês em Leixões

O navio-patrulha «Mercure» da marinha francesa fará uma escala de rotina no porto de Leixões de hoje a quinta-feira. O barco é comandado pelo capitão-tenente Rouffignac e o seu efectivo é composto por cinco oficiais, 14 sargentos e 20 cabos e praças.

Fim-de-semana foi de acalmia

Bombeiros tiveram tréguas

●Oleiros e Almeidinha são "pontos de resistência" das chamas

As matas e florestas dos distritos de Braga e Viana do Castelo que este mês têm sido devastadas por uma onda incendiária a que bombeiros e populares atribuem carácter criminoso, na maioria dos casos, encontravam-se hoje sob controlo, apurou o «Diário de Lisboa» junto dos BV daquelas duas cidades. Igualmente extinto estava o incêndio que durante três dias e quatro noites «mobilizou», em Farminhão, cerca de uma centena de bombeiros de Viseu (os Voluntários e os Municipais). Também apagado se encontrava, antes do fecho da edição, o fogo que na sexta-feira eclodiu em Escalas de Cima, no distrito de Castelo Branco, e que, extinto no mesmo dia, se reacendeu no sábado à noite. Havia fogos apenas em Almeidinha (Guarda) e Oleiros.

A semana parece ter começado da melhor forma para a maioria das corporações portuguesas, e avaliar pela ronda que esta manhã fizemos junto de alguns comandos distritais dos BV. Os fogos que têm assolado o País, sobretudo ao Norte e ao Centro, encontravam-se hoje sob perfeito controlo, e só os de Almeidinha (Guarda) e de Oleiros, cujas chamas voltaram à poucas horas à zona de Orvalho, preocupavam não apenas os BV da Guarda e de Oleiros, mas também os de Castelo Branco e área em volta. Os BV de Viana do Castelo, por seu turno, depois de mais de uma semana quase sem parança nem descanso, atacavam esta manhã um pequeno fogo no Areosa, a poucos quilómetros da capital do distrito.

Era francamente auspicioso o ambiente que se vivia em alguns quartéis de bombeiros contactados pelo «DL». Os bombeiros que têm combatido as chamas no Norte do País, em particular nos dois distritos acima referidos, puderam voltar a casa e ir à cama, o que para muitos já não acontecia à uma semana. Duas outras ideias nos ficaram da ronda feita: por um lado, é convicção de todos os responsáveis que ouvimos, que na onda incendiária que calcina o País há muitas mãos criminosas (que negócios estão por detrás delas?); por outro, é patente a falta de material e de homens na maioria das corporações de bombeiros.

OPinhal Novo: o nome e o que nele arde

Foi o que nos disse o responsável que nos atendeu do quartel dos BV de Viseu, cujo incêndio de Farminhão tinha sido extinto pouco depois da uma hora (da madrugada) de hoje. «Não temos pessoal nem carros. E, agora que andamos de um lado para o outro, desde o princípio do mês, muitos de nós quase sem voltar ao quartel, sentimos bem essas faltas».

O mesmo bombeiro foi, contudo, implacável: «temos falta de pessoal e de carros, mas não só. Também temos falta de apoio das populações. Chegamos a andar no interior, a apagar fogos de grande extensão, durante horas, sem comer. Que é feito da solidariedade?», questionou-me o homem.

Isso foi em Travanca, hoje chamada Travanca Grande, numa área de mata e floresta que ardeu totalmente, a semana finda – antes do grande incêndio de Farminhão. Ardeu Travanca, zona de bom pinhal, e agora as mãos criminosas voltam-se para o Pinhal Novo, ao lado de Travanca Grande, povoação que diz bem o que tem e vale: Pinhal Novo. A madeira, depois de queimada, é aproveitável e vale menos...

«Isto é o fim do mundo», comenta o mesmo bombeiro ao «DL», sobre a situação que se vive não apenas em Viseu, uma das mais causticadas pelas chamas, todos os anos, mas em todo o País.

Durante três dias (e quatro noites), a fome, a sede e o cansaço esgotaram os bombeiros de Viseu, com o fogo a avançar, consumindo uma área incalculável de mato e floresta nas margens do rio Pavia e os meios aéreos, devido ao vento, a não poderem intervir.

Um longo itinerário...

Matas e florestas arderam também, até ao último fim-de-semana, no distrito de Braga, como, aliás, não nos temos cansado de referir e o voltarmos a fazer nesta edição. O mais recente, e já extinto, incêndio na área de Braga, manifestou-se em Santa Marta da Falperra e foi combatido durante meia centena de horas, em três frentes distintas. Quase ao mesmo tempo declararam-se dois outros incêndios, em S. Apoio da Pousada e no Monte da Calçada, que também foram apagados, depois de arderem muitos hectares, sobretudo nos Montes de Santa Marta.

A acalmia voltou aos quartéis do distrito de Viana, se bem que em alguns concelhos ainda grassem pequenos fogos. O responsável hoje ouvido pelo «DL» adiantou que metade do concelho foi fustigado pelas chamas, agora apenas circunscritas à Areosa (cuja extinção parecia esta manhã fácil e rápida), sobretudo o pavoroso incêndio cinco dias combatido pelos bombeiros e que chegou a ameaçar, entre Afife e Outeiro, várias casas. Aliás, duas, pelo menos, arderam, sem se verificarem acidentes pessoais.

O concelho de Viana do Castelo é grande, e grande foi, por isso, esse incêncio, entre terça-feira e sábado. O responsável dos bombeiros vianenses traçou-nos assim o seu itinerário: Santa Luzia, Areosa, Carreço, Afife, Coutelo, Perre, Outeiro, Machede e Nogueira. Treze quilómetros de Viana a Afife, mais cerca de vinte para descer a serra... Enfim: ardeu uma grande área de mata e floresta. Os serviços florestais divulgarão, a seu tempo, a área queimada. Dizem os bombeiros que logo que acabam o seu trabalho e se dirigem para o quartel, o fogo reacende-se. A capela de S. Silvestre chegou a estar ameaçada pelas chamas, mas os bombeiros evitaram que elas aí se propagassem.

Jamor e Pombal: pouco mais que fumaça

Os BV do Dafundo controlaram facilmente o incêndio que deflagrou na encosta da Cabeça da Raposa-Junça, ao Vale do Jamor, no qual ficaram destruídas cinco camionetas para sucata. Os BV do Dafundo foram chamados no sábado para cinco fogos.

Bem mais difícil de apagar foi o incêncio que eclodiu no lugar de Figueiró, Pombal, o segundo registado em dois dias no mesmo local. Os bombeiros pombalenses atacaram as chamas durante quatro horas, apoiados pela sua secção de Albergaria-dos-Doze e um helicóptero do Serviço de incêndios da Lousã.

Um outro fogo foi até ontem combatido pelos bombeiros: aconteceu na povoação fronteiriça de Galegos, no concelho de Marvão, a poucos quilómetros de Santo António das Areias. Também aqui tudo indica a origem criminosa do incêncio.

O fogo em Santana, no concelho do Cartaxo, sábado à tarde, afectou a catenária da Linha do Norte e provocou atrasos na sua circulação. A CP, aliás, ante o recrudescimento das chamas, e por recomendação dos BV do Cartaxo, cortou a energia eléctrica. Vinte homens controlaram as chamas da Quinta dos Chavões, em Santana, o qual apenas destruiu mato.

Gondomar parece começar a ganhar estatura de concelho também sacrificado pelos ateadores de fogos: há dias Melres foi palco de pavoroso incêncio; agora as chamas investiram, naquele concelho, em três frentes: Ironco (Jofim), Junqueira de Baixa (Vilar do Paraíso) e Quinta do Casalinho (Arnelas). Davam-lhes luta os BV de S. Pedro da Cova, Valbom e Gondomar.

Trás-os-Montes que falta arder?

Na área de Trás-os-Montes já se pergunta, em jeito chalaça: que falta arder?

Toda a área florestal do concelho de Mirandela está praticamente destruída pelos diversos focos de incêndio. As chamas começaram no início da semana e só pararam no fim-de-semana.

O distrito de Vila Real foi assolado por fogos desde o dia 1 até sexta-feira última, dia 11. Dez dias de chamas por todos os lados. Arderam mais de duzentos hectares de zona florestal. Os bombeiros registaram 67 chamadas para fogos.

As fontes por nós contactadas estão perfeitamente convencidas de que a larga maioria dos fogos declarados têm origem criminosa. Chamam por isso a atenção das autoridades e exigem maior vigilância florestal.

Entretanto, além do incêncio de Orvalhos, em Oleiros, um outro, igualmente de grandes dimensões, envolvia, também esta manhã, dezenas de bombeiros: em matas próximas de Almeidinha, no concelho da Guarda, ameaçando aquela localidade e Pínzio.

SALDOS

SAPATARIAS

BAMBI

□ Walt Disney Productions

SALDANHA – AV. ROMA
RUA TOMÁS DA ANUNCIAÇÃO
AV. COMBATENTES – ALGÉS

FABULOSOS
PREÇOS EXCEPCIONAIS

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
Serviço de Aquisições

(ANÚNCIO)

Concurso n.º 3-1737/84
Aquisição de equipamento para laboratório

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 3 de Setembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 3 de Agosto de 1984.

O Chefe do Serviço
a) Maria Fernanda Simão

Soares não respo

Rádio livre em perigo

O Rádio Clube Português, mais importante estaç emissora de radiodifusão qu transmite na região de Par em língua portuguesa, es novamente na iminência ser encerrada, segundo i formou um dos seus direct res, Carlos Duarte.

A estação recebeu no s bado uma carta da alta auto dade francesa para os audi visuais, órgão que tutela o e pectro radiofónico em Franç informando-a da «não ex tência de qualquer frequênc disponível» e, por isso, da i possibilidade de proceder sua legalização.

O mesmo organismo ac sou a recepção de um ab xo-assinado de quarenta cinco mil assinaturas de apo à rádio livre portuguesa, a

Empréstimos não

CGTP crit ao crédito

As alterações recentemen introduzidas no regime de cr dito à habitação não o tornara mais barato, afirma a CGTP- num comunicado divulgado fim da semana passada.

acordo com a central sindic «toda a gente sabe que é pra camente impossível, neste m mento, encontrar fogos c preço não ultrapasse os 28

o SA

Soares não respondeu a pedido de apoio

Rádio livre de emigrantes em perigo na região de Paris

O Rádio Clube Português, a mais importante estação emissora de radiodifusão que transmite na região de Paris em língua portuguesa, está novamente na iminência de ser encerrada, segundo informou um dos seus directores, Carlos Duarte.

A estação recebeu no sábado uma carta da alta autoridade francesa para os audiovisuais, órgão que tutela o espectro radiofónico em França, informando-a da «não existência de qualquer frequência disponível» e, por isso, da impossibilidade de proceder à sua legalização.

O mesmo organismo acusou a recepção de um abaixo-assinado de quarenta e cinco mil assinaturas de apoio à rádio livre portuguesa, afirmando, segundo a direcção do RCP que, apesar de ter em consideração o apoio da comunidade portuguesa à estação não era possível satisfazer o desejo expresso na petição.

O RCP contesta esta atitude das autoridades francesas, argumentando que a estação emite diariamente desde 1 de Março de 983 e que a autorização de emissão foi pedida em devido tempo.

Os dirigentes do RCP pediram uma audiência a Mário Soares em 26 de Junho para pedir o seu apoio à legalização daquela que é, sem dúvida, a estação de Rádio mais ouvida pelas centenas de melhiares de portugueses que vivem na região parisiense.

O Primeiro-Ministro ainda não respondeu ao pedido dos emigrantes. A nível governamental português, sublinham os animadores do RCP, só o ministro da Cultura, Coimbra Martins, tem manifestado algum interesse pela situação da estação, tendo reconhecido publicamente e por diversas vezes, a sua importância cultural para a comunidade portuguesa.

De acordo com os responsáveis do RCP as autoridades francesas poderão tentar no decurso desta semana o encerramento da testação. Caso isso venha a acontecer, afirmam, «estamos dispostos a tudo, até a deixarmo-nos prendre». Segundo a mesma fonte, tudo indica que têm sido desenvolvidas diversas pressões, a partir de Lisboa, para que a emissora seja fechada.

Eleições repetidas, alta abstenção

APU tem maioria absoluta em S. Lourenço

A APU aumentou de seis para oito o número de mandatos e obteve a maioria absoluta na Junta de Freguesia de São Lourenço, concelho de Setúbal, nas eleições intercalares ontem realizadas.

A lista da APU conseguiu 56,1 por cento dos votos expressos, ligeiramente menos que o total das abstenções (59,3).

Com 4301 eleitores inscritos votaram 1744, cabendo à APU 981 votos, à lista de um grupo de cidadãos – apoiada pelo PS e PSD – 515 votos (28,9 por cento e 4 mandatos) e à lista do CDS, 224 votos (12,8 por cento e um mandato).

Nas eleições autárquicas de Dezembro de 1982 a APU conseguira seis mandatos, o PS cinco e PSD e CDS um cada.

«Estas eleições suplementares foram provocadas pela demissão dos eleitos do PS, PSD e CDS que desde o início do mandato, em 1983, actuavam no sentido de fazer cair este órgão autárquico onde a APU tinha a maioria relativa» – afirma a Comissão Eleitoral da APU a propósito desta eleição.

«O objectivo principal do PS e do PSD, para além da retirada da presidência da Junta de Freguesia à APU, era, nesta situação, anular a maioria absoluta que a APU detém na Assembleia Municipal por um lugar, objectivo aliás divulgado à população».

Com os resultados agora verificados, a APU viu altamente reforçados os seus resultados de 1982, e os partidos afectos ao Governo, apesar da vantagem de concorrerem coligados na mesma lista, baixaram a sua representatividade na Assembleia de Freguesia de seis para quatro mandatos» – conclui a APU, no referido comunicado.

Empréstimos não ficam mais baratos

CGTP critica alterações ao crédito à habitação

As alterações recentemente introduzidas no regime de crédito à habitação não o tornaram mais barato, afirma a CGTP-IN num comunicado divulgado no fim da semana passada. De acordo com a central sindical, «toda a gente sabe que é praticamente impossível, neste momento, encontrar fogos cujo preço não ultrapasse os 2800 contos (valor da anterior portaria). Por isso, o governo limitou-se a elevá-lo para 3200 contos».

Quanto aos escalões de rendimento familiar, o comunicado indica que «apenas as famílias com rendimentos inferiores a 550 contos tinham o máximo desconto na taxa de juro paga (no primeiro ano podia atingir os 13,25%). «Com o novo regime o Governo aumentou esse limite para 600 contos, ou seja mais 9%, o que é ridículo», considera a CGTP.

O documento recorda que as únicas alterações decretadas pelo governo na portaria 559 de 3/8 se referem aos valores máximos da habitação enquadrados em cada uma das classes e aos escalões de rendimento familiar.

Mulher garante à agência EFE

Otelo nas FP-25? Só de "mentecaptos"

A mulher de Otelo Saraiva de Carvalho afirmou em Lisboa que a detenção do seu marido «é uma injustiça».

Ondina Saraiva de Carvalho considerou em entrevista à agência EFE que a prisão de Otelo é parte de um processo que só poderá ser compreendido à luz «da conjuntura política portuguesa».

«Para saber tudo o que aconteceu – disse – é preciso fazer um estudo da política portuguesa do momento. As coisas não acontecem por acaso».

Recusando pronunciar-se sobre se se trata de uma medida contra a esquerda portuguesa admitiu, no entanto, que a prisão de seu marido é antes «uma medida dirigida contra os símbolos da esquerda».

Em seu entender, a fotografia recentemente publicada em mais de um órgão de Imprensa portuguesa mostrando Otelo Saraiva de Carvalho na cela da prisão de Caxias está a provocar «uma série de problemas importantes entre a Polícia Judiciária e os militares, que em nada favorece a situação».

Na opinião de Ondina Carvalho, as tentativas para ligar Otelo às FP-25 de Abril só podem ser feitas «por mentecaptos».

«O terrorismo – disse – não tem nada a ver com a revolução». E acrescentou: «O meu marido é um militar e um revolucionário».

Num comentário à Lei de Segurança Interna recentemente aprovada na generalidade na Assembleia da República, classificou-a como «o prosseguimento da inquisição» e justificou: «convida à denúncia. Qualquer vizinho ressentido poderá dela tirar proveito. E é uma mordaça».

o SAMBA faz a estrada diferente

Motor de 954 cm³, 400 mts. de arranque em 20,5 seg..
Suspensão independente às quatro rodas. Travões de duplo circuito.
Totalizador quilométrico diário.
Parabrisas laminado e limpa parabrisas com 2 velocidades.
Bancos dianteiros completamente reclináveis, assento traseiro rebatível, aumentando a capacidade de bagagem de 236 para 928 cm³.
Piso alcatifado. Consola central. Equipamento para auto-rádio.

P.V.P. 660.093$00 (LS)

MOCAR, SARL
IMPORTADOR E DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO
AGENTES EM TODO O PAÍS

PRESTÍGIO · CONFORTO · QUALIDADE PEUGEOT·TALBOT

Mais um "lance" da campanha eleitoral

Mondale acusa Reagan de pôr em perigo a segurança nacional

O candidato presidencial democrata, Walter Mondale, acusou domingo o presidente Ronald Reagan de pôr em perigo a segurança nacional dos Estados Unidos, permitindo a deterioração da preparação para combate das Forças Armadas norte-americanas.

Mondale iniciou deste modo uma segunda ofensiva contra o candidato republicano às eleições presidenciais, depois de ter começado por acusá-lo de ter um «plano secreto» para agravar os impostos. Esta primeira ofensiva acabou por resultar domingo, tendo Reagan admitido que existem circunstâncias em que o aumento de impostos pode ser necessário.

Num comunicado divulgado do seu rancho californiano de Santa Bárbara, Reagan disse-se disposto a levar em consideração o agravamento dos impostos «como último recurso, e mesmo assim não consideraria o aumento dos impostos pessoais dos operários norte-americanos».

Esta afirmação de Reagan surgiu depois do secretário do Tesouro, Donald Reagan, ter reafirmado em Washington que a administração não considerou a hipótese de aumentar os impostos.

Aparentemente satisfeito por ter levado Reagan e os seus porta-vozes à defensiva, Mondale começou a sua segunda ofensiva, criticando a estratégia militar da actual administração.

Mondale recorreu a documentos do Pentágono, segundo os quais as Forças Armadas norte-americanas não poderiam suster um conflito prolongado «antes de experimentarem escassez de materiais e fornecimentos».

Segundo o Pentágono, seriam necessários de oito a dez meses para que as Forças Armadas norte-americanas obtenham todo o material necessário – disse Mondale.

Uma política assim, comentou, «não só é um exemplo de uma administração péssima dos recursos mas também perigosa e debilitadora da nossa segurança nacional».

Segundo Mondale, tudo isso se deve à estratégia de Reagan de «adquirir todos os equipamentos de grande custo, em vez de fornecer os recursos que seriam necessários num conflito (bélico) real».

Este discurso de Mondale, o segundo transmitido pela Rádio, parece servir a estratégia de contrariar as vantagens da administração Reagan na luta pela reeleição.

Obrigando Reagan a adoptar uma atitude defensiva sobre os impostos, Mondale minorou o argumento normalmente usado pelos republicanos de que são os democratas que agravam os impostos.

Com o discurso sobre questões militares, Mondale pensa projectar uma imagem a favor do fortalecimento do Pentágono, retirando a Reagan o argumento de que se serviu em 1980 na campanha presidencial, quando acusou os democratas de se oporem a esse tipo de política.

Um aspecto de devastação provocada pelos conflitos no Sri Lanka.

Conflito com comunidade Tami

Incidentes no Sri Lanka provocaram mais de 100 mortos

O ministro da Defesa do Sri Lanka, Lalith Athulathmudali, reconheceu numa conferência de imprensa que peritos militares israelitas e britânicos estão a treinar o seu exército.

O ministro negou ao mesmo tempo que estes monitores estrangeiros estejam implicados nas recentes operações militares como reacção a uma nova ofensiva dos separatistas tamis, que nos últimos dias atacaram diversos «objectivos militares».

Entretanto, o ex-primeiro ministro, Senhora Sirimavo Bandaranaike, pediu a demissão do governo de Junius Jayewardene que acusou de não querer resolver o problema étnico que assola a ilha e de utilizar meios militares como «substituto do diálogo».

O ministro da Defesa do Sri Lanka disse que estes ataques da «guerrilha eram esperados desde há três meses» e que os soldados do exército foram treinados para responder com êxito às técnicas de guerrilha.

Fontes da polícia na capital do Sri Lanka disseram que um número indeterminado de «terroristas» lançou bombas contra uma esquadra da polícia perto de Khaffna, a capital da região Tamil, e que os guerrilheiros se apoderaram das armas dos guardas do Banco Estatal que ficava ao pé da esquadra.

Os dezassete bancos de Khaffna encerraram por um período indefenido e reforçaram as suas defesas depois de, em menos de uma semana, terem sido roubados dinheiro e armas de cinco dependências bancárias.

O ministro da Defesa disse que desde sábado foram mortos 26 guerrilheiros, seis soldados do exército, que há várias dezenas de feridos, e mais de quatro centenas de detenções.

Fontes na capital do Sri Lanka disseram que o número de mortos é superior a uma centena e entre eles há mulheres, velhos e crianças.

NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

Brasil na hora do adeus às espadas?

Civis substituem militares na corrida à Presidência

— candidato da oposição em boa posição

O último fim-de-semana poderá ter marcado a hora da mudança possível no Brasil: dois civis vão disputar a corrida à Presidência interrompendo o ciclo de militares de alta patente que ocuparam nos últimos anos o Palácio Presidencial. A juntar-se ao adeus às espadas, todos os observadores são unânimes em considerarem como mais bem colocado para a vitória o candidato oposicionista do PMDB, Tancredo Neves.

Ao homologar a candidatura do Governador de Minas Gerais para a corrida à presidência a ser disputada em 15 de Janeiro de 1985, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) jogou uma das mais decididas cartadas. Com efeito, Tancredo Neves, ex-primeiro-ministro do regime democrático derrubado pelo golpe de Estado de 1964, tem uma história política de 50 anos pautada pela moderação e conciliação.

Considerando-se um «democrata social», um reformista de inspiração cristã e por formação moderado, Tancredo afirma sem modéstia que ninguém no país pode falar em conciliação com mais autoridade do que ele, «que sempre falei nisso toda a vida».

A prova concreta dessa conciliação é, aliás, já bem patente: concorrendo nas listas da oposição como vice-presidente está o senador José Sarney que há algumas semanas deixou a presidência do Partido Democrático Social (governamental) para alistar-se nas fileiras da oposição. Esta «transferência» é particularmente importante pois Sarney é mais um dos dissidentes integrados na Frente Liberal que no Colégio Eleitoral que escolherá o sucessor de Baptista de Figueiredo poderão

Paulo Maluf acusado de corrupção

Pelo lado do PDS a escolha recaiu sobre o mutimilionário de origem libanesa, Paulo Maluf. A disputar o cargo para a Presidência esteve o actual ministro do Interior, Mário Andreazza, apoiado pelo Presidente Baptista de Figueiredo.

A presença dos dois candidatos cavou ainda mais a discórdia num PDS que se apresenta à partida diminuido. Por 493 votos a favor e 350 favoráveis ao ministro do Interior, Paulo Maluf conseguiu a «luz verde» para a corrida presidencial. No entanto, e apesar de no final da Convenção adeptos dos dois candidatos se terem manifestado unidos, a história da reunião ainda está por fazer. E, no primeiro rescaldo, Paulo Maluf foi acusado por partidários de Mário Andreazza de ter posto o seu poderio económico em jogo, tentando subornar os seus colegas de partidó para votarem nele.

Os ressentimentos provocados por todos estes factos não serão certamente esbatidos num partido há muito corroído por dúvidas e abandonos.

O ambiente no PDS contrasta flagrantemente com o «toca a reunir» que pautou a escolha do PMDB. A oposição deu de si uma melhor imagem, tendo Tancredo Neves recebido o apoio de 658 dos 688 delegados da Convenção Nacional do seu partido. Os números são ainda mais significativos se se considerar que os 30 delegados que não apoiaram Tancredo o fizeram apenas por uma questão de coerência política levada ao extremo: são adeptos, como os seus colegas das eleições directas e não quiseram transigir.

Paulo Maluf candidato e já com as primeiras acusações: o dinheiro do miltimilionário tentou comprar votos.

Walesa quer negociar com Jaruzelski

O líder do ilegalizado «Solidariedade», Lech Walesa, desafiou, domingo, o presidente da Polónia a «sentar-se à mesa das negociações» com o sindicato, para solucionar pacificamente os problemas políticos e económicos do país.

Numa entrevista concedida na sua casa, em Gdansk, Walesa expressou a satisfação pela recente amnistia para presos políticos promulgada pelo governo polaco, mas incitou as autoridades a dar novos passos na via da reconciliação nacional.

«Se Jaruzelski foi capaz de promulgar uma amnistia, poderia dar mais um passo e sentar-se connosco à mesa das negociações e abrir a possibilidade de cooperação sem conflito», acrescentou.

«Estamos a estender a mão, não somos um perigo para as autoridades – é mais fácil para o governo trabalhar se estivermos juntos», frisou Walesa no seu primeiro desafio às autoridades desde a promulgação da amnistia, em 12 de Julho.

O líder sindical alegou, durante a entrevista, que a base do Solidariedade jamais esteve tão forte como agora.

Estamos na via de cimentar as fundações da central sindical sem pressas e, na devida altura, reconstruiremos o Solidariedade», indicou Walesa.

Conflito com o Iraque cria tensões no Irão

A guerra contra o Iraque está a agravar as tensões no interior das Forças Armadas iranianas, afirmou sexta-feira em Paris um ex-capitão da Marinha de Guerra iraniana.

Ali Ariafar, detido em Setembro de 1982 pelo regime de Khomeini e acusado de pertencer ao Movimento da Esquerda Islâmica Mujahiddin Khalq, foi libertado em Novembro de 1983 por «falta de provas», fugiu do país com a ajuda da resistência islâmica e refugiou-se em França, onde pediu asilo político.

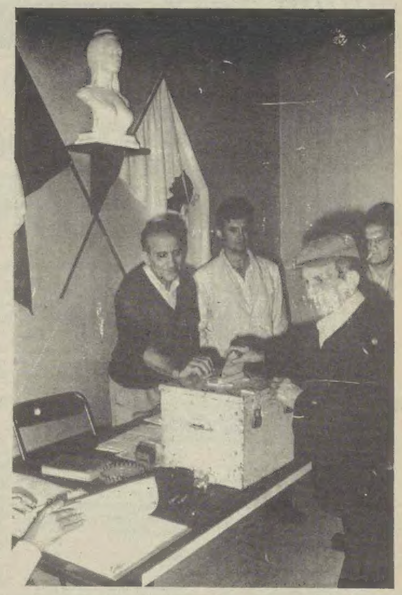
Em conferência de imprensa, Ariafar disse que «há seis meses que o Exército iraniano não consegue lançar uma ofensiva de grande envergadura contra o Iraque, devido às dificuldades internas das Forças Armadas iranianas».

O ex-oficial afirmou que «o maior problema de Khomeini é a tensão existente nas Forças Armadas, entre soldados e oficiais do quadro permanente e os agentes do regime que ocupam actualmente os postos-chave da organização militar».

Ali Ariafar assegurou que «muitos militares se recusaram a obedecer às ordens dos superiores hierárquicos».

Para Ariafar, «as exportações de petróleo permitem ao regime de Khomeini continuar uma guerra necessária para ocultar a crise interna» mas «se as exportações fossem interrompidas, a guerra terminaria rapidamente, e em poucos dias se verificaria a queda do regime» porque, na sua opinião, «95 por cento do povo iraniano está contra Khomeini».

Ariafar disse que actualmente cerca de 20 países vendem armas ao Irão, «directamente ou através dos traficantes internacionais de armamento».



Eleições na Córsega

A extrema-direita e os nacionalistas corsos registaram ganhos apreciáveis nas eleições de ontem para a Assembleia Regional Corsa, devendo obter a maioria dos 61 lugares em disputa, anunciaram fontes políticas de Ajaccio.

Escrutinados cerca de 82 mil dos 203 mil eleitores inscritos a lista oposicionista de Jean-Paul de Rocca-Serra, líder da União Corsa para o Partido da República, possuia 30,4 por cento dos votos, enquanto a Frente Nacional contava com 10,3 por cento.

Por sua vez, os partidos de esquerda parecem ter estabilizado e, segundo observadores locais, devem alcançar cerca de 38 por cento dos votos.

Todas as três listas nacionalistas terão ultrapassado os 5 por cento necessários para conseguir lugares na Assembleia. A afluência às urnas foi de cerca de 65,0 por cento, contra os 69 por cento de há dois anos.

A Assembleia estava paralisada desde Abril e, em Junho, o governo francês emitiu um decreto dissolvendo-a e convocando novas eleições.

Três listas candidatas representam a esquerda, três a direita, três representam grupos nacionalistas e a décima é de independentes. A violência e a situação económica local dominaram os debates durante a campanha eleitoral.

Em cartas enviadas a Sean McBride

Reagan e Chernenko dispostos a melhorar relações bilaterais

Os presidentes dos Estados Unidos e da União Soviética reafirmaram o seu desejo de melhorar as relações bilaterais em cartas separadas ontem divulgadas.

Ambas as cartas eram dirigidas a Sean MacBride, Prémio Nobel da Paz e Prémio Lenine da Paz, presidente do Boreau Internacional da Paz, com sede em Genebra.

MacBride escreveu aos dois dirigentes depois de Ronald Reagan ter afirmado em Junho que jamais uma guerra nuclear poderia ser ganha e sugerindo uma cimeira para discutir o desarmamento.

Na sua resposta a MacBride, o dirigente soviético, Constantin Chernenko, considera que a declaração de Reagan não constituiu nenhuma alteração fundamental na posição norte-americana.

«Pela nossa parte, temos afirmado amiúde que gostaríamos de ter boas relações com os Estados Unidos», escreve Chernenko. «Mas nestes casos tem de haver uma vontade correspondente em ambos os lados.»

Chernenko considera que «todas as acções práticas do governo dos Estados Unidos contrariam o proclamado desejo de conversações ou de melhores relações».

Reagan, por seu turno, escreveu a MacBride: «Posso assegurar-lhe que eu e o meu governo procuramos formas através das quais as nossas relações com a União Soviética se encaminhem por uma via mais estável e construtiva».

Apesar de haver divergências, «estou convencido que os nossos países partilham o interesse de evitar uma guerra», escreve Reagan, que reafirma o seu desejo de se reunir com Chernenko.

VIAJE VERDE

Viaje de comboio nos PERÍODOS VERDES Viaje a preços reduzidos

Os **períodos verdes** correspondem aos momentos em que o tráfego ferroviário é de menor intensidade. Isto é, cerca de 2/3 do ano! Viajar de comboio nestas circunstâncias representa, portanto, um acréscimo de tranquilidade, conforto, prazer. E, significa, também, beneficiar de preços reduzidos muito vantajosos. Agora, programe as suas viagens de comboio em função dos **períodos verdes.**

Pense verde! Viaje verde!

Comboio, a opção inteligente

CP/Design

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO

Faz-se público que se acha aberto concurso, pelo prazo de 15 dias contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no Diário da República, para fornecimento de UMA MÁQUINA DE RASTOS PARA TERRAPLANAGENS».

O processo pode ser examinado todos os dias úteis durante as horas normais de expediente, na Secção de Expediente dos Serviços Técnicos de Obras do Município.

A caução provisória é de 250 000$00.

A abertura das propostas realizar-se-á perante a Câmara Municipal na primeira reunião ordinária que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio. A Câmara Municipal reune às terças-feiras de 15 em 15 dias pelas 16 horas no edifício dos Paços do Conselho.

Paços do Concelho, 6 de Agosto de 1984

O VEREADOR
ANTÓNIO MARQUES RIBEIRO

FUMO NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

VENDEM-SE

Pastores alemães

Telf. 367235
(hora expediente)

NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS
As Florestas são uma riqueza nacio
Colabore com a sua atenção e vigi

DESPORTO

Medalha de ouro na maratona olímpica

Carlos Lopes: cesse tudo o que a história contava

Eram quatro horas e seis minutos desta madrugada quando a bandeira portuguesa subiu no mastro de honra do Estádio Olímpico de Los Angeles: e meio país, mais 2,5 milhões de espectadores, por esse mundo fora, viram o grande vencedor da maratona e fixaram bem o rosto desse rapaz de 37 anos, de nome Carlos Lopes, alto expoente do nosso atletismo e glória sportinguista. Acabara de triunfar na prova-rainha: primeiro maratonista e em Los Angeles, batia também o máximo olímpico. Que mais se poderia desejar por um Portugal sem sono, de rosto pregado à televisão?

Lopes subiu, alvo de milhares de «flahshes», a uma espécie de estrado em forma de estrela no centro do relvado. Ao som do hino dos Jogos, interpretado pela fanfarra olímpica (de mais de cem elementos), Lopes ocupou o seu lugar no degrau central do pódio, ladeado pelo irlanês John Treacy e pelo britânico Spedding. Recebeu a medalha de ouro e o tradicional ramo de flores das mãos do presidente do Comité Olímpico Internacional, o espanhol Juan António Samaranch e do presidente da Federação Intenacional de Atletismo Amador, o italiano Primo Nebíolo.

A medalha de ouro português escutou ainda mais aplausos ao erguer mãos de Treacy e Spedding, num «gesto olímpico». Depois, quando o apresentador convidou o público a levantar-se e a escutar o hino nacional português, Lopes voltou-se noventa graus para a esquerda e olhou a bandeira portuguesa, escutando, com disfarçada emoção, o hino.

Nunca a imagem de um homem foi vista por tanta gente ao mesmo tempo nesta grande aldeia global chamada planeta Terra: metade da população mundial seguiu a prova histórica de Carlos Lopes durante as 2.09,26 horas da maratona da 23.ª Olimpíada. Lopes ganhou no tempo de 2.09.26 horas (a melhor marca olímpica) depois de se isolar, aos 37 quilómetros.

Oito anos depois de ter conquistado a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Montreal, Lopes, ignorando o peso da idade, apostou forte na maratona para os Jogos de Los Angeles e o seu triunfo foi tão categórico que não deixou dúvidas quanto ao favoritismo que se lhe atribuia. Lopes correu de forma inteligente e apesar do seu balanço nas quatro anteriores provas não ser famoso (apenas uma concluída em 2.08,39 horas e três desistências) confirmou, em Los Angeles, que era o atleta mais bem preparado para os 42,195 quilómetros.

O atleta português manteve-se sempre abrigado no pelotão, deixou a iniciativa aos seus principais adversários e só quando três atletas podiam discutir a vitória é que Lopes decidiu arrancar para o triunfo.

Epopeia

A arrancada de Lopes para a medalha de ouro deu-se aos 37 quilómetros, altura em que o atleta português era apenas acompanhado pelo irlandês John Treacy e pelo britânico Charles Spedding. Nesta altura, Lopes (sentindo que estava praticamente assegurado um lugar entre os três primeiros) desferiu um esticão e Treacy e Spedding ficaram para trás. Antes, já o queniano Joseph Nzau tinha cedido o contacto com os primeiros depois de ter comandado parte da corrida.

Antes de mais, Lopes acreditou em si: e nem os esticões dos atletas tanzanianos e quenianos na altura crucial da prova (cerca dos 30 quilómetros) puseram o nosso homem em sentido.

Toda a Imprensa vaticinava o favoritismo do australiano Rob de Castella e do norte-americano Alberto Salazar: e Lopes encarregou-se de contrariar esses prognósticos com uma corrida «à Lopes». Estudou os seus adversários, deixou os quilómetros passarem e aos 37 quilómetros isolou-se para o triunfo. A partir daí, foi aumentando a sua vantagem com uma passada forte, com sensação de relativa frescura física: era a confiança no triunfo que perseguia há anos.

«Eu sempre acreditei!»

Lopes: confissão

Carlos Lopes teve uma primeira declaração vulgar para o invulgar feito de ser medalha de ouro nos Jogos Olímpicos: **«fiz a minha corrida, nunca me preocupei com os outros. Quem veio comigo veio, quem não veio ficou para trás».**

«Faltava-me esta medalha», observou.

A mulher de Lopes (Teresa) chorou muito ao ver desenhar-se a vitória do marido: e com a consumação desta. No final, num canto do estádio, o casal esteve longo tempo abraçado. Junto de Lopes encontravam-se também o técnico Moniz Pereira e o presidente da Federação Portuguesa de Atletismo (Correia da Cunha).

«Sempre disse que não estava preocupado com os meus adversários»», observou Lopes, ao preparar-se para a cerimónia de entrega de medalhas. **«Mas só quando cortei a meta é que fiquei certo de que tinha ganho»** – assinalou.

Lopes e Teresa

Deu uma volta de honra e, quando a completou, deram-lhe uma bandeira portuguesa que enrolou à sua volta, no intuito de fazer outra volta: **mas já não tive forças.** Uma das perguntas colocadas a Lopes foi o porquê de os portugueses serem bons no fundo: **somos mais vocacionados para isto**, respondeu. **Pela minha parte, corro e treino como à dez anos, com a mesma raiva, a mesma alegria. Aposto na minha juventude**, declarou. E, em resposta à pergunta da praxe **pensa abandonar**. A resposta foi a da praxe: **só mais um ano.**

Para já, os objectivos são ir à maratona de Chicago e defender em Lisboa (em Março de 1985) o título de campeão do Mundo de Corta Mato

Teresa Lopes começou a chorar quando a prova da maratona estava no 37.º quilómetro e o marido deixou para trás Treacey e Spedding: **vi logo que a vitória não lhe escapava.** Para Teresa, o único óbice, que a conquista da medalha de ouro acarreta, é que **os problemas com a popularidade vão aumentar.** E confessou: **o Carlos sempre confiou em ganhar a medalha de ouro. Moderou um pouco o optimismo quando sofreu o acidente em Lisboa, mas no sábado já estava de novo confiante.**

Esta vitória, acrescentou a mulher do atleta, **representa muito para a família, a grande sacrificada com os treinos dele, em especial nos fins-de-semana. O Carlos, quando não treina um dia, fica mal disposto.**

Carlos e Teresa Lopes estiveram sempre juntos desde que o atleta chegou ao estádio até que foi receber a medalha, excepção feita ao periodo em que o atleta foi ao controle anti-«doping» para recolha de urina, o que à primeira nao conseguiu

Lopes e a mulher assinalaram que a vitória não seria comemorada hoje, preferindo fazê-lo em Lisboa, **com os filhos.**

À sua volta

Para o técnico Moniz Pereira, a vitória foi **não só uma grande alegria pelo Lopes como o fecho com chave de ouro de uma grande época para o atletismo português. O Sporting foi campeão europeu, o Mamede bateu o recorde mundial dos dez mil metros, o Lopes ganhou o «mundial» de corta-mato e a maratona olímpica. Esperava que o Lopes ganhasse! Tinha de esperar. Mas, não queria arriscar, depois do fracasso do Mamede,** sublinhou o técnico.

Com estes Jogos, o atletismo provou que é a modalidade número um em Portugal: não quero atacar as outras, nem defender a minha dama, mas é assim, acrescentou.

Numa referência à presença em Los Angeles do secretário de Estado dos Desportos, Miranda Calha, Moniz Pereira referiu: **Foi positivo que ele viesse cá. É bom que «eles» assistam ao vivo em vez de ouvirem as coisas pela Rádio ou pela Televisão. Assim ele esteve cá e viu como isto é.**

Miranda Calha, também abraçado por Lopes no final da corrida, disse sentir **a grande alegria de todos os portugueses,** até porque a vitória **vai estimular e ser mola de progresso do desporto português.**

O presidente da Federação Portuguesa de Atletismo (Correia da Cunha) confessou: **nunca me vi metido numa destas. Saltei para o campo e entrei na pista; eu, que sou uma pessoa calma. Não sei o que sinto,** acrescentou. **Até tenho vontade de chorar. Esta medalha de ouro é um grande prémio para o Lopes e surge no momento exacto: o País também merece, sobretudo os que estiveram acordados até tarde.**

Festa

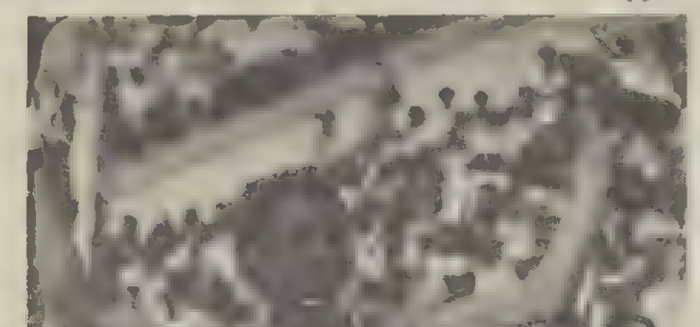
Desmaios, choros, abraços, muita emoção – foi como a madrugada de hoje decorreu em Vildemoinhos (Viseu), terra natal de Carlos Lopes. **Oh amigo, isto aqui é de arrebenta** – disse um dirigente do Lusitano Futebol Clube de Vildemoinhos, contactado telefonicamente. Na rua, «Zés-Pereiras», carros a apitar, bandeiras no ar, vivas ao mais famoso filho da terra. Na sede do clube, onde a prova do maratonista português foi emocionadamente vista, o vinho **tem escorrido bem** – segundo a expressão do informador. **Uma cunhada do Lopes desmaiou quando ele cortou a meta, e uma irmã esteve quase** – disse o dirigente do clube de Vildemoinhos.

Em Viseu (que fica a dois quilómetros), cortejos de carros passam pelas ruas, buzinando – informam os bombeiros locais Nas aldeias vizinhas, em época de festas e romarias, os foguetes vão respondendo uns aos outros: em honra do medalha de ouro da maratona.

Saudações

O Primeiro-Ministro dr. Mário Soares enviou hoje a Carlos Lopes um telegrama de felicitações. **Emocionado com esta grande vitória, junto a minha voz às felicitações de milhões de portugueses a quem você prestigiou, prestigiando-se e elevando bem alto o nome do desporto português.** É o texto do telegrama de Mário Soares que enviou também felicitações à Rosa Mota e António Leitão, medalhados com bronze.

Também o ministro de Qualidade de Vida (Sousa Tavares) se associou às congratulações enviando um telegrama em que afirma: **todos temos orgulho em si e na sua bela e justa vitória.**



A volta do êxito

Até um polícia o quis felicitar

Lágrimas de Moniz Pereira

Com o dr. Miranda Calha

Prémio

A medalha de ouro vale-lhe desde já o prémio monetário de 1500 contos. A importância foi anunciada em Los Angeles pelo dr. Miranda Calha, ao revelar um despacho seu que prevê a atribuição de prémios monetários por medalhas conquistadas nos Jogos. O professor Moniz Pereira, (técnico de Carlos Lopes) terá um prémio pecuniário de 750 contos, também atribuído pelo despacho.

(Continuação na pág. 13)

Agora: c

Continuação da pág. 12

Após a sua vitória na mara tona, Carlos Lopes está em posi ção de «cobrar» ao Primeiro -Ministro um churrasco de bo nos jardins do Palácio de S Bento. A promessa foi feita pel próprio dr. Mário Soare aquando da recepção aos atle tas olímpicos portugueses, reali zada em 10 de Julho, em S Bento. Nessa ocasião, apre ciando os jardins do palácio, Car los Lopes perguntava, em jeit de brincadeira, a Mário Soares **Sr. Primeiro-Ministro, se e ganhar uma medalh oferece-me aqui um churrasc no seu jardim.** Soares (diver tido) retorquiu: **ò homem, se fô de ouro até lhe ofereço u churrasco de boi.**

O episódio foi relatado n ocasião, mas poucos se lembra rão agora que Carlos Lopes est em posição de chegar ao Paláci de S. Bento e pedir o seu chu rasco.

Leitão e Canário: parabéns

António Leitão, com o 3.º lug obtido (sábado) na final da légu deu a segunda medalha olímpic nos Jogos a Portugal.

António Carlos Carvalho No gueira Leitão obteve o resultad mais expressivo de toda a su carreira de atleta. Com 24 ano apontado por ele próprio, pela Im prensa nacional e estrangei como um dos principais favorito na final dos 5000 metros (em Lo Angeles) confirmou inteiramen os prognósticos, realizando tempo de 13.09.20.

Leitão começou a sua carrei no atletismo no Sporting de Esp nho (clube da localidade donde natural) passando na épo 1982-83 para o Benfica, onc permanece. Começou a dar na vistas em 1977, quando se torn campeão nacional de corta-ma e vencedor dos 1500 e 3000 m tros no escalão juvenil. Ainda e 1977, Leitão bateu o máximo n cional da categoria dos 3000 m tros (8.25,00) e dos 500 (14.14,30). António Leitão n parou na sua afirmação como u dos melhores fundistas portugu ses e, em 1978 e 1979, foi, ca peão nacional de corta-mato dos 3000 metros e 2000 metr obstáculos, em juniores.

Em provas ingernacionais A tónio Leitão iniciou-se em 197 começando logo por ser 9.º n 5000 metros dos Campeonat Europeus de Juniores e 3.º 1979. O atleta de Espinhi este sempre em ascensão na sua c reira desportiva, tornando- campeão nacional dos 5000 m tros em 1981.

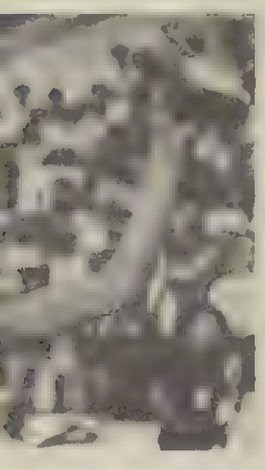
No «Mundial» de 1983, Leit foi 10.º e neste ano alcançou que era a 4.ª melhor mar mundial de sempre, nos 50 metros. Com uma carreira que começa a firmar na nível int nacional, António Carlos Car lho Nogueira Leitão poderá cl gar aos Jogos Olímpicos de 19 e impor-se como o melhor n 5000 metros.

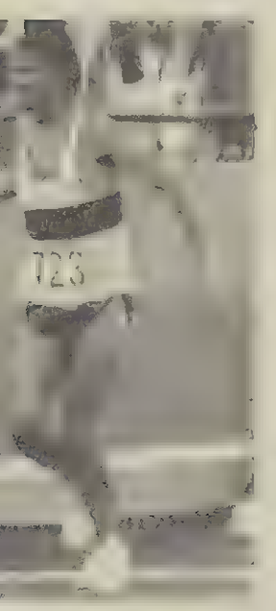
Leitão considerou a ajuda Ezequiel Canário, que marc um ritmo muito vivo ao início corrida, como «uma ajuda p ciosa». «Se ele ter aguenta mais um quilómetro canharia outra medalha. Canário é grande colega de equipa», e giou.

Sobre a forma como condu a sua prova, António Leitão clarou que devia ter saído m rápido a 600 metros do fi «Mas, hesitev, deixei-me fica só arranquei aos 400. Fui ul passado pelo Aouita e não c tava com o suiço Ryffell.»

«Esta medalha abre-me no perspectivas, ao mesmo tem que confirmou uma vez mais q sou um dos melhores do Mun nos 5000 metros. Quem repa

DESPORTO





nio

medalha de ouro vale-lhe
e já o prémio monetário de
contos. A importância foi
ciada em Los Angeles pelo
iranda Calha, ao revelar um
acho seu que prevê a atri-
o de prémios monetários
nedalhas conquistadas nos
s. O professor Moniz Pe-
(técnico de Carlos Lopes)
um prémio pecuniário de
contos, também atribuído
despacho.

Continuação na pág 13

Agora: churrasco nos jardins de S. Bento

Continuação da pág 12

Após a sua vitória na maratona, Carlos Lopes está em posição de «cobrar» ao Primeiro-Ministro um churrasco de boi nos jardins do Palácio de S. Bento. A promessa foi feita pelo próprio dr. Mário Soares aquando da recepção aos atletas olímpicos portugueses, realizada em 10 de Julho, em S. Bento. Nessa ocasião, apreciando os jardins do palácio, Carlos Lopes perguntava, em jeito de brincadeira, a Mário Soares: **Sr. Primeiro-Ministro, se eu ganhar uma medalha ofereçe-me aqui um churrasco no seu jardim.** Soares (divertido) retorquiu: **ò homem, se fôr de ouro até lhe ofereço um churrasco de boi**.

O episódio foi relatado na ocasião, mas poucos se lembrarão agora que Carlos Lopes está em posição de chegar ao Palácio de S. Bento e pedir o seu churrasco.

Leitão e Canário: parabéns

António Leitão, com o 3.º lugar obtido (sábado) na final da légua, deu a segunda medalha olímpica nos Jogos a Portugal.

António Carlos Carvalho Nogueira Leitão obteve o resultado mais expressivo de toda a sua carreira de atleta. Com 24 anos, apontado por ele próprio, pela Imprensa nacional e estrangeira como um dos principais favoritos na final dos 5000 metros (em Los Angeles) confirmou inteiramente os prognósticos, realizando o tempo de 13.09.20.

Leitão começou a sua carreira no atletismo no Sporting de Espinho (clube da localidade donde é natural) passando na época 1982-83 para o Benfica, onde permanece. Começou a dar nas vistas em 1977, quando se tornou campeão nacional de corta-mato e vencedor dos 1500 e 3000 metros no escalão juvenil. Ainda em 1977, Leitão bateu o máximo nacional da categoria dos 3000 metros (8.25,00) e dos 5000 (14.14,30). António Leitão não parou na sua afirmação como um dos melhores fundistas portugueses e, em 1978 e 1979, foi, campeão nacional de corta-mato e dos 3000 metros e 2000 metros obstáculos, em juniores.

Em provas ingernacionais António Leitão iniciou-se em 1977, começando logo por ser 9.º nos 5000 metros dos Campeonatos Europeus de Juniores e 3.º em 1979. O atleta de Espinhi esteve sempre em ascensão na sua carreira desportiva, tornando-se campeão nacional dos 5000 metros em 1981.

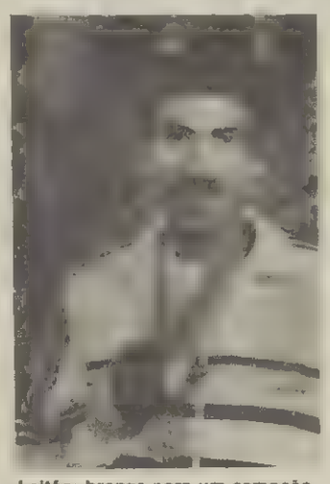
No «Mundial» de 1983, Leitão foi 10.º e neste ano alcançou a que era a 4.ª melhor marca mundial de sempre, nos 5000 metros. Com uma carreira que se começa a firmar na nível internacional, António Carlos Carvalho Nogueira Leitão poderá chegar aos Jogos Olímpicos de 1988 e impor-se como o melhor nos 5000 metros.

Leitão considerou a ajuda de Ezequiel Canário, que marcou um ritmo muito vivo ao início da corrida, como «uma ajuda preciosa». «Se ele ter aguentado mais um quilómetro canharia a outra medalha. Canário é um grande colega de equipa», elogiou.

Sobre a forma como conduziu a sua prova, António Leitão declarou que devia ter saído mais rápido a 600 metros do final: «Mas, hesitev, deixei-me ficar e só arranquei aos 400. Fui ultrapassado pelo Aouita e não contava com o suiço Ryffell.»

«Esta medalha abre-me novas perspectivas, ao mesmo tempo que confirmou uma vez mais que sou um dos melhores do Mundo nos 5000 metros. Quem reparou no meu à-vontade durante toda a prova, viu que eu estava confiante no meu valor, que estava sereno», observou.

António Leitão mostrou-se aborrecido poer ter ganho apenas a medalha de bronze. «Para todo o trabalho que realizei não me sinto recompensado». «É bom uma medalha, sabe bem ganhar uma medalha, mas merecia mais», refere o atleta.



Leitão: bronze para um campeão

José Pinto: magnífico

José Pinto confirmou a sua classe de marchador ao classificar-se em 8.º lugar na prova de 50 quilómetros marcha. **Já contava ficar entre os dez primeiros** confessou Pinto no fim da prova, ganha pelo mexicano Raul Gonzalez no tempo de três horas 47 minutos e 26 segundos, novo recorde olímpico. O português terminou com 4.02,42 horas, menos 57 segundos que o seu recorde pessoal, mas numa classificação honrosa entre 34 concorrentes.

Comecei por impôr um andamento lento, porque estava muito calor. Foi o dia desde que estou em Los Angeles que a temperatura era mais alta às oito horas da manhã – disse Pinto, 25.º na prova de 20 quilómetros marcha. **Só contava com o calor por volta dos 20 quilómetros. No entanto, andei bem e até aos 35 quilómetros discuti o 4.º lugar** – disse Pinto acrescentando: **nessa altura fiu-me abaixo, queria respeirar e não podia. Foi como na prova dos 20 quilómetros, em que me sucedeu um caso semelahnte.**

José Pinto manifestou-se satisfeito com o oitavo lugar: **é uma classificação honrosa, mas temos de dizer que se os marchadores do Leste tivessem vindo não ficaria nos dez primeiros. Classificar-me-ia para aí para a 12.ª posição** – reconheceu.

O marchador português sublinhou ter fracassado nos 20 quilómetros. **Foi a minha primeira prova em Los Angeles e estava um calor dos diabos, mas nunca pensei ficar abaixo do 10.º lugar. Basta verificar que fiz o meu pior tempo da época. Até aos 10 quilómetros sentia-me bem, mas depois fiu-me abaixo e tive de parar dois minutos** disse Pinto.

Sobre a prova de sábado, José Pinto mostrou-se orgulhoso por ter ultrapassado atletas de grande categoria como o mexicano Ernesto Canto, e o italiano Maurizio Damilano (medalhas de ouro e de bronze, nos 20 quilómetros. **Na parte final, voltei a subir de rendimento, mas já não consegui apanhar o Lopart, que me ultrapassou na altura em que me senti mal. Aliás, foi a primeira vez nos últimos dois anos que perdi com o Llopart** – declarou. **Mas o Salonen, campeão da Europa, não conseguiu melhor que um 3.º lugar. Estas provas com este calor, são para os mexicanos** – considerou.

Referindo-se à marcha em Portugal, disse esperar que este seu 8.º lugar vá **colocar as coisas no seu devido lugar.**

«Os homens da marcha esperavam que as provas de marcha passassem a pontuar para os campeonatos de equipas da 1.ª e 2.ª divisões, como aliás já sucede nos juniores e juvenis, mas o último congresso da Federação Portuguesa de Atletismo não o decidiu assim». «Era o trunfo para os marchadores, porque se a proposta fosse aprovada os clubes eram obrigados a ter marchadores para pontuar e a modalidade evoluía em Portugal. Em Espanha, seguiram esse esquema, e, hoje em dia, os espanhóis são uma potência no mundo da marcha».

José Pinto manifestou-se desiludido com os resultados do Congresso e reforçou a sua teoria frisando que os 50 quilómetros marcha ainda não são uma prova oficializada.

Acerca do seu caso pessoal, disse pretender continuar, se lhe derem possibilidades de que desfruta desde Fevereiro, **«porque se não me derem «chances», não estou para andar de cavalo para burro e desisto».**

José Pinto, que trabalha por turnos numa fábrica em Alhandra, precisa de treinar duas vezes por dia. **«Mas para isso tenho de continuar na alta competição. Treinar uma vez por dia já não me chega»**, concluiu.

Margarida Carmo: 18.ª

Margarida Carmo portou-se melhor nas meias-finais que nas eliminatórias, mas terminou em 18.º lugar entre 20 finalistas, na estreia da ginástica rítmica nos Jogos Olímpicos.

Margarida (15 anos) totalizou 36,45 pontos, mais dois décimos que nas eliminatórias, para terminar com um total de 54,575 pontos. A canadiana Lori Fung ganhou a medalha de ouro (57,950 pontos), a romena Doina Staiculescu a de prata (57,900) e a alemã-federal Regina Weber ficou com a de bronze (57,700).

A ginasta portuguesa apenas na fita não conseguiu ultrapassar a pontuação das eliminatórias. Teve 9,15 no arco (9,05 nas eliminatórias), 9,15 na bola (9,10), 9,15 nas maças (9,00) e apenas 9,00 na fita (9,10).

A sua marca na fita é apesar de tudo superior ao resultado (8,65) alcançado nos últimos compeonatos do Mundo em Sófia.

A fita é o meu pior exercício. Mas nos Jogos as provas correram-me bem.

A outra ginasta portuguesa presente nos Jogos, (Maria João Falcão) não atingiu a final, ficando pelas eliminatórias 22.º lugar, com 35,90 pontos).

Rui Santos: 51.º

Rui Gaio dos Santos concluiu a sua participação nos Jogos de Los Angeles, classificando-se em 51.º lugar (com 2324 pontos) no torneio masculino de tiro ao arco. Na segunda fita, o arqueiro português obteve a 53.ª posição (1151 pontos) após ter somado 291 pontos a 50 metros (46.º) e 330 a 30 metros (51.º). Rui Gaio dos Santos alcançou pior marca na 2.ª fita, do que na primeira, na qual tinha totalizado 1173 pontos, ainda longe do seu máximo de 1201 pontos. Atrás de Rui Gaio dos Santos classificaram-se onze concorrentes, o tailandês Wachera Piyapattra (50.º), conseguiu apenas mais quatro pontos. No total (a 90 metros) Gaio dos Santos obteve 488 pontos (248+240-51/0); a 70,577 pontos (287+290-51/0); a 50,592 pontos (304+291) e a 30.664 pontos (334+330). Na 2.ª fita, o arqueiro português apenas melhorou a 70 metros, daí a sua quebra de quatro lugares na geral da primeira para a dupla fita.

O casal Lopes

Eles ficam para sempre no olhar

Concluíram-se as competições olímpicas e, para além do atletismo, outras modalidades guardaram para o fim-de-semana a escolha dos seus «reis»:

Andebol

A Jugoslávia, com três golos de rajada nos últimos seis minutos, bateu a RFA (18-17) na final de andebol, conquistando a sua 2.ª medalha de ouro desde 1972. A turma jugoslava, medalha de ouro nos Jogos de Munique (1972), e uma das favoritas à partida confirmou as suas credenciais, ao superar os germânicos que, ao intervalo, perdiam já por 8-7.

A Roménia (outra das potências da modalidade) ficou com a medalha de bronze, ao ganhar à Dinamarca (23-19) num confronto em que a sua superioridade foi nítida.

A Jugoslávia, que teve uma estreia apagada em Los Angeles, ao empatar frente à Islândia (22-22), rectificou os seus erros e cresceu progressivamente de rendimento, tendo merecido a vitória na final. A formação jugoslava que viu facilitada a sua tarefa com a ausência da URSS e de outros países de Leste com tradições na modalidade) comandou sempre o marcador, com a sua poderosa meia distância a funcionar nos momentos cruciais. Elezovic colocou o «score» em 16-15 a 5,44 minutos do fim, com Yukovic e Kalina a elevarem para 18-15 nos dois minutos seguintes. Jochen Fraatz, o melhor nas hostes germânicas (7 golos) respondeu com dois tentos, reduzindo para 18-17 mas, nos últimos 29 segundos de jogo, os jugoslavos não permitiram mais veleidades. Milé Isadovic, um dos pilares da equipa jugoslava foi cotado como o melhor no bloco vencedor, tendo contribuído com cinco tentos para o êxito.

Boxe

Resultados das finais do torneio olímpico de boxe, em minimoscas (48 quilos): Paul Gonzalez (EUA), V. Salvatore Todisco (Itália), que não combateu. Medalhas de bronze: Leith Mwila (Zâmbia) e José Bolívar (Venezuela).

• Mosca (51 quilos): Steven Mcrrory (EUA), v. Redzep Redzepovski (Jugoslávia) pontos, 4-1; medalhas de bronze: Ayup Can (Turquia) e Ibrahim Bilali (Quénia);

• Galos (54 quilos): Maurízio Stecca (Itália), v. Hector Lopez (México) pontos, 4-1; medalhas de bronze: Dale Walters (Canadá) e Pedro Nolasco (R. Dominicana);

• Plumas (57 quilos): Meldrick Taylor (EUA), v. Peter Konyegwachie (Nigéria) pontos, 5-0; medalhas de bronze: Turgut Ayakac (Turquia) e Omar Pereza (Venezuela);

• Ligeiros (60 quilos): Pernell Whitaker (EUA), v. Luís Ortiz (Porto Rico, abandono aos 2,57 minutos do 2.º «assalto; medalhas de bronze: Martin Ebanga (Camarões) e Chun Chil-Sung (Coreia do Sul);

• Meios-médios ligeiros (63,5 quilos): Jerry Page (EUA), v. Dhawee Umponmaha (Tailândia) pontos, 5-0; medalhas de bronze: Mirceo Fulger (Roménia) e Merko Puzvic (Jugoslávia);

• Meios Médios (67 quilos): Mark Breland (EUA), v. An. Young-Su (Coreia do Sul) pontos, 5-0;

• Médios ligeiros (71 quiolos): Frank Tate (EUA) v. Shawn O'Sullivan (Canadá) pontos, 5-0; medalhas de bronze: Manfred Zielonka (RFA) e Christophe Tiozzo, (França);

• Médios (75 quilos): Joon Sup-Shin (Coreia do Sul) v. Virgil Hill (EUA) pontos, 3-2; medalhas de bronze: Mohammed Zaoui (Argélia) e Aristides Gonzalez (Porto Rico);

• Meios-pesados (81 quilos): Anton Josipovic (Jugoslávia) v. Kevin Barry (Nova Zelândia)), o neozelandes foi posto KO por um soco ilegal nas meias-finais e, apesar de apurado, não pode combater durnte 28 dias; medalhas de bronze: Mustapha Moussa (Argélia) e Evander Hollyfield (EUA);

• Pesados (91 quilos): Henry Tillman (EUA) v. Willie Dewitt (Canadá) pontos, 5-0; medalhas de bronze: Arnold Vanderlidje (Holanda) e Ângelo Musone, (Itália);

• Super pesados (mais de 91 quilos): Tyrrel Biggs (EUA) v. Francesco Damiani (Itália) pontos, 4-1; medalhas de bronze: Salihu Azis (Jugoslávia) e Robert Wells (Grã-Bretanha).

Canoagem

As provas de canoagem terminaram com a atribuição total de 42 medalhas de ouro repartidas pela Roménia e Nova Zelândia. Na última jornada, os romenos Ivan Potzaichin e Toma Simionov estabeleceram novo recorde olímpico na prova de canoa pares, 1000 metros, com a marca de 3.40,60. A final masculina de «kayak» de quatro (1000 metros), registou a maior emoção da ronda onde a equipada Nova Zelândia (constituida por Grant Bramwell, Ian Fergusson, Paul Mac Donald e Alan Thonpsom), disputou palmo a palmo a medalha de ouro com os suecos Per-Inge Bengtsson, Tommy Karls, Lars-Erik Moberg e Thomas Ohlsson, que terminaram na 2.ª posição.

Fergusson (Nova Zelândia), esteve em evidência no torneio pois conseguiu ganhar três medalhas de ouro ao longo da competição, o que constitui novo recorde olímpico. Alan Thonpson (Nova Zelândia), ganhou em «kayak» individual (1000 metros), impondo-se a Milam Janic (Jugoslávia), praticamente no termo da prova. A Roménia venceu nos 500 metros de «kayak» de quatro, deixando assim a Suécia na 2.ª posição e não consentindo que Agneta Andersson conseguisse o feito de igualar Ferguson na conquista do maior número de medalhas de ouro no torneio. Ulrich Eicke (RFA) confirnou o seu favoritismo na prova de canoa (individual), vencendo sem dificuldades o seu mais directo adversário, Larru Cain (Canadá). Nos 1000 metros («kayak», pares), a vitória foi para a dupla Hugh Fisher e Alwyn Morris (Canadá), seguida dos franceses Bernard Bregeom

Esgrima

A Alemanha Federal conquistou com facilidade a medalha de ouro na prova de espada por equipas, derrotando a França por 8-5. A França obteve a medalha de prata e a Itália, ao vencer o Canadá (por 8-2), ficou com a de bronze.

A França, que chegou a tomar vantagem na final por 2-1, acabou por a perder através da intervenção segura dos atiradores germânicos Volker Fischer e Alexander Pusch, que ganharam os quatro combates em que estiveram envolvidos.

A Suécia classificou-se no 5.º lugar após vencer a China (8-6), enquanto a Coreia do Sul foi 7.ª derrotando a Grã-Bretanha e a Suíça a 8.ª após impor-se aos Estados Unidos.

Futebol

Dois golos em oito minutos (na 2.ª parte) deram à França a vitória sobre o Brasil na final do torneio olímpico de futebol. Visto por 101.799 pessoas (um recorde nos Estados Unidos) o jogo redundou numa «explosão» de ataque por parte da França no período complementar. Os franceses que, em Junho, foram campeões da Europa, confirmaram-se como possuidores de jogadores para as grandes ocasiões. Golos de François Brisson (aos 53 minutos) e de Daniel Xuereb, 63) fizeram o resultado

A Jugoslávia tinha conquistado a medalha de bronze, ao bater a Itália por 2-1.

Muitos dos jovens campeões olímpicos franceses estarão possivelmente em 1986, no Mexico, a defender o título de campea europeia da França.

A enchente do Estádio «Rose Bowl» (na final) elevou a mais de um milhão e 420 mil o número de espectadores que presenciaram os 32 jogos do torneio: uma média de 44 mil, num país que só há pouco começou a descobrir o futebol.

Sob a arbitragem do holandês Jan Keizer, alinharam:

França: Rust; Ayache, Bibard, Zanon e Jeannol; Lacombe, Bijotat, Rohr e Brisson (Garande 81); Lemoult e Xuereb (Cubaynes 89).

Brasil: Gilmar; Ronaldo, Pinga, Galvão e Ademir; André Luís, Tonho (Milton Cruz 59), Dunga e Kita (Chicão 59); Gilmar II e Silvinho.

Hipismo

Joe Fargis, montando um cavalo com nome apropriado, «Touch of Class» («Toque de Classe»), venceu graças a uma «barrage» o concurso individual de saltos. Fargis, que na competiçao por equipas fez dois percursos limpos (contribuindo para a medalha de ouro colectiva) conseguiu na outra «zero», na primeira volta, tal como o britânico Michael Whitaker. Mas, no segundo percurso derrubou um obstáculo, ficando empatado com o seu companheiro de equipa e amigo Conrad Homfeld, em «Abdullah». Na «barrage», Homfeld derrubou. Houve uma

Continua na pág 14

DESPORTO

Quem conquistou medalhas

Quadro final de medalhas nos Jogos Olímpicos de Los Angeles:

	Ouro	Prata	Bronze	Total
Estados Unidos	83	61	30	174
Roménia	20	16	17	53
RFA	17	19	23	59
China	15	8	9	32
Italia	14	6	12	32
Canadá	10	18	16	44
Japão	10	8	14	32
Nova Zelândia	8	1	2	11
Jugoslávia	7	4	7	18
Coreia do Sul	6	6	7	19
G. Bretanha	5	10	22	37
França	5	7	15	27
Holanda	5	2	6	13
Austrália	4	8	12	24
Finlândia	4	3	6	13
Suecia	2	11	6	19
Mexico	2	3	1	6
Marrocos	2	–	–	2
Brasil	1	5	2	8
Espanha	1	2	2	5
Bélgica	1	1	2	4
Áustria	1	1	1	3
PORTUGAL	**1**	**–**	**2**	**3**
Quénia	1	–	2	3
Paquistão	1	–	–	1
Suíça	–	4	4	8
Dinamarca	–	3	3	6
Jamaica	–	1	2	3
Noriega	–	1	2	3
Grécia	–	1	1	2
Nigéria	–	1	1	2
Porto Rico	–	1	1	2
Colômbia	–	1	–	1
Egipto	–	1	–	1
Costa do Marfim	–	1	–	1
Peru	–	1	–	1
Síria	–	1	–	1
Irlanda	–	1	–	1
Tailândia	–	1	–	1
Turquia	–	–	3	3
Venezuela	–	–	3	3
Argélia	–	–	2	2
Camarões	–	–	1	1
Rep. Dominicana	–	–	1	1
Islândia	–	–	1	1
Formosa	–	–	1	1
Total	**226**	**219**	**242**	**687**

Nota: Foram atribuídas duas medalhas de ouro e nenhuma de prata nas seguintes provas:

- *100 metros livres (femininos), em natação.*
- *Cavalo com arções, em ginástica masculina.*
- *Paralelas assimétricas, em ginástica feminina.*
- *Barra fixa, em ginástica feminina.*
- *Quatro de prata e nenhuma de bronze em salto de cavalo, ginástica masculina.*
- *Duas de bronze nos exercícios no solo, em ginástica masculina.*
- *Duas de bronze, em todas as categorias de judo e boxe*
- *Duas de bronze, no salto vom vara.*

Para a história

Continuação da pág 13

«barrage» entre três cavaleiros empatados com oito pontos e o percurso limpo da suiça Heidi Robbiani (em «Sessica V») valeu-lhe a medalha de bronze.

Hóquei em campo

Um tento garantiu ao Paquistão a vitória (2-1) frente à RFA e a conquista da medalha de ouro no torneio masculino de hóquei em campo. O Paquistão, que arrebatou a sua 3.ª medalha de ouro no historial desta modalidade olímpica, sucedeu à Índia no título, mercê da combatividade e habilidade dos seus jogadores que, a perderem por 0-1, foram capazes do volta-face.

A Grã-Bretanha, que foi a Los Angeles à última hora (como substituto de um país que não compareceu nos jogos) ganhou a medalha de bronze, ao bater para o 3.º lugar a Austrália (3-2). A Grã-Bretanha, que conquistou a sua primeira medalha no hóquei em campo (desde 1952), marcou por Richard Dods, Paul Barber e Sean Kerly, tendo estado a perder por 1-2 ao intervalo.

A Índia, medalha de ouro em 1980 (Moscovo) contentou-se com o 5.º lugar, ao derrotar a Holanda por concludente 5-2, com Mervin Fernandis a bisar.

O Paquistão, que contou com uma grande falange de apoio em Monterey Park, chegou ao intervalo empatado (0-0), tendo sofrido um golo no 2.º tempo, com o empate a surgir poucos minutos depois. O Paquistão, que se vingou da final olímpica de 1972 (Munique) quando perdeu (0-1, frente à RFA), apontou o golo vitorioso através de Kaleemullah, aos seis minutos do prolongamento, na sequência de um canto.

Judo

O japonês Yasuhiro Yamashita, um dos maiores judocas de todos os tempos, confirmou a fama ao receber a medalha de ouro, na categoria aberta (sem limite de peso) nos Jogos de Los Angeles. Yamashita (imbatível há sete anos), apesar da lesão que sofreu no segundo dia de provas derrotou na final o egípcio Mohamed Rashwan (medalha de prata). A vitóna de Yamashita foi festivamente celebrada pelas dezenas de japoneses residentes nos Estados Unidos, que estavam a assistir ao encontro.

O judoca japonês (três vezes campeão do mundo e oito vezes campeão do seu país, cinco vezes mais que qualquer outro atleta) confessa adorar a vida e o amor assim como cultivar o «espírito de samurai». «A minha cara è suave, mas o meu coração è duro» — afirma Yamashita. **«Detesto perder»** — confessa ainda.

Esta medalha de ouro teve um significado muito particular para Yamashita (27 anos) pois era muito novo para ir aos Jogos de Montreal (em 1976) e não esteve presente nos Jogos Olímpicos de Moscovo pelo facto de o Japão ter alinhado pela posição dos Estados Unidos de boicotar a competição.

A medalha de bronze foi atribuída a Mihai Cioc (Roménia) e Arthur Schuabel (RFA).

Luta

Os Estados Unidos, ao conquistarem duas medalhas de ouro nas classes de 82 e 100 quilos, alcançaram sete dos 10 títulos nas provas de luta livre, nos Jogos Olímpicos. Lou Banach (EUA) necessitou apenas de 61 segundos para derrotar o sírio Joseph Atiyeh na final da classe de 100 quilos. Nos 82 quilos, Mark Schultz (EUA) impôs-se ao japonês Hideyuki Nagashima, em um minuto e 56 segundos.

A prova mais disputada foi a de 68 quilos, onde a vitória de You Intak (Coreia do Sul) sobre o norte-americano Andrew Rein, foi decidida «por critério» após 5-5 pontos.

Hideaki Tomiyana (Japão), duas vezes campeão do Mundo, ganhou com facilidade a Barry Davis (EUA), por 8-3, em 57 quilos.

Natação sincronizada

Tracie Ruiz (norte-americana, das ilhas Hawai) coleccionou a sua segunda medalha de ouro nas provas olímpicas de natação sincronizada, ao vencer a prova individual. Ruiz, que na 5.ª feira venceu a prova de dueto com Candy Costie, dominou por completo a competição, totalizando 198,457 pontos. Com menos três pontos terminou a canadiana Carolyn Waldo, ao passo que Miwako Motohoshi (do Japão) ficou com segunda medalha de bronze. Doze mil pessoas presenciaram a prova final de natação sincronizada, onde a sensação foi um exercício de Tracie Ruiz debaixo de água, durante 50 segundos, durante o qual efectuou 15 figuras.

Saltos

O norte-americano Greg Louganis, coroou uma carreira de êxitos com a vitória na prova olímpica de alto voo em saltos para a água, batendo simultaneamente o recorde do mundo. Louganis conquistou a sua segunda medalha de ouro dos Jogos (já tinha ganho no trampolim a três metros) e o seu total de 710,91 pontos ultrapassou o anterior máximo mundial, por ele próprio fixado nas eliminatórias.

Foi a 1.ª vez desde 1928 que o mesmo saltador ganhou as provas de trampolim e alto voo. O norte-americano Pete Desjardins foi o autor da proeza há 56 anos.

Bruce Kimball (também dos Estados Unidos) que bateu Louganis por seis vezes em provas nacionais mas nunca em competições internacionais, ficou com a medalha de prata. A China (através de Li Hongzheng) conquistou a de bronze.

Louganis recolheu cinco notas máximas de 10 dos juízes, incluindo uma pelo «salto da morte» (três parafusos e meio) tentado, em 1983, pelo soviético Sergei Shalibashvilli, com o desfecho fatal da morte do saltador.

Louganis (um californiano, de 24 anos) deu a entender que poderá abandonar a competição, agora que é o indiscutível «rei dos saltos».

Ténis

Dois jovens tenistas ganharam o torneio olímpico, o sueco Stefan Edberg e a alemã-federal Steffi Graff. Edberg (18 anos) derrotou na final o mexicano Francisco Maciel (6-1, 7-6, 8-6) enquanto no sector feminino Graaf impôs-se à jugoslava Sabrina Goles (1-6, 6-3, 6-4).

Uma vez que o ténis foi considerada uma modalidade de exibição nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, os finalistas receberam medalhas com uma cunhagem diferente das atribuidas noutras modalidades.

O ténis voltará a estar em acção nos Jogos Olímpicos em Seul.

Tiro com arco torneio masculino

Resultados do tiro com arco: 1.º Darrel Pace (EUA), 2616; 2.º Richard McKinne (EUA) 2564; 3.º Hiroshi Yamamoto (JAO), 2563; 4.º Takayoshi Matsushita (JAP), 2552; 5.º Tomi Poikolainen (FIN), 2538; 6.º Goran Bjerendal (SUE), 2522; 7.º Marnix Vervinck (BEL), 2519; 8.º Koo Ja-Chung (COR), 2500; 9.º Harry Wittig (RFA) 2497; 10.º Armin Garnreiter (RFA) 2994. Rui Gaio dos Santos ficou em 51.º lugar.

Torneio feminino: 1.ª Seo Hyang-Soon (COR) 2568; 2.ª Li Lingjuan (CHI), 2559; 3.ª Kim Jin-Ho (COR), 2555; 4.ª Hiroko Ishizu (JAP), 2524; 5.ª Palvi Meriluoto (FIN), 2509; 6.ª Manuela Dachner (RFA) 2508; 7.ª Katrina King (EUA) 2508; 8.ª Yanan Wu (CHI).

Tracie Ruiz: debaixo de água fez 15 figuras em 50 segundos

Voleibol

Os Estados Unidos vingaram a sua única derrota do torneio olímpico de voleibol masculino ao vencerem o Brasil na final, por 3-0, conquistando a medalha de ouro. Capitalizando uma série de erros dos brasileiros, os norte-americanos triunfaram (15-6, 15-6 e 15-7) conquistando pela 1.ª vez na história no torneio desde que se estrearam na modalidade nos jogos em 1968. O Brasil tinha derrotado os Estados Unidos na fase preliminar, mas agora não conseguiu pôr de lado os nervos e claudicou.

A medalha de bronze foi para à Itália, que bateu o Canadá por 3-0 (15-11, 15-12 e 15-8). Coreia do Sul, Argentina, Japão e China ficaram (por ordem) nos lugares imediatos, e os asiáticos foram a grande decepção.

Atletismo: a festa maior

Registo de finais:

- Salto em altura (masculino): 1.º Dietmar Moegenburg (RFA), 2.35 (ouro); 2.º Patrick Sjoeberg (Suécia), 2.33 (prata); 3.º Zhu Jianhua (China), 2.31 (bronze); 4.º Dwight Stones (EUA), 2.31; 5.º Nordquist Doug (EUA), 2.29; 6.º Milt Ottey (Canadá), 2.29; 7.º Liu Yunpeng (China), 2.29; 8.º Cai Shu (China), 2.27; 9.º Erkki Niemi (Finlândia), 2.24; 10.º Carlo Thraenhardt (RFA), 2.15.

Lançamento do peso (masculino): 1.º Alessandro Andrei (Itália), 21.26 (ouro); 2.º Michael Carter (EUA), 21.09 (prata); 3.º Dave Laut (EUA), 20.97 (bronze); 4.º Augie Wolf (EUA), 20,93; 5.º Werner Guenthoer (Suíça), 20,28; 6.º Marco Montelatici (Itália), 19.98; 7.º Soeren Tallhem (Suécia), 19,81; 8.º Erik de Bruin (Holanda), 19,65; 9.º Aulis Akonniemi (Finlândia), 18,98; 10.º Gert Weil (Chile), 18,69; 11.º Bishop Dolegiewicz (Canadá), 18.39; 12.º Kartsen Stolz (RFA), 18,31.

Carl Lewis ganhou a sua quarta medalha de ouro nos Jogos Olímpicos, como último elemento da estafeta masculina de 4x100 metros dos Estados Unidos, cumprindo o objectivo que se propusera. Lewis igualou o feito alcançado em 1936 pelo seu compatriota Jesse Owens, que conquistou os mesmos títulos olímpicos (100, 200, 4 x 100 m, e o salto em comprimento).

- **4 x 100 metros (masculinos):** 1.º Estados Unidos (Sam Graddy, Ron Brown, Calvin Smith e Carl Lewis (37.83 – recorde mundial (ouro); 2.º Jamaica (Albert Lawrence, Gregory Meghoo, Don Quarrie e Ray Stewart) 38.62 (prata); 3.º Canadá (Ben Johnson, Tony Sharpe, Desai Williams e Sterling Hinds 38.70 (bronze); 4.º Itália, 38,87; 5.º. Alemanha Federal, 38.99; 6.º França, 39,10; 7.º Grã-Bretanha, 39,13; 8.º Brasil, 39.40.
- **4 x 400 metros (masculinos):** 1.º Estados Unidos (Sunder Nix, Ray Armstead, Alonzo Babers e António McKay), 2.57,91 (ouro); 2.º Grã-Bretanha (Kriss Akabusi, Garry Cook, Todd Benenett e Philip Brown), 2.59,13 (prata); 3.º Nigéria (Sunday Uti, Moses Ugbusien, Rotimi Peters e Innocent Egbunike), 2.59,32 (bronze); 4.º Austrália, 2.59,70; 5.º Itália, 3.01,44; 6.º Barbados, 3.01,60; 7.º Uganda, 3.02,09; 8.º Canadá, 3.02,82.
- **1500 metros (femininos):** 1.ª Gabriela Dorio (Itália) 4.03.25 (ouro); 2.ª Doina Melinte (Roménia) 4.03.76 (prata); 3.ª Maricica Puica (Roménia) 4.04.73 (bronze); 4.ª Roswitha Gerdes

Continua na pág 15

Atletismo português está na vanguarda

As 23.ªs Olimpíadas, em Los Angeles, foram as que mais medalhas proporcionaram ao desporto português e a primeira medalha de ouro: Os Jogos tiveram por três vezes portugueses no pódio e sempre na disciplina-rainha, o atletismo.

Depois de Los Angeles, o olimpismo português tem 12 medalhas no seu historial.

- 1924, Paris Medalha de bronze em hipismo (prova de obstáculos por equipas) com A. Borges de Almeida, Hélder Martins e Mouzinho de Albuquerque.
- 1928, em Amesterdão: Medalha de bronze em esgrima (prova de espada por equipas) com Paulo Eça Leal, Mário de Noronha, Jorge Paiva, Frederico Paredes, João Sasseti e Henrique da Silveira.
- 1936, em Berlim: medalha de bronze em hipismo (no «Prémio das Nações») por equipas, com Luís Mena e Silva, marquês do Funchal e José Beltrão
- 1948, em Londres: medalha de prata em vela (classe «swallow») com Duarte Belo e Fernando Belo; medalha de bronze em hipismo (prova de «dressage», por equipas) com Fernando Pais, Francisco Valadas e Luís Mena e Silva.
- 1952, em Helsinquia: medalha de bronze em vela (classe «star») com Joaquim Fiuza e J. Rebelo de Andrade.
- 1960, em Roma: medalha de prata em vela (classe «star») com Mário Quina e José Manuel Quina.
- 1976, em Montreal: medalha de prata em atletismo (10 000 metros) Carlos Lopes; medalha de prata em tiro («olympic trap») Armando Marques
- 1984, em Los Angeles: medalha de ouro em atletismo (maratona) Carlos Lopes; medalha de bronze em atletismo (maratona feminina) Rosa Mota; medalha de bronze em atletismo (5000 metros) António Leitão.

As três medalhas olímpicas de atletismo conseguidas pelos atletas portugueses em Los Angeles colocaram esta modalidade como a que mais galardoes olímpicos proporcionou ao País: quatro, duas das quais através de Carlos Lopes, detentor da primeira medalha de ouro do olimpismo português.

Realizadas 23 olimpíadas (na era moderna) o «palmarés» português de medalhas é o seguinte:

MODALIDADE	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo	1	1	2
Vela	–	2	1
Hipismo	–	–	3
Esgrima	–	–	1
Tiro	–	1	–
TOTAL	1	4	7

Seis estavam

Os médicos desco
dopante no finlandês
10 000 metros nos Jo
cado. O anúncio efect
Olímpico Internacional
um esteróide anabolis
Vainio foi o 4.º atle
substâncias dopantes,
tância estava a ser to
O atleta finlandês
metros nos campeona
Alberto Cova ganhou a
passando agora para
Mike Musyoki fica com

Antes, já a grega A
do dardo (em atletism
Nadrolone (hormonas)
Internacional revelou,
atleta grega (campeã
final do dardo, mostr
Verouli (27 anos) tor
Angeles cujo tese a
mente, dois halterofilis
cados por tomarem e
sido expulso da comp
produto, contendo est
Verouli, que havi
Atenas) que tivesse to
propósito: **«é falso qu
me espanta é divulga
seis dias depois de
podem fazer uma ac
que não tomei nada**
O chefe da dele
com o resultado pos
gregos nunca tivera
**irmos para Los An
aos atletas e todos
problemas em lado
que me custa a acr**
Verouli, natural d
a apenas 58,62 metr
longe da sua melhor
O lutador sueco
medalha de prata po
teste anti-«doping»
delegação sueca, Jo
meno: **foi uma atitud**
porta-voz.
Dois halterofilist
Ahmed Tarba foram
tendo a federação in
sempre aqueles dois
a arrebatar qualquer
Um outro caso
que deu a tomar esti
cia por completo a su
e proibido de particip

Boxe: a ma

Em pugilismo, a
público e pelos críti
triunfo dado a Steve
(aos pontos) na final
Tate sobre O 'Sulli
atribuida a vitória a M
do combate pertence
crou o norte-america
juízes foi longa e ruid
entanto, mudou de at
começou a ouvir no
No combate Ta
longos e ensurdeced
assistia ao combate
do seu compatriota,
dos, e assim não se
diano no fim do com
adversário. No 2.º
protecção ao pugilis
alvejado por rápidas
Também polém
norte-americano Big
venceu aos pontos
críticos presentes nc
e aptidão para o bo
mais para vencer o c
o italiano, enquanto
Segundo os es
norte-americanos c
do troféu: Meldrick
Na cerimónia
espectadores mani
sobiar o antigo car
(Muhammad Ali). Fi
rem-se um actor e u
ceu no Memorial A
nos Estados Unidos
equipa norte-ameri
Su-An (23 anos) pu

DESPORTO

ponta esquerda

Seis estavam drogados

Os médicos descobriram **claros indícios de substância dopante** no finlandês Martti Vainio, medalha de prata nos 10 000 metros nos Jogos de Los Angeles, que foi desclassificado. O anúncio efectuado pela Comissão Médica do Comité Olímpico Internacional adianta que a substância encontrada é um esteróide anabolisante: a Primobiolina.

Vainio foi o 4.º atleta nos Jogos Olímpicos de 1984 a utilizar substâncias dopantes, e segundo a Comissão do COI, tal substância estava a ser tomada há pelo menos um mês.

O atleta finlandês (23 anos) foi medalha de bronze nos 500 metros nos campeonatos do Mundo em Helsínquia. O italiano Alberto Cova ganhou a prova de 10 000 metros em Los Angeles passando agora para 2.º o inglês Mike McLeod. O queniano Mike Musyoki fica com a medalha de bronze.

Antes, já a grega Anna Verouli fora desclassificada da prova do dardo (em atletismo) por ter tomado o estrógeno anabólico Nadrolone (hormonas), proibido aos atletas. O Comité Olímpico Internacional revelou, em Los Angeles, que os testes à urina da atleta grega (campeã europeia) que falhou a qualificação para a final do dardo, mostrou que esta ingeriu aquela substância. Verouli (27 anos) tornou-se na 5.ª atleta dos Jogos de Los Angeles cujo tese anti-«doping» resultou positivo. Anteriormente, dois halterofilistas e um lutador haviam sido desclassificados por tomarem estrógenos, tendo um massagista japonês sido expulso da competição por ter dado a uma voleibolista um produto, contendo estimulantes.

Verouli, que havia já regressado ao seu país, negou (em Atenas) que tivesse tomado drogas nos Jogos, tendo afirmado a propósito: **«é falso que tenha tomado drogas, mas o que mais me espanta é divulgarem o resultado do teste anti-«doping» seis dias depois da minha prova». «Não sei como eles podem fazer uma acusação tão grave: tenho consciência de que não tomei nada».**

O chefe da delegação grega afirmou estar surpreendido com o resultado positivo do teste, sublinhando que os atletas gregos nunca tiveram problemas desse género. **«Antes de irmos para Los Angeles fizeram-se testes anti-«doping» aos atletas e todos resultaram negativos. Nunca houve problemas em lado nenhum e agora surge o caso de Verouli, que me custa a acreditar».**

Verouli, natural de Kavalld (Norte da Grécia) lançou o dardo a apenas 58,62 metros, na prova de qualificação ficando muito longe da sua melhor marca pessoal (72,70).

O lutador sueco Thomas Johansson perdeu recentemente a medalha de prata por tomar estrógenos, tendo o resultado do teste anti-«doping» sido positivo. Segundo um porta-voz da delegação sueca, Johansson comprou o «produto» a um romeno: **foi uma atitude muito estúpida** – acrescentou o mesmo porta-voz.

Dois halterofilistas, o libanês Mahmoud Tarha e o argelino Ahmed Tarba foram também acusados de tomarem estrógenos, tendo a federação internacional da modalidade expulsado para sempre aqueles dois desportistas. Tarha e Tarba não chegaram a arrebatar qualquer medalha olímpica.

Um outro caso envolveu a massagista Yoshitara Yahagi, que deu a tomar estimulates a uma voleibolista, que desconhecia por completo a substância: o nipónico foi expulso dos Jogos e proibido de participar nos próximos dois Jogos Olímpicos.

Boxe: a maior controvérsia

Em pugilismo, as duas decisões mais protestadas pelo público e pelos críticos presentes no Sports Arena, foram o triunfo dado a Steven McCrory sobre o jugoslavo Redzepovski (aos pontos) na final da categoria de pesos mosca, e de Frank Tate sobre O 'Sullivan (Canadá). No 1.º caso, em que foi atribuída a vitória a McCrory, aos pontos (5-0), o último «assalto» do combate pertenceu inteiramente ao jugoslavo, que massacrou o norte-americano com potentes «ganchos». A decisão dos juízes foi longa e ruidosamente protestada pelo público que, no entanto, mudou de atitude quando o hino dos Estados Unidos se começou a ouvir no pavilhão.

No combate Tate - O' Sullivan, os protestos foram mais longos e ensurdecedores devido ao número de canadianos que assistia ao combate e ficaram atónitos e furiosos com a derrota do seu compatriota, por 5-0. «Os árbitros estavam pressionados, e assim não se pode combater», afirmou o pugilista canadiano no fim do combate, em que massacrou fortemente o seu adversário. No 2.º «assalto», o árbitro fez duas paragens de protecção ao pugilista norte-americano, a ser constantemente alvejado por rápidas sequências esquerda-direita do canadiano.

Também polémico foi o último combate da noite, entre o norte-americano Biggs e o italiano Damiani, que o pugilista local venceu aos pontos (4-1) quando na análise dos jornalistas e críticos presentes no Sports Arena não demonstrou estilo, estofo e aptidão para o boxe. «Não sei o que seria necessário fazer mais para vencer o combate», afirmou sarcasticamente, no final o italiano, enquanto o público assobiava a decisão dos árbitros.

Segundo os especialistas, só quatro dos nove pugilistas norte-americanos com medalhas de ouro mereceram a justiça do troféu: Meldrick Taylor, Whitaker, Page e Mark Breland.

Na cerimónia final de entrega de medalhas, os 24 mil espectadores manifestaram-se ruidosamente, chegando a assobiar o antigo campeão mundial de «pesados», Cassis Clay (Muhammad Ali). Finalmente, não é habitual no boxe enfrentarem-se um actor e um professor universitário: mas isso aconteceu no Memorial Arena Sports. Mike Breland, conhecido actor nos Estados Unidos (e considerado o pugilista mais elegante da equipa norte-americana) venceu aos pontos o coreano Youn Su-An (23 anos) professor universitário de Educação Física.

Jogos acabam em ficção científica

Rosa Mota foi a portadora da bandeira portuguesa na cerimónia de encerramento dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, que principiou às 04 h 25 m. de hoje (hora de Lisboa). Com uma hora e 25 minutos de atraso sobre o momento previsto inicialmente, as delegações dos 140 países presentes nestas Olimpíadas iniciaram o desfile no «Memorial Coliseum», ante 100 mil espectadores. Minutos antes tinha sido entregue ao português Carlos Lopes a última das medalhas de ouro em disputa, numa cerimónia perante um auditório televisivo de 2,5 milhões de pessoas.

O fecho dos Jogos Olímpicos abriu um espectáculo de puro cinema de ficção científica, que durou duas horas. Uma nave «extraterrestre» ao estilo da de «Encontros imediatos do terceiro grau» e um «visitante» do espaço foram momentos do espectáculo de som e luz com que Los Angeles passou o testemunho a Seul.

Os 93 000 espectadores (e milhares de atletas) ficaram siderados pelo aparecimento no meio de um mar de luz de um «homem do espaço» que, em voz metálica, lhes disse: **«Vim de muito longe porque gosto do que vi... saúdo-vos».**

Quanto à nave, irradiou luzes e tocou notas musicais. O helicóptero da qual estava suspensa não pôde ser visto no estádio, ao vivo, ou em casa pela audiência calcualada de 2500 milhões de espectadores.

Milhares de atletas, contagiantemente alegres, dançavam nas pistas, o que não estava no programa

Durante mais de três horas, medalhas e boicotes foram esquecidos enquanto os atletas de 140 países confraternizavam.

O «cérebro» dos primeiros jogos montados por uma organização privada (Peter Ueberroth) recebeu uma ovação estrondosa do público. Ueberroth prometeu que os lucros dos Jogos, a médio prazo, durante os próximos dez anos poderão ascender a 3,50 milhões de dólares: **«tudo para a cidade de Los Angeles»** — garantiu.

Após um «show» de fogo-de-artifício, com o estádio iluminado por lanternas empunhadas pelos espectadores, num palco que lembrou os «musicais» norte-americanos dos anos 30 (com três fontes e luzes multicoloridas) Lionel Richie cantou por entre fumos e jactos de água. Milhares de balões foram lançados quando o quadro electrónico mostrou a frase «See you in Seoul 1988» («Até Seul, 1988»).

O espectáculo, montado por David Wolper, chegara ao fim, mas nas pistas de atletismo, onde durante vários dias se jogaram medalhas, a festa entre os atletas de todos os países prolongou-se até de madrugada.

Depois do desfile foi ritualmente entregue a bandeira olímpica ao representante da cidade sul-coreana de Seul, organizadora dos Jogos de 1988. O estandarte passou sucessivamente das mãos do «mayor» de Los Angeles, (Tom Bradley) para as do presidente do Comité Olímpico internacional que a depositou nas mãos de Bo Hyum Yum, representante de Seul. Já tinham sido içadas as bandeiras da Grécia (país onde decorreram as primeiras Olimpíadas), dos Estados-Unidos e da Coreia do Sul, após o que Samaranch, num breve discurso, agradeceu à cidade de Los Angeles a organização dos Jogos, terminando com um «Obrigado, obrigado, América».

Às 05 h. 58 m. (hora de Lisboa) a chama olímpica extinguiu-se após o que milhares de pequenas luzes azuis se acenderam nas bancadas e num ambiente feérico, a que não faltariam raios «laser» a bombardear o estádio, ao som do tema musical do filme «2001 – Odisseia no Espaço», um disco luminoso surgiu sobre o «Memorial Coliseum». Após longos minutos de transporte para um mundo sideral, através de uma coreografia que atingiu um alto grau de espectacularidade, as cidades-sedes de Jogos Olímpicos da era moderna foram homenageadas durante um vistoso e prolongado fogo-de-artifício sobre Los Angeles.

A temática da ficção científica foi abordada, não só através do disco voador que sobrevoou o estádio, como também pelo aparecimento de um «extraterrestre» junto à entrada principal do estádio.

Ao cantor Lionel Ritchie coube o encerramento (na prática) do espectáculo com a interpretação da canção «All Night Long»

Atletismo

Continuação da pág. 14

(RFA) 4.04.41; 5.ª Christine Benning (Grã-Bretanha) 4.04.70; 6.ª Christina Boxer (Grã-Bretanha) 4.05.53; 7.ª Brit Mc Roberts (Canadá) 4.05.98; 8.ª Ruth Wysocki (EUA) 4.08.92; 9.ª Fita Lovin (Roménia) 4.09.11; 10.ª Debbie Scott (Canadá) 4.10.41; 11.ª Lynne Mac Dougall (Grã-Bretanha) 4.10.58; 12.ª Elly Van Hulst (Holanda) 4.11.58.

● Maratona masculina: 1. Carlos Lopes (Portugal), 2.09,21 (ouro); 2. John Treacy (Irlanda), 2.09,56 (prata); 3. Charles Spedding (G. Bretanha), 2.09,58 (bronze); 4. Takeshi So (Japão) 2.10,55; 5. Robert de Castella (Áustrália), 2.11,09; 6. Juma Ikangaa (Tanzânia), 2.11.10; 7. Joseph Nzau (Quénia), 2.11.28; 8. Djama Robleh (Djibouti), 2.11,39; 9. Jerry Kiernan (Irlanda), 1.12.20; 10. Rodney Dixon (Nova Zelândia), 2.12,57; 11. Peter Pfitzinger (EUA), 2.13,53; 12. Hugh Jones (G. Bretanha) 2.13,57; 13. Jorge Gonzalez (Porto Rico), 2.14,00; 14. Toshihiko Seko (Japão), 2.14,13; 15. Alberto Salazar (EUA) 2.14,19.

Os atletas portugueses Delfim Moreira e Cidálio Caetano desistiram na maratona. Dos 103 atletas que alinharam à partida apenas 78 a completaram. A elevada temperatura (29 graus) foi uma das razões que pesou no abandono dos atletas.

● **50 quilómetros marcha:** 1.º Raul Gonzalez (México), 3.47,26 (ouro); 2.º Bo Gustafsson (Suécia), 3.53,19 (prata); 3.º Sandro Bellucci (Itália), 3.53,45 (bronze); 4.º Reina Salomen (Finlândia), 3.58,30; 5.º Raffaello Ducceschi (Itália), 3.59,26: 6.º Carl Schueler (EUA), 3.59,46; 7.º Jorge Llopart (Espanha), 4.03,09; **8.º José Pinto (Portugal), 4.04,42;** 9.º Manuel Alcalde (Espanha), 4.05,47; 10.º Ernesto Canto (México), 4.07,59.

● 5000 Metros (masculinos): 1.º Said Aquita (Marrocos), 13.05.59 (ouro); 2.º Markus Ryffel (Suíça), 13.07,54 (prata); 3.º António Leitão (Portugal), 13.09,20 (bronze); 4.º Tim Hutchings (Grã-Bretanha), 13.11,50; 5.º Paul Kipkoech (Quénia), 13.14,40; 6.º Charles Cheruiyot (Quénia), 13.18,41; 7.º Doug Padilla (EUA), 13.23.56; 8.º John Walker (Nova Zelândia), 13.24,46; 9.º Ezequiel Canário (Portugal), 13.26,50; 10.º Wilson Waigwa (Quénia), 13.27,34; 11.º Ray Flynn (Irlanda), 13.34,50; 12.º Mats Erixon (Suécia), 13.41,64; 13.º Eamon Martin (Grã-Bretanha), 13.53,34; 14.º David Moorcroft, (Grã-Bretanha), 14.16,61. Martti Vainio (Finlândia) não participou.

● 1500 metros (masculinos): 1.º Sebastian Coe (Grã-Bretanha) 3.32 53 (ouro); 2.º Steve Cram (Grã-Bretanha) 3.33.40 (prata); 3.º José Abascal (Espanha) 3.34.30 (bronze); 4.º Joseph Chesire (Quénia) 3.34,52; 5.º Jim Spivey (EUA) 3.36,07; 6.º Peter Wirz (Suíça) 3.36,97; 7.º Andrés Vera (Espanha) 3.37,02; 8.º Khalifa Omar (Sudão) 3.37,11; 9.º Anthony Rogers (Nova Zelândia) 3.38,98; 10.º Steve Scott (EUA) 3.39,86; 11.º Riccardo Materazzi (Itália) 3.40,74; Steve Ovett (Grã-Bretanha) desistiu.

O atleta britânico Steve Ovett, recordista mundial dos 1500 metros, regressa hoje a casa para ser submetido a testes médicos após a sua desistência na final dos 1500 metros. Ovett disse depois da prova que sentiu fortes dores no peito e tensão nas mãos, tendo recebido apoio médico ainda no Estádio Olímpico. Na prova de 800 metros, Ovett terminou em último lugar e com algumas dificuldades e foi observado num hospital onde passou dois dias. Assistido por um especialista, Ovett tinha uma obstrução na respiração, provavelmente causada por uma bronquite.

Apesar de estar doente, Ovett decidiu correr os 1500 metros e a 360 metros do fim, estava em 4.º lugar, altura em que desistiu.

● **4 x 400 metros (femininos):** 1.ª EUA (Lilie Leatheerwood, Sherri Howard, Valerie Brisco-Hooks e Vhandra Cheeseborough), 3.18,28 (ouro); 2.ª Canadá (Charmaine Crooks, Jilliam Richardson, Molly Killingbeck e Marita Payne), 3.21,21 (prata); 3.ª Alemanha Federal (Heike Schutle-Mattler, Ute Thimm, Heide Gaugel e Gaby Bussmann), 3.22,98 (bronze); 4.ª Grã-Bretanha, 3.25,51; 5.ª Jamaica, 3.27,51; 6.ª Italia, 3.30,82; 7.ª Índia, 3.32,49; Porto Rico não alinhou.

● 4X100 metros (femininos: 1.ª, EUA (Alice Brown, Jenette Bolden, Chandra Cheeseborough, Evelyn Ashford), 41,65 (ouro); 2.ª, Canadá (Ângela Bailey, Marita Payne, Ângella Taylor, France Gareau), 42,77 (prata); 3.ª, Grã-Bretanha (Simone Jacobs, Kathryn Cook, Bevereley Callender, Heather Dakes), 43,11 (bronze); 4.ª, França, 43.15; 5.ª, RFA, 43,57; 6.ª, Bahamas, 44,18; 7.ª, Trindade e Tobago, 44,23; 8.ª, Jamaica, 53,54.

Festa bonita: pompa e circunstância

● Œ Disco (feminino: 1.ª, Ria Stalman (Holanda), 65,36 (ouro); 2.ª, Leslie Deniz (EUA), 64,86 (prata); 3.ª, Florenta Craciunescu (Roménia), 63,64 (bronze); 4.ª, Ulla Lundholm (Finlândia), 62,84; 5.ª, Meg Ritchie (Grã-Bretanha) 62,58; 6.ª, Ingr Amanecke (RFA), 58,56; 7.ª, Venissa Head (Grã-Bretanha), 58,18; 8.ª, Gael Martin (austrália), 55,88; 9.ª, Patricia Walsh (Irlanda), 55,38; 10.ª, Laura de Snoo (EUA), 54,84; 11.ª, Jiao Yunxiang (China), 53,32; 12.ª, Lorna Griffin (EUA), 50.16.

O último máximo batido

Evolução do recorde mundial dos 4x100 metros masculinos desde 1964:

- 30,0 (39,0) EUA em Tóquio (Out. 21-1964); (Drayton, G. Ashworth, R. Stebbins, B. Hayes).
- 38,6 (38,65) Jamaica, Cidade do México (Out. 19-1968): (E. Stewart, M. Fray, C. Forbes, L. Miller).
- 38,3 (38,39) Jamaica, Cidade do México (Out. 19-1968): (E. Stewart, M. Fray, C. Forbes, L. Miller).
- 38,2 (38,23) EUA, Cidade do México (Out. 20-1968): (C. Greene, M. Pender, R.R. Smith, J. Hines).
- 38.20 (38,19) EUA, Munique (Set. 10-1972): (L. Black, R. Taylor, G. Tinker, E. Hart)
- 38,03 EUA Dusseldorf (Set. 3-1977): (B. Collins, S. Riddick, C Wiley, S. Williams).
- 37,86 EUA, Helsínquia (Ago 11-1983): (E. King, Gault, C. Smith, C. Lewis).
- 37,83 EUA, Los Angeles (Ago. 11-1984): (Sam Graddy, Ron Brown, Calvin Smith, Carl Lewis)

VENDE-SE

Andares de 3 e 4 assoalhadas, uma ou duas casas de banho, prontos a habitar dentro de 30 dias. Bonitos e bem situados. Vale Fetal-Charneca de Caparica.

Preço 2500 e 2700 contos – Facilita-se.

O próprio Tel.: 2260080 (das 9 às 20 horas) ou 2260713 (partir das 20 horas).

PREÇO: 2500 e 2700 contos

DESPORTO

Sporting vence torneio internacional

Primeiramente coube ao Benfica derrotar o «visitante» Atlético madrileno por «dois-zero», resultado que seria repetido no dia imediato (sábado) pelo Sporting. A decisão quanto à atribuição do troféu em disputa ficara assim em suspenso para o confronto entre os velhos rivais da Luz e de Alvalade. O jogo disputou-se na noite histórica (por outras razões) de ontem, e o Sporting alardeando superior condição físico-técnica-táctica não teve grandes dificuldades em derrotar o Benfica por um concludente «três-um» beneficiando de algumas «fífias» de Bento que em Alvalade vai tendo algum «galo».

O Sporting conquistou merecidamente o primeiro torneio oficial da temporada e o técnico Toshack parece ter já desenhado o xadrez do quadro onde apenas faltará Jordão, já que na defesa, Damas parece de «pedra e cal», na cortina defensiva o veterano Virgilio estará acompanhado pelos jovens Morato, Venâncio e Mario Jorge; quanto à linha media com Lito, Pacheco, Zezinho e Sousa é um sector de luxo e para o ataque Jordão, Manuel Fernandes, Eldon é um trio de respeito

Incontestável triunfo do Sporting mercê do padrão exibicional que evidenciou nos dois encontros realizados. Para a história estas referências: contra o Atlético de Madrid os goleadores foram Eldon e Manuel Fernandes e, frente ao Benfica, novamente Eldon e Lito a bisar enquanto no tento do Benfica coube a Venâncio o derradeiro toque. Nos últimos encontros eis os seus intérpretes:

Arbitrou José Guedes, do Porto, e as equipas alinharam:

SPORTING: Damas; Morato, Mário Jorge, Virgilio e Venâncio; Zezinho, Lito (Carlos Xavier 56), Sousa (Litos 56), M. Fernandes (Forbes 78), Jaime Pacheco (Oceano 70) e Eldon.

ATLÉTICO MADRID: Pereira; Votava, Tomas, Carteche e Ruiz; (Balbino 46), Júlio Prieto, Marina (Landaburu 46), Quique (Pedro Pablo 60) e Hugo Sanchez; Minguez e Rubio (Pedraza 67).

Na final dirigiu a partida o árbitro Raul Nazaré, de Setúbal, e as equipas alinharam:

SPORTING: Katzirz; Morato (Xavier 46), Mário Jorge, Oceano (Lito 52) e Venâncio; Zezinho, Virgílio, Sousa, Manuel Fernandes Jaime Pacheco, Eldon (Litos 76).

BENFICA: Bento; Veloso, Nunes, Alvaro e Bastos Lopes; Carlos Manuel, Nené (Diamantino 46) Manniche, José Luis (Padinha 80) Wando (Jorge Silva 74) e Sheu.

Torneio Início da AFP Boavista à frente

Organizado pela Associação de Futebol do Porto continua a disputar-se o Troneio Início tendo-se realizado já cinco encontros de que resultaram os seguintes desfechos.

Rio Ave - F. C. do Porto, 0-1); Rio Ave - Penafiel, 0-0; Boavista - Salgueiros, 3-2; Rio Ave - Salgueiros, 1-3; e Salgueiros - F. C do Porto, 1-0

E a classificação actual está assim ordenada

	J	V	E	D	G	P
1.°, Boav.	2	2	0	0	6-3	4
2.°, Salg.	3	2	0	1	6-4	4
3.°, F. C. P.	2	1	0	1	1-1	2
4.°, Penaf.	2	0	1	1	1-3	1
5.°, R. Ave	3	0	1	2	1-4	1
6.°, Varzim	0	0	0	0	0-0	0

Próximos jogos:

Penafiel - Varzim (Estádio das Antas) (14/8); e Boavista - Varzim (Estádio do Bessa) (16/8).

Porto empate em Metz

Como retribuição à visita anteriormente feita pelo titular da última Taça de França, o F.C. Porto deslocou-se a Metz para defrontar o clube de Ettore e Bernard, e impôs um «nulo» a zero. Um resultado que certamente agradará a Artur Jorge e a todos os portistas tanto mais que a exibição do quadro dos «dragões» começa a mostrar-se bem entrosado e a dar garantias de que as saídas dos «stars» Sousa e Pacheco não efectuarão muito o rendimento do conjunto. No encontro de ontem o novo treinador portista apresentou o seguinte onze: Borota; João Pinto, Eurico Lima Pereira e Eduardo Luís; Jaime Magalhães, Frasco, Ademar e Vermelhinho; Gomes e Futre. No segundo tempo, Artur Jorge, procedeu a algumas substituições no propósito de «rodar» a maioria dos jogadores, tendo Zé Beto ocupado o lugar nas redes, Costa «rendeu» Futre, Quim foi para o lugar de Frasco, Costa cedeu o lugar a André e Jacques ocupou a posição de Eduardo Luís.

Amanhã os portistas irão defrontar o Mulhouse.

Lívio Borges, em representação da Câmara Municipal de Lisboa, entrega a Manuel Fernandes o troféu respeitante ao Torneio internacional «Cidade de Lisboa» que convincentemente foi conquistado pelo Sporting por derrotar o Atlético de Madrid (2-0) e o Benfica (3-1)

Belenenses: mais dois triunfos

O Belenenses concluiu a sua digressão pelos EUA e Canadá com um saldo positivo de quatro jogos, quatro triunfos e dezanove-zero em golos. No sábado derrotou por 8-0 o Académico de Fall River com os golos repartidos por Djão (2). Murça, Dudu, Ronnie, José António, Meneses e Jorge. No domingo em Toronto teve confronto com uma equipa formada por emigrantes denominada «A Transmontana» triunfando facilmente por 5-0 com Jaime, Ronnie, Djão, José António e Joel a rubricarem os tentos obtidos.

Jogos particulares

No último fim-de-semana realizaram-se alguns encontros de carácter particular tendo-se verificado os seguintes resultados: Famalicão - Sporting de Braga, 1-0: Lusitano de Évora - Clube Desportivo de Badajoz, 2-1; Desp. Monção - Gil Vicente, 0-0; Vizela - Caldas, 2-0; Varzim - Rio Ave, 1-0; Penafiel - Guimarães, 3-0; Portimonense - V. Setúbal, 2-0; e Chaves - Mimeola United Club (EUA), 2-0.

Como notas salientes destes encontros poderemos referir estas: a pesada derrota sofrida pelo Guimarães no seu estádio frente ao «modesto» Penafiel; a excelente exibição do ex-portista Júlio Sérgio agora ao serviço do Varzim cotando-se como o melhor elemento no encontro entre poveiros e o Rio Ave e, finalmente, mais uma derrota do Sporting de Braga o que parece começar a preocupar Quinito e, naturalmente, dirigentes e adeptos do clube bracarense.

Pietra está lesionado

O encontro entre o Benfica e o Atlético de Madrid deixou algumas «mossas» nos futebolistas encarnados motivadas pela excessiva dureza e alguma rudeza de que os madrilenos se serviram para derrotar o seu opositor. O caso de maior gravidade pertence a Pietra que se encontra em repouso absoluto e amanhã submeterá o pé lesionado à observação dos responsáveis clínicos do clube, sendo previsível que não possa estar presente no encontro inaugural do campeonato em Guimarães para defrontar o Vizela.

Guimarães: três estrangeiros

Para acautelar a manutenção de um plantel que assegure algumas e legítimas ambições, o Vitória de Guimarães terá assegurado o concurso do jugoslavo Slovan e dos brasileiros Paulo Roberto e Gilmar. Refira-se que Slovan se estreou no encontro que os vimaranenses ontem realizaram (e perderam) com o Penafiel.

Rui Águas: mantém-se o impasse

Quando tudo indicava que Rui Aguas trocaria o Portimonense (seu actual clube) pelo FC do Porto, eis que surgiu a «voz forte» de Fernando Martins a «mandar» suspender o negócio porquanto o Benfica teria uma palavra a dizer sobre o assunto. E assim sucedeu. Benfica ou Porto, qual o destino de Rui Aguas? Uma questão para solucionar dentro dos próximos dias.

FIFA ameaça o Grémio com expulsão

O Grémio do Brasil será expulso da Federação Internacional de Futebol (FIFA) se não liquidar até 31 de Agosto a dívida de 100 mil dólares (cerca de 15 mil contos) que tem para o Olimpia do Paraguai.

A dívida do clube brasileiro remonta a 1980, quando adquiriu o centro-campista Carlos Kiese, do Olimpia. A FIFA, solicitada entretanto a intervir, comunicou à federação paraguaia que fora o último prazo que concedera ao Grémio. Exige, além disso, que o clube brasileiro pague aquela importância duma só vez, e não em prestações como fora acordado inicialmente.

Luto no Auxerre

Morreu Michel N'Gom

Morreu Michel N'Gom. Uma notícia que nos chega poucas horas depois de haver afirmado em Auxerre ao nosso camarada do «Record», Mendes Nunes: **«Aqui em Auxerre tudo é mais calmo e eu gosto muito da tranquilidade, de passear à beira-rio».** N'Gom nascera em Dacar e é filho de um senegalês e de uma cabo-verdiana tendo ido para França quando acabado de nascer. Um grave acidente de viação atirou com o magnífico futebolista para a sombra dos ciprestes, pois não resistiu à fractura do pescoço. Eram 16 horas de ontem quando Michel se despedia da vida em Perrigny, localidade a cinco quilómetros de Auxerre e pouco depois de ter largado a auto-estrada que percorrera desde Paris. A dor, o luto a tristeza e o drama poisa em Auxerre onde o jovem Michel desfrutava de imensa amizades e onde lhe tributavam profunda admiração. Michel falava razoavelmente o idioma português por influência de sua mãe e dedicava grande admiração pelos futebolistas, portugueses especialmente por Jordão. O treinador do Auxerre que esteve no local do acidente onde o seu pupilo Michel N'Gom perdera a vida encontrava-se em estado de choque e não proferiu qualquer comentário. Auxerre de luto por morte de um dos seus mais influentes e dedicados futebolistas, o qual anteriormente representara o Paris St. Germain, Mazargus, Toulon e Marselha, sendo internacional de «esperança» pela França. Morreu Michel N' Gom. Morreu um futebolista. Morreu um homem.

Salgueiros: a rábula dos presidentes

A Direcção do Salgueiros ontem reunida extraordinariamente para analisar notícias divulgadas na Comunicação Social referindo a substituição do presidente Adolfo Pereira repudiou essas informações.

O elenco directivo da colectividade de Paranhos considera que «este tipo de informação visa desestabilizar o clube» e que o mesmo se encontra uno e coeso.

Recorde-se que Alberto Mesquita, colaborador de Joaquim da Costa Ferreira Torres, indicado como possível sucessor de Adolfo Pereira em declarações feitas à ANOP, afirmou que «o Salgueiros não pode ser dirigido por um presidente que está seis dias em Lisboa e dois no Porto».

Sobre a notícia que o contrato de publicidade feito pelo clube para a próxima época com uma conhecida marca da cafés, teria sido orientado já por Ferreira Torres, José Martinho, chefe do departamento de futebol, desmentiu categoricamente essa afirmação de Alberto Mesquita, adiantando que o contrato foi da exclusiva responsabilidade do presidente Adolfo Pereira.

Totobola

A partir de agora o onze dá dinheiro

O Totobola vai passar a premiar os apostadores com apenas 11 resultados certos através da criação de um terceiro prémio (estabelece um decreto-leo hoje publicado na folha oficial).

O referido decreto-lei da Presidência do Conselho de Ministros e dos Ministérios da Administração Interna, da Justiça, das Finanças e do Plano e do Trabalho e Segurança Social introduz alterações na legislação sobre o Totobola, existente desde 1961, e entra em vigor já na próxima época. Estabelece ainda ser permitida a acumulação do montante de prémios não atribuídos num concurso ao montante de prémios do concurso imediatamente seguinte ou a outras categorias de prémios que se verificarem no mesmo concurso, segundo normas a definir. O decreto-lei autoriza também o Departamento de Apostas Mútuas Desportivas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa a organizar sorteios, quer em espécie, quer em dinheiro, adicionais aos dos concursos e em simultâneo com eles para finalidades de natureza comercial.

Finalmente, é autorizada a emissão de boletins de Totobola sem indicação das competições a que se referem os prognósticos a fim de que tais bilhetes possam ser utilizados em outros concursos de forma a superar eventuais carências.

X FESTIVAL DE MÚSICA COSTA DO ESTORIL

TEATRO MARIA MATOS — Lisboa 14 Ago — 21H30	BADEN POWELL guitarra
CASINO ESTORIL 16 Ago — 21H30	SEQUEIRA COSTA piano — Recital Schumann, Debussy Ravel, Rachmaninov
CLAUSTRO MUSEU — Cascais 18 Ago — 18H00	GRUPO CORAL E ETNOGRÁFICO DA CASA DO POVO DE SERPA dir Francisco Torrão — guitarra campaniça António Jacinto
TEATRO GIL VICENTE — Cascais 18 Ago — 21H30	ALEJANDRO MARTIN guitarra flamenca
IGREJA CASCAIS 21 Ago — 21H30	QUARTETO TRAVNICEK Haydn, Dvorak, Janacek
IGREJA CARCAVELOS 22 Ago — 21H30	QUARTETO TRAVNICEK Janacek Smetana, Ravel
TEATRO GIL VICENTE — Cascais 23 Ago — 21H30	ERNO ROZSA/JOSÉ JOÃO SANTOS/Novos Intérpretes violino e piano — Recital Bach, Tartini, Paganini, Sarasate
IGREJA CARCAVELOS 24 Ago — 21H30	GIULIANO BALESTRA guitarra — Recital Sor Balestra
CASINO ESTORIL 25 Ago — 21H30	TIBOR VARGA/TANIA ACHOT violino e piano — Recital Beethoven Brahms Debussy Ravel
CASINO ESTORIL 27 Ago — 21H30	PEDRO BURMESTER/Novos Intérpretes piano — Recital Chopin
IGREJA CASCAIS 29 Ago — 21H30	QUARTETO KODALY Mozart, Kodaly Debussy
IGREJA CARCAVELOS 30 Ago — 21H30	QUARTETO KODALY Haydn, Bartok Ravel

Organização:	AIMCE e JTCE
Patrocínio:	Ministério da Cultura Secretaria de Estado do Turismo Câmara Municipal de Cascais RTP Rádio Comercial RDP — Programa 2 TAP — Air Portugal e Estoril-Sol
Colaboração:	Câmara Municipal de Lisboa Fundação Calouste Gulbenkian Embaixada de Espanha Embaixada de França Embaixada dos EUA Instituto Alemão, Cinemateca Portuguesa TEC Sojazz Dargil Rank Xerox Diário de Notícias Mundial Turismo
Bilheteiras:	Casino Estoril Teatro S. Luiz, Dargil e Agência ABEP
Informações:	Telef. 268 39 00

Sábad

Sábado, 21/7

17 horas

Com o atraso normal coisas, assistimos numa escola da Pontinha a um táculo infantil apresenta Grupo (H) Ora Viva (nom plicado), do Círculo Cul Setúbal. Encenação de F José sobre uma criação tiva com um título, complicado, «O Bicho (Conta». O (H) Ora Viva su meados de 83 tendo a tado um espectáculo curt de algumas actividades las. O actor do TAS João dirigiu um curso seguido teresse. Já em 84, o grup sentou «Eu sou o Pifas base em três peças bre Ivette Centeno, encenaç nografia de Nuno Mell actor do TAS. Finalmente peu José ainda do TAS este novo espectáculo qu leccionado para a fi FESTA 84. Espectáculo mas muito vivo, em que c mero pretexto para uma deira saudável com ac espectadores a participa mesmo prazer tratral. se de conta» foi o pretexto, f de conta», de que parte que definu o espectáculo carga lúdica.

Os actores, muito jove tregaram-se com alegria jogo. Um cenário bem a figurinos adequados à ajudaram os intérpretes buíram para que a enc obtivesse um nível glob tante aceitável. Públic comungaram do entusi da alegria referidos pois táculo viria a obter o prémio na sua categoria

19 horas

Da Pontinha seguim Fanhões onde nos esp espectáculo do Teatro de Espinho, grupo que com muito agrado, nos 75, no festival ao ar livre telo de Montemor-o-V espectáculo do grup nhense – com base em t teatro de cordel ' pare então entusiasmante e muito interesse que fic aguardar novas represe do grupo. Infelizmente, s quase dez anos depo oportunidade surge, e semos perdê-la. Não fic rependidos. Dos poucos táculos que vimos na FE este foi um dos melho mais inconvenientes e vos. O grupo voltou a c um texto nacional, dest «Auto da Barca do Infe

C
A
VE
Em centro co
240 lugar
TELEF. 6

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Sábado: Manhã, Tarde e Noite (2)

Sábado, 21/7

17 horas

Com o atraso normal nestas coisas, assistimos numa sala da escola da Pontinha a um espectáculo infantil apresentado pelo Grupo (H) Ora Viva (nome complicado), do Circulo Cultural de Setúbal. Encenação de Pompeu José sobre uma criação colectiva com um título, também complicado, «O Bicho (Faz) de Conta». O (H) Ora Viva surgiu em meados de 83 tendo apresentado um espectáculo curto, além de algumas actividades paralelas. O actor do TAS João Manuel dirigiu um curso seguido com interesse. Já em 84, o grupo apresentou «Eu sou o Pifas», com base em três peças breves de Ivette Centeno, encenação e cenografia de Nuno Mello, outro actor do TAS. Finalmente, Pompeu José ainda do TAS, dirigiu este novo espectáculo que foi seleccionado para a final do FESTA 84. Espectáculo simples mas muito vivo, em que o texto é mero pretexto para uma brincadeira saudável com actores e espectadores a participarem do mesmo prazer tratral. se o «bicho de conta» foi o pretexto, foi o «faz de conta», de que parte o teatro, que definu o espectáculo e a sua carga lúdica.

Os actores, muito jovens, entregaram-se com alegria a este jogo. Um cenário bem achado e figurinos adequados à função, ajudaram os intérpretes e contribuíram para que a encenação obtivesse um nível global bastante aceitável. Público e júri comungaram do entusiasmo e da alegria referidos pois o espectáculo viria a obter o primeiro prémio na sua categoria.

19 horas

Da Pontinha seguimos para Fanhões onde nos espera um espectáculo do Teatro Popular de Espinho, grupo que vimos com muito agrado, nos idos de 75, no festival ao ar livre no Castelo de Montemor-o-Velho. O espectáculo do grupo espinhense – com base em textos do teatro de cordel ' pareceu-nos então entusiasmante e foi com muito interesse que ficámos a aguardar novas representações do grupo. Infelizmente, só agora, quase dez anos depois, essa oportunidade surge, e não quisemos perdê-la. Não ficámos arrependidos. Dos poucos espectáculos que vimos na FESTA 84 este foi um dos melhores, dos mais inconvenientes e inventivos. O grupo voltou a optar por um texto nacional, desta vez o «Auto da Barca do Inferno», de Gil Vicente. Texto feito e refeito, foi trabalhado pelo grupo de Espinho através da realidade nova que é o Portugal de Abril. Este Gil Vicente surge, pois, como um escritor revolucionário, e não vale a pena lamentarmos a incongruência disso já que o tratro é precisamente a arte de dar vida nova ao que parece ser irremediavelmente antigo.

Num espaço em semiarena, utilizando processos extremamente simples (um pano branco sinalizava o espaço angelical, um pano negro, o espaço diabólico), fazendo passar o Diabo e o Anjo pela maioria dos actores do grupo, o espectáculo decorria por entre repetidas referências à actualidade, o que acentuava o que há de revisteiro no teatro vicentino, ao mesmo tempo que aproximava o texto dos espectadores de hoje.

Entenda-se, no entanto, que se aceitamos este tipo despreconceituoso de abordagens de um clássico, do mesmo modo aceitamos os valores intrínsecos desses textos que não exigem, necessariamente, essa modernização. No caso deste espectáculo, o grupo soube exprimir o que há de actual na crítica vicentina clarificando as linhas satíricas do texto através de referências a «sinais» tão reconhecíveis como a CEEX, O FMI, Beirute, etc. Embora obrigados a passar rapidamente de personagem para personagem, os intérpretes conseguiram boas composições assim como definições das situações igualmente correctas e eficazes. Um bom trabalho que se desdobra no final, quando a trupe se preparava para sair da sala. (Pois tratava-se de uma trupe de saltimbancos.) Voltando atrás, o grupo retoma o texto para representar a cena do lavrador, o que dá destaque inesperado a esta cena que termina com um belo elogio do Alentejo:

«Não quero por Paraíso
outro lugar senão aqui.»

O Grupo apresenta, duma maneira geral, um bom nível de representação com actores que parecem ter algum «palco». Deles gostaríamos de sublinhar o trabalho de uma jovem com uma bonita presença, uma voz muito boa, uma intencionalidade de gestos e de expressões que valeria a pena desenvolver.

20 horas

Vistos os três espectáculos de amadores deste sábado teatral, posso dizer que não perdi tempo e que valeu a pena esta corrida de local para local num dia quente como o de hoje.

Este ofício de crítico de teatro, aliás, permite-nos variações tão ricas como estas: passar do ambiente sofisticado do Centro de Arte Moderna, com um espectáculo rico como «Deseja-se Mulher», visto anda na noite de ontem, para este ambiente de teatro improvisado, de pequenas salas pobres vendo representar grupos sem recursos que trabalham por amor. E daqui voltar à cidade para um outro espectáculo, outro saldo desta vez para a Sala experimental do Nacional.

Antes disso, porém, terei de participar numa rápida reunião do júri de originais de teatro, concurso integrado no IV Festival Sindical de Teatro de Amadores. Felizmente, não é difícil chegarmos todos a acordo. Além de escassos,' os textos eram demasiado frágeis para merecerem prémios. Um deles, no entanto, merece uma menção honrosa que por unanimidade lhe é concedido. Tratava-se do original de L. Tomás Valdez «Rha». Um outro que mereceria uma outra menção honrosa não a obteve por não estar de acordo com o regulamento. Tratava-se do original de Dilar Parreira «Mulher Hoje Aqui».

É tarde. Para chegarmos a tempo ao Rossio, só temos tempo para comer uma bucha pelo caminho. É o que fazemos.

«A Birra do Morto», de Vicente Sanches, uma outra história, uma outra surpresa. Ficará para outra vez.

O BICHO (FAZ) DE CONTA. Criação colectiva. **Encenação:** Pompeu José. **Interpretação:** Alexandre, Buda, Casaca, Chico, Cristina, Fernando, Kiki, Lena, Cristina, Marta, Nuno, Raposo, Teresa. Grupo **(H)Ora Viva** (Setúbal).

AUTO DA BARCA DO INFERNO, de Gil Vicente. **Dramaturgia e encenação:** Domingos Oliveira. **Assistente:** António Paiva. **Interpretação:** António Mano, António Paiva, Carolina Letra, Fernando Cardoso, Francisco Soares, Helena Letra, Hermínia Carvalho, Jorge Mendonça e José Ferreira. **Colaboração:** Idalina Sousa, Luís Teixeira, Jorge Santos, Manuel da Rosalina. **Teatro Popular de Espinho.**

(In) comunicação

FILHOS DE UM DEUS MENOR, de Mark Medoff. **Tradução:** Miguel Tecedeiro. **Encenação:** Mário Feliciano. **Cenografia:** José Cunha. **Figurinos:** Vera Castro. **Música:** Constança Capdeville. **Luminotecnia:** Orlando Worm. **Interpretação:** Ângelo Pinto, Baptista Fernandes, Fernando José Oliveira, João Perry, Margarida Rosa Rodrigues, Mariana Rey Monteiro, Teresa Madruga. **Linguagem gestual:** Ana Cristina, Artur Jorge. **Colaboração:** Isabel Prata (Linguística) e Conceição Torrado (Terafia da Fala). **Teatro da Trindade.** Estreia: 14.7.1984 (18.7.1984).

Como qualquer outro, mais do que é normal, este espectáculo pode e deve ser visto por vários ângulos. Espectáculo de teatro é isso que inapelavelmente dele exigimos. Isso: espectáculo e teatro. Espectáculo que aborda um tema que tem múltiplas incidências (humanas, sociais, culturais, científicas, técnicas), esperamos que o faça com seriedade e sentido das realidades, e ao mesmo tempo sem esquecer o pressuposto inicial. Espectáculo feito para todos os públicos, esperamos que possa interessar e ser útil a públicos minoritários.

Podemos dizer, sem grandes exageros, que «Filhos de um Deus Menor» respeita todos esses postulados, embora o faça, tanto quanto o posso julgar, de forma moderada, sacrificando talvez as incidências profundas do tema ao seu tratamento sentimental. Isto, salvo erro, em consequência de um texto relativamente frágil, se bem que eficientemente carpinteirado, que consegue uma certa eficácia a nível do discurso dramático mas se enreda em zonas de jogos relativamente fáceis, relativamente convencionais.

Escrevo isto com algumas reservas porque se há ocasiões em que desejo abstrair-me de juízos peremptórios esta é uma delas, já que outros valores se levantam, além dos teatrais.

A acção da peça decorre num instituto dedicado à educação de surdos-mudos e põe em confronto não apenas personagens que vivem em mundos separados (os que ouvem e falem e os que não ouvem nem falam ou falem com dificuldade), mas também personagens que vivem no mesmo mundo. Duas personagens se distinguem, a de Sara, uma surda-muda (Teresa Madruga) e a de um professor, José (João Perry) cuja convivência conflitual tem uma função axial no desenrolar da peça. Através de «flash-backs», o texto conduz-nos menos a zonas de vivências sociais de cada um dos protagonistas do que a zonas de

Continuação da pág 17

Hoje

RTP 1

A equipa da «Balada de Hill Street»

18.02 Notícias
18.10 3, 2, 1 Contacto
18.40 Teleregiões
19.05 «A Balada de Hill Street»
20.00 Telejornal
20.30 «O Bem Amado» – episódio n.º 104.
21.05 Jogos Olímpicos – cerimónia de encerramento.
22.50 Últimas Notícias

RTP 2

Orquestra de Filadélfia que actua esta noite

19.32 Notícias
19.40 Desenhos Animados
20.00 Folclore – Rancho de Vila Verde (Braga).
20.30 «Contos da Sibéria»
20.55 Animação – crianças em debate.
21.25 «Guerra dos Sexos» – episódio n.º 79.
22.15 Jornal da Noite
22.45 ... Da Música – concerto pela Orquestra de Filadélfia.

Amanhã

RTP 1

18.02: Notícias; **18.10**: «Candy, Candy»; **18.30**: Teleregiões; **19.00**: A Guerra Civil de Espanha; **20.00**: Telejornal; **20.30**: «O Bem Amado»; **21.05**: «Escândalos Victorianos»; **22.10**: Grande Informação; **23.05**: Ultimas Notícias

RTP 2

19.32: Notícias; **19.35**: Desenhos Animados; **20.05**: Fontes do Porto, **20.30**: Adágio; **21.00**: Artistas, **21.30**: «Guerra dos Sexos», **22.15**: Jornal da Noite, **22.45**: «A Balada de Hill Street»

CINEMA
A ESTREAR

VENDE-SE

Em centro comercial, sala para aprox. 240 lugares no centro do Porto.

TELEF. 67 41 34/5/6 — PORTO

AOS SRS. EMIGRANTES

AOS SRS. INVESTIDORES

E NÃO SÓ

OFERECEMOS-LHE A OPORTUNIDADE DE INVESTIR O SEU DINHEIRO NUMA GRANDE PECUÁRIA.

DAMOS UM LUCRO IMEDIATO

PODE IR ATÉ 60 % AO ANO

PAGO MENSALMENTE E COM GARANTIA ABSOLUTA

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTACTAR COM OS ☎ 84 30 60 E 82 73 45

RUA ILHA DO PRINCIPE, N.º 2, R/C. DTO. LISBOA

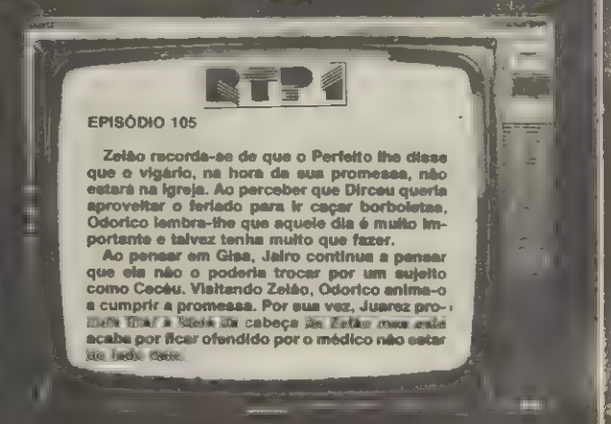
ATENDEMOS TAMBÉM AOS SÁBADOS

INSCRIÇÕES EM NÚMERO LIMITADO

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP 1 «A Balada de Hill Street» (19.05)

RTP 2 ... Da Música (22.45)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RADIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

O mercado da Arte

Continuação da pág 3

do seu pessoal. Em Abril de 1983 um grupo americano ligado à Knoll International lançava uma OPA – Oferta Pública de Compra – para tentar captar a maioria das acções em circulação. Os directores britânicos ameaçaram demitir-se antes de cederem perante uma multinacional orientada para o mobiliário contemporâneo.

Alguns meses mais tarde um novo capitalista se apresentou. Era Alfred Taubman, de cinquenta e oito anos, um dos homens mais ricos dos Estados Unidos, que conseguiu a sua fortuna de operações financeiras ligadas ao desenvolvimento de supermercados na periferia das cidades industriaise à exploração de uma cadeia de setecentos restaurantes. Tendo tomado o compromisso de manter o carácter britânico da célebre sala de vendas, acabou por conseguir, em Setembro último, luz verde do governo de sua graciosa majestade, uma vez que a comissão para os monopólios concluiu que «esta cedência não vai contra o interesse público».

É preciso dizer que a direcção britânica, que foi mantida no lugar, já tinha iniciado uma espectacular recuperação com o leilão de várias grandes colecções, onde se viram cair os recordes dos lances: 29 920 000 F por um pastel de Degas, 11 532 000 F por um de Miró, 11 880 000 francos por uma secretária de Weisweiller, 23 100 000 F por uma armadura do rei Henrique II e 97 200 000 F – recorde absoluto de todas as categorias – por um manuscrito com iluminuras do século XII.

Nada tendo de louco, Taubman acabou por saltar para um comboio em andamento. Depois de ter entregue 82 mil milhões de libras esterlinas – 976 000 000 de francos – ficou maioritário e, imediatamente, se rodeou de conselheiros americanos, a começar por Henry Ford II, nomeado vice-presidente da Sotheby's. Em Outubro passado nomeou seu delegado em Londres aquele que é considerado como o seu braço direito, David Ward, colocado à testa do Grupo Managing. Finalment,e em Dezembro, constituiu uma «comissão executiva» na qual figuram a maioria dos financeiros americanos mais ou menos ligados a empresas artísticas.

Ajuntemos ainda que, nos últimos três anos, o produto de vendas do Sotheby's nos Estados Unidos ultrapassa de longe o volume de negócios das salas de vendas no Reino Unido.

Tornando públicos os últimos balancetes da empresa que ele dirige com firmeza – 74% de aumento no decurso dos últimos quatro meses de 1983 – Taubman analisou à sua maneira a progressão das vendas do Sotheby's no mercado da arte que, segundo ele, «deve ser considerado no seu conjunto». Não desejando deixar transparecer o domínio dos capitais americanos, insistiu sobre o fenómeno da internacionalização dos compradores e dos vendedores que, disse ele, podem seguir os lances tão bem em Nova Iorque como em Londres, Amesterdão, Mónaco ou Hong-Kong. Anunciou também que a Sotheby's continuará a favorecer as aquisições de particulares nos seus principais lugares de venda. Ninguém poderá, de momento, prever se a direcção britânica que se mantém saberá resistir ao «sistema Taubman».

Olhemos agora para o que se passa com o Christie's. Muito tradicionalista, esta firma fundada em 1766 mantém, há uns dez anos, uma gestão apertada, sem grandes investimentos, o que lhe permitiu resistir calmamente às dificuldades dos anos 80 e progredir regularmente, beneficiando até de parte da clientela do Sotheby's então em regressão. O volume de negócios do Christie's duplicou em quatro anos para atingir um total sem precedentes de 272 000 000 de libras em 1983 – 3 265 000 000 de francos – com um aumento de 50% num único ano.

Não há dúvida de que este relançamento do mercado da arte está ligado à subida económica americana. A paragem da subida das taxas de juro – que tinha fortemente travado os investimentos no campo da arte – descongelou certos capitais, que se voltaram para as obras de arte. Este fenómeno provoca, por contágio, a entrada em acção de novos investidores, muitos dos quais jovens quadros da indústria, do comércio, da edição e do espectáculo, que começam a apreciar a pintura moderna e as antiguidades, por um lado, por gostarem e por outro, talvez por pensarem estar a fazer um bom investimento para o futuro. Nesta sociedade americana, simultaneamente informatizada e individualista, é de bom tom procurar os valores estéticos antigos ou contemporâneos, sem hesitar sobre o preço

O centro do mercado da arte já há muito tempo que deixou de ser Paris; mas também já não é Londres: é nos Estados Unidos que tudo se decide.

Este relance vai contribuir para fazer sair das maãos dos coleccionadores as peças melhores, mas eles estão seguros de obter o melhor preço. Sotheby's já anunciou que vai pôr à venda quadros raros italianos, obras de arte-deco, mobiliário francês do século XVIII e uma excepcional colecção de Gauguin, Van Gogh e Degas proveniente da Suíça. Christie's propõe uma colecção de porcelanas da China e, para Abril próximo, as fabulosas jóias de Florence Gould.

Não é necessário consultar os astros para profetizar que iremos assistir, nos próximos anos, à consagração do domínio americano no mercado da arte internacional.

(In)comunicação

Continua na pág 18

reconhecimento da sua maneira de estar no Mundo. Sara, inconformista, recusa-se à piedade e à simulação: reivindica a sua condição de diferença para se afirmar como ser humano com direito às prerrogativas que são próprias do ser humano. Através do amor, ou da sua ausência, Sara realiza-se comunicando ou negando-se à comunicação e, desse modo, transforma a sua rebeldia numa forma de justiça, ou seja, numa moral. José tem dificuldade em entender essa visão do Mundo, essa forma de comunicação, ele que estava ali para ser o intermediário da comunicação.

As outras personagens pareceram-me menos ricas se comparadas com a de Sara, incluindo a de José a quem cabe a missão ingrata de traduzir oralmente para os espectadores que ignoram os códigos gestuais dos surdos-mudos, as afirmações de Sara (seria interessante analisar este espectáculo sob o ponto de vista semiótica). Convenção dificilmente dispensável.

O cenário de José Cunha resolveu um pouco à maneira da encenação de António Pedro de «A Morte do Caixeiro Viajante», dos anos 50, os principais problemas postos pela multiplicidade de cenas, embora talvez tivesse havido vantagem em criar zonas mais transparentes em vez de volumes densos que davam ao espaço um carácter demasiado pesado.

O espectáculo confirmou as qualidades de Mário Feliciano como encenador sensivel aos principais valores de um texto, capaz não só de fazer a leitura correcta desse texto como de transformar essa leitura numa realidade esteticamente coerente e procurando conciliar, neste caso, o carácter teatral do espectáculo com a eficácia da mensagem por ele veiculada. Mário Feliciano soube rodear-se de excelentes colaboradores, como Orlando Worm, na luminotecnica, Constança Capdeville que construiu magnificos sinais que conferem uma amplitude maior a algumas passagens do espectáculo.

Teresa Madruga teve aqui uma autêntica criação que confirmou as enormes potencialidades de uma actriz que o nosso teatro não tem aproveitado como devia. Este seu trabalho marcou, a meu ver, a sua trajectória teatral. João Perry estabelece o confronto com Teresa Madruga, é desse confronto que nasce a principal fonte de energia deste espectáculo. Trata-se de um dos melhores trabalhos deste actor nos últimos tempos. No entanto, se o trabalho dos dois principais intérpretes merece ser valorizado pelo seu significado no contexto do espectáculo, não podemos esquecer a qualidade geral da interpretação, o nivel que atingiu e que constitui uma das razões de interesse de «Filhos de um Deus Menor». Mário Feliciano confirma a sua capacidade na direcção de actores, que não tenho dúvidas em citar pois bem o merecem: o jovem Fernando José Oliveira, cuja colocação de voz, tão difícil, resulta plenamente, Ângela Pinto, Baptista Fernandes, Margarida Rosa Rodrigues, Mariana Rey Monteiro, num papel breve mas tão bem representado.

«Filhos de um Deus Menor» foi uma iniciativa e teve financiamento do Comissariado do 15.º Congresso Mundial da Rehabilitation International. O que se chama uma boa ideia. O espectáculo deve reaparecer em Setembro no Teatro da Trindade.

Carlos Porto

POUPE COMBUSTÍVEL

Partilhe o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.

DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

ALGÉS

ANDAR VENDE-SE COM 2 ASSOALHADAS E QUINTAL. PREÇO ACESSÍVEL

Tel. 2115899 Depois das 20.00 h.

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a atravessar a rua nas passadeiras para peões

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

COTAÇÕES

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	82$55	88$55
ALEMANHA FED (marco)	51$40	52$50
ÁUSTRIA (xelim)	7$25	7$45
BÉLGICA (franco)	2$377	2$577
BRASIL (cruzeiro)	$046	$076
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	113$65	115$65
(notas de 5 a 1000)	114$15	116$15
DINAMARCA (coroa)	14$05	14$45
ESPANHA (peseta)	$864	$984
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	148$85	150$85
(notas de 5 a 1000)	149$35	151$35
FINLANDIA (marka)	24$50	25$10
FRANÇA (franco)	16$70	17$40
HOLANDA (florim)	45$50	46$50
IRLANDA (libra)	158$85	162$85
ITALIA (lira)	$076	$086
JAPAO (iene)	$586	$622
NORUEGA (coroa)	17$50	18$30
REINO UNIDO (libra)	196$25	200$25
SUÉCIA (coroa)	17$65	18$25
SUIÇA (franco)	61$00	62$10
VENEZUELA (bolivar)	9$00	10$00

Observações:
1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título [illegible]
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

rádio

Antena Um

16.00 Musicomania, 18.00: A gaita dos sete foles; 19.00: Informação e musica, 20.00 Musical, 20.25 No estúdio e no estádio, 20.35 Musica portuguesa, 21.00 Musical, 21.30Noites de luar; 23.30 Ultimo jornal, 24.00 Fecho Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

16.00 Sinfonia n.º 9; 17.30 Sonatas de Haendel, 18.05 Música de Mozart, 19.00 Terra viva, planeta azul; 19.30 Os grandes intérpretes; 20.10 Música sinfónica, 21.00: O canto e os seus intérpretes; 22.00: Tudo isto e música também, 22.40 O Quarteto Dekany; 23.00 Intercâmbio musical, 00.20: Dez canções, para soprano e piano, de Jorge Croner de Vasconcelos 00.36: O violoncelista Pierre Fournier; 01.00 Fecho

RADIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00. Matinée; 17.00 Rápido das cinco; 19.00. Programa do Sport Lisboa e Benfica, 20.00 Conta corrente; 21.00 Qaudno o telefone toca (2 edições); 22.00 Portugal e a CEE, 22.15: Programas religiosos; 22.30. Desporto, 23.00 A 24.ª hora Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00 Ondas luisianas, 18.00 Circulo em FM, 19.00 Em órbita; 20.00 Um programa de José Ramos; 21.00 Jazzofone, 22.00 Café concerto. Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA

15.00 Clube da Casa, 18.00 Jornal das regiões; 18.30 Transmissão do terço; 19.30 Horizonte, 20.30: Programa da LAR, 21.00: Quando o telefone toca, 21.30 Ouvir e pensar, 22.00 Hora de música, 23.00 Diário 23, 23.40 Bola branca (3.ª edição), 23.55 Meditando

Rede Sul de FM

21.00 Paju, 21.30 Pentagrama.

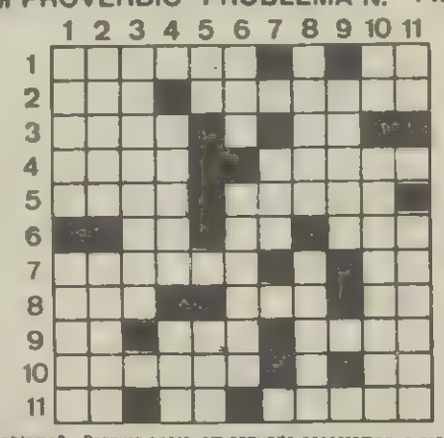
Desdobramento em FM Estéreo

22.00 A Universidade na Rádio, 22.57 Boa noite, 23.00 A cor do som, 01.00 As superestrelas do FM Noticiários a todas as horas

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14.110



HORIZONTAIS

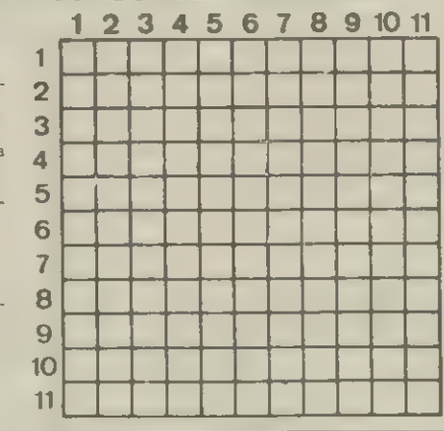
1 Mais tarde. Contracção da preposição de com artigo.
2 Adesão (fig). Imperatriz do Oriente mulher de Justiniano.
3 Lusitano. Prefixo de negação.
4 O mesmo que telim. Pano de lã felpudo não pisoado
5 Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas Rio de Portugal.
6 Interjeição designativa de espanto Artigo indefinido Fedor
7 Nome de peixe. Brisa
8 Tempo do verbo haver Bêbado (Gir. Bras). Catedral
9 Pátria de Abraão Alcatrão. Movel sobre o qual se come
10 Gemera. (fig). Erbio (s.q).
11 Preposição e artigo. Autores. Impressão moral

VERTICAIS:

1 Letra grega. Água que cai da atmosfera.
2 Peixe do mar Vermelho Irmão de Moises
3 Certo
4 Cidade dos E.U.A. Piedosa
5 Item. Estava.
6 Preposição. Rio da África Ocidental ex-Portuguesa.
7 Artigo definido Bondoso
8 Transferir para outro dia. Periodo.
9 Letra grega
10 Doutor. Tangesses.
11 Autores. Limpara com areia.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9960



HORIZONTAIS:

1 Vivendas. Utensilios domésticos
2 O mesmo que robalo (peixe) Atasca
3 Velhos Acrescentando uma vogal é antiga cidade da Ligúria
4 Ouro (s.q) Respeitar
5 Rio de Portugal Apelido Guarneça de asas
6 Futeis Repetições
7 Época. Lavar Em a.
8 Pátria. Substituo
9 Leitos. Li
10 Freguesia do concelho de Santarém Pega Amónio (s.q).
11 Peixes do Brasil Juizo

VERTICAIS:

1 Despacha. Mulheres de idade avançada
2 Louvara em excesso Bismuto (s.q).
3 Remo para trás Rio da Alemanha que nasce no Tirol. Letra grega
4 Tempo forte entre os Latinos. Carro de duas rodas, de origem inglesa, que o cocheiro guia, da parte de trás.
5 Saudável Criança francesa célebre pelo seu heroismo.
6 Sadias. Moves os remos.
7 Apelido da mãe de Luis de Camões. Freguesia do concelho de Carregal do Sal
8 Irma da mãe. Furiosas
9 Entradas
10 De outro modo. Noticias.
11 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Pessoa maçadora. (Prov) Intimo

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 14.109

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 O. EGOISTA	1 São. Cós. TEM
2 Antas. Élice	2 NA. Imune
3 Saissem. Do	3 Etica. Rosas
4 Operara	4 Gas. Mar. Tim
5 Ciam. Ea. Am	5 Osso. CABEÇA.
6 Om. Acida. Ca	6 Epeira.
7 Surraras	7 Semeadas. Aa
8 No. Bastão	9 T1. Astal
9 Teste. As	9 Aida. Ás. O.
10 Aicha. Cu	10 CORAÇÃO. Cm
11 Mesma. Aroma	11 Pê. Ama. Mua

PROVÉRBIO: O egoista tem na cabeça o coração.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9959

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Boa. Mesa	1 Testamento
2 Écula. Ávido	2 Co. Alarde
3 Socar. Cones.	3 Buchada.
4 Pio. Uçu	4 Olaia. Rapas
5 Aa. Pião	5 Aaro. Canal
6 Mad. Missa	6 Socos
7 Elaras. Ois	7 Macuim. Sa.
8 NA. Anosas.	8 Evocar. Asa
9 Trapaças. To.	9 Sinuosos. Rs.
10 Dó. Aló. Arum.	10 Ade. Si. Tua.
11 Eis. Só. São	11 Ostras. Omo

cartaz

ALVALADE 897
Av. de Roma
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – Int. men. 16 a.
O GRANDE RESTAURANTE

ÁVILA 539
Av. Duque d'Ávila, 92A
Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.4 – M. 18 a.
MONTY PYTHON'S, O SENTIDO DA VIDA
19.ª Semana

AVIS 54
Av. Duque de Ávila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30 – N. ac. men. 18 a
O RALI DAS GOZONAS

BERNA 77
Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – M. 6 a.
BREAKDANCE

CALEIDOSCÓPIO 79
Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – Para Todos
A ESPADA ERA A LEI

CASTIL 53
R. Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
A CALÚNIA

CINE BLOCO 5
R. Pinheiro Chagas, 10
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 – M. 16 a.
LAÇOS DE TERNURA
Às 24 – M. 18 a.
O PASSAGEIRO DA CHUVA

CINE CAMÕES 3
R. do Loreto, 15
Às 14.15, 16.30 e 21.30 – N. ac. men. 18 a.
SATURNO-3

outra

Lisboa

OLÍMPIA – «As Aprendizas do sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «Laços Escaldant 21.00 e 23.00 (18 anos)
MUNDIAL – «A Espada Era a L 21.30 (Todos)
CITY-CINE – «Um Cadáver de mesa», às 21.30 (13 anos)
TERMINAL – «Que Paródia de às 21.30 (16 anos)
LONDRES – «Carmen», às 21 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS – «A Car Noruega», às 21.15 (13 anos)
ZODÍACO – «O Ofício de Mar 21.30 (18 anos)
ALFA-1 – «Breakdance», às 2 anos)
ALFA-2 – «A Epopeia do Impé 21.45 (12 anos)
ALFA-3 – «Porky's II», às 21 anos)
TIVOLI – «Breakdance», às 2 anos)
ALFA-CLUBE – «O Guerrei grado», às 21.30 (12 anos)
APOLO 70 – «Lola», às 21.30 (1
RESTELO – «Os Marginais», à (12 anos)

Linha de Cascais

OEIRAS – Oeiras-cine – «Deb Fogo», às 21.15 (12 anos)
ESTORIL – Casino – «Porkys 21.15 (16 anos)
ESTORIL – Palácio – «O Teso Piranhas», às 21.30
CASCAIS – Impala – «Uns e os às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «A Mald Pantera», às 21.30 (6 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «A Rapa Violetas», às 21.15 (10 anos)
ALMADA – Academia – «Jove cos Apaixonados», às 21.15 (1
AMORA – Cruz de Pau-Lord mantes são eternos», às 21 anos)

cartaz de cinemas e teatros

Uma cena do filme «identificação de uma mulher» realizado por Michelangelo Antonioni em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

ALVALADE 897480
Av de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
O GRANDE RESTAURANTE

ÁVILA 539930
Av Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
– M. 18 a.
MONTY PYTHON'S, O SENTIDO DA VIDA
19.ª Semana

AVIS 547153
Av Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O RALI DAS GOZONAS

BERNA 776098
Av Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
A ESPADA ERA A LEI

CASTIL 530194
R Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A CALÚNIA

CINE BLOCO 566824
R Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 16 a.
LAÇOS DE TERNURA
Às 24 – M. 18 a.
O PASSAGEIRO DA CHUVA

CINE CAMOES 324194
R do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men 18 a.
SATURNO-3

CINE 222 579460
Av P da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a
O CLARIM DA REVOLTA
Às 24 – N. ac. men. 13 a.
O ABISMO

CINESTUDIO LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 – M. 12 a.
A EPOPEIA DO IMPÉRIO

CINE-PLAZA
Av. Santos Matos, 2 – Amadora

Às 15.30 e 21.30 – M. 13 a.
ROCKY III

CONDES 322573
Av da Liberdade 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
2.ª Semana

2000 2100055
Av B Voluntários, lts 113/4

Às 15.30 e 21.30 – M. 16 a
O TEMPO DE SHAOLIN

EDEN 320768
P Restauradores 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.

ESTUDIO 555134
Al Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N ac men 13 a.
107.ª Semana

ESTUDIO 444 779095
Av Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
7.ª Semana

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
– M. 12 a.
INFIELMENTE TUA

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45
– M. 6 a.
EM BUSDA DA ESMERALDA

IMPÉRIO 555134/5
Al Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
EXCALIBUR

LIDO 936593
P. D João I, Amadora

Às 21.30 – M. 13 a.
O PERIGO NO ESPAÇO

MONTECARLO 681117
Av Pedro Álvares Cabral 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men 13 a.
O AVARENTO
Às 24 – Int. men. 13 a.
FESTIVAL JOE COCKER

NIMAS 574362
Av 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
QUANDO AS LUZES SE APAGARAM

ODEON 328283/4
R dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 16 a
AREIAS QUENTES, DESEJOS

FATIMA 821933
R Francisco Sanches, 122

Às 14.00, 16.30 e 21.30
Int. men 13 anos
FURACÃO NO ASFALTO

POLITEAMA 326716
R Portas S Antao, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
METE O TEU DIABO NO MEU INFERNO

QUARTETO 771378
R Flores de Lima 16

SALA 1
Às 15, 17, 19 e 21.30
– M. 13 a.
A FORÇA DA TERRA
Às 23.35 – M. 16 a.

SALA 2
Às 14.15, 16.30, 19, 21 e 23.15
– M. 12 a.
JOGO DE MÃO
Às 23.30 – M. 18 a.
FUGA NO SÉCULO 23

SALA 3
Às 15, 18 e 21 – Int. men 13 a.
STALKER
Às 24 – M. 18 a.

SALA 4
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
Às 24 – M. 18 a.
ANTES DA REVOLUÇÃO

QUINTETO 573407
R Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 18.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
CÃES DE PALHA
Às 24
FESTIVAL ROCKY DE TERROR

ROMA TEL. 727778
Av de Roma, 14 M-N

As 15.30, 18.30 e 21.30
– Para Todos
A ESPADA ERA A LEI

ROXY 548560
Av Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 16 a.
OUTONO ESCALDANTE

SÃO JORGE 579144/579344
Av da Liberdade 175

SALA 1

Às 13.45, 17.30 e 21.15
– M. 12 a.
O JULGAMENTO DE NUREMBERGA
2.ª Semana

SALA 2
Às 14, 16.15, 18.45 e 21.30
M. 12 a.
VIDAS EM JOGO
6.ª Semana

SALA 3
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.45
– N. ac. men. 18 a.
OS CONTOS DE CANTERBURY
3.ª Semana

7.º ARTE 730715
Av Republica à E Entre Campos junto ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
– M. 18 a.

STAR 804210
Av Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 16 a
AS MALHAS DA TRAIÇÃO

TURIM 706666
E de Benfica, 723 A

Às 14, 17.30 e 21.30
– M. 6 a
MÚSICA NO CORAÇÃO

VOX 880808
Av Fr Miguel Contreiras, lote 879

às 15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a
UMA LOUCA HISTÓRIA DO MUNDO

XENON 368480
Av da Liberdade 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
A SEMENTE DO DIABO

outros cinemas

Lisboa

OLÍMPIA – «As Aprendizas do Sexo», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «Laços Escaldantes», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
MUNDIAL – «A Espada Era a Lei», às 21.30 (Todos)
CITY-CINE – «Um Cadáver de Sobremesa», às 21.30 (13 anos)
TERMINAL – «Que Paródia de Férias» às 21.30 (16 anos)
LONDRES – «Carmen», às 21.30 (12 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS – «A Canção da Noruega», às 21.15 (13 anos)
ZODÍACO – «O Ofício de Matar», às 21.30 (18 anos)
ALFA-1 – «Breakdance», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 – «A Epopeia do Império», às 21.45 (12 anos)
ALFA-3 – «Porky's II», às 21.45 (16 anos)
TIVOLI – «Breakdance», às 21.30 (6 anos)
ALFA-CLUBE – «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
APOLO 70 – «Lola», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)

Linha de Cascais

OEIRAS – Oeiras-cine – «Debaixo de Fogo», às 21.15 (12 anos)
ESTORIL – Casino – «Porkys II», às 21.15 (16 anos)
ESTORIL – Palácio – «O Tesouro das Piranhas», às 21.30
CASCAIS – Impala – «Uns e os Outros» às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «A Maldição da Pantera», às 21.30 (6 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «A Rapariga das Violetas», às 21.15 (10 anos)
ALMADA – Academia – «Jovens Médicos Apaixonados», às 21.15 (12 anos)
AMORA – Cruz de Pau-Lord – «Diamantes são eternos», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «Operação Thor», às 21.30 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA – Slicine – «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine Plaza – «Rocky III», às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Cine Estúdio Flores – «Pink Floyd The Wall», às 21.30 (18 anos)

Porto

VALE FORMOSO – «Júlia, uma Máquina Sexual», às 21.45 (18 anos)
OLÍMPIA – «Confidências de um Leito Muito Acolhedor», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «Furacão no Asfalto», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Os Ladrões da Montanha Sagrada», às 21.30 (16 anos)
ESTÚDIO – «O Clã Negro Ataca», às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN – «Revelação», às 21.30 (16 anos)
TERÇO – «O Vigilante», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «Soldado Azul», às 21.30 (18 anos)
ÁGUIA – «A Espada Era a Lei», às 21.00 (Todos)
BATALHA – «Na Cama é um Descanso», às 21.45 (18 anos)
FOCO – «Breakdance», às 21.45 (6 anos)
PASSOS MANUEL – «Breakdance», às 21.45 (6 anos)
PEDRO CEM – «Música no Coração», às 21.15 (6 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21.45 (13 anos)
BEBÉ – «Fanny e Alexandre», às 21.30 (12 anos)
JÚLIO DINIS – «A Prima», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE – «Vidas em Jogo», às 21.45 (16 anos)
LUMIÈRE – Sala A – «A Educação de Rita», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE – Sala L – «Star 80», às 21.45 (18 anos)

farmácias

Lisboa

ALCÂNTARA: Nogueira, R. de Alcântara, 5-A-B (T. 637563); **BAIRRO ALTO: Pinharanda**, R. da Rosa, 94-96 (T. 321534); **CAMPO D'OURIQUE: Portírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CHILE: Bastos**, R. Morais Soares, 91-D (T. 860450); **CONDE REDONDO: Saius**, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **CAMPO PEQUENO -AVENIDA DA REPÚBLICA: Alcântara**, Av. da República, 74-A (T. 771379); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216). **LUMIAR: Nicolau**, C. de Carriche, lote 4, loja, Esq. (T. 7588727); **PRAÇA DE LONDRES: Imperial**, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T. 886860); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Sousa**, E. de Benfica, 429-431 (T. 780027); **SÃO SEBASTIÃO: São Sebastião**, L. de São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); **ODIVELAS: Joleni**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 9810812). **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912)

REFORÇO

ALVALADE - AVENIDA DO BRASIL: Marbel, Av. de Roma, 131-A (T. 776235); **ANJOS - CHILE: Castro**, Av. Almirante Reis, 76-A (T. 821973), **BENFICA - BAIRRO DAS PEDRALVAS: Gouveia**, R. Augusto Costa (Costinha), lote 4, loja , Dt.º (T. 707500), **CAMINHOS DE FERRO: Vilalobos Santos**, R. Cruz de Santa Apolónia, 90-92 (T. 847019); **CASTELO: Bastos Andrade**, C. de Santo André, 107 (T. 860450); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Santos Silva**, zona n.º 2, Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 681515); **CONDE BARÃO: Açoriana**, L. do Conde Barão, 2 (T. 661330); **LAPA: Neves**, R. da Bela Vista à Lapa, 37 (T. 661251); **PICHELEIRA: Mariux**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703), **REGO: G. Silva**, R. Francisco Tomás da Costa, 3A-C (T. 771873); **RIO SECO: Biotifar**, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824), **ROMA - TEATRO MARIA MATOS: São João de Deus** R Pedro Ivo, 1-A B (T 885140), **SALDANHA: Cardeira**, Av Duque d Avila, 32-C (T 543495), **BRANDOA - AMADORA: Tavares Matos** R 8 lote 308 (T 993220), **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R Antonio Ferro, 6-A (T 970660), **OLIVAL BASTO: Nova** R dos Açores, 11-A (T 9810305), **PRIOR VELHO: Matos**, T das Prioras (T 2519939).

Outra banda

ALMADA: Magalhães, R. Catitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466) Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Chal**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104 (T. 2296119). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028), **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043226) Até às 19 horas; **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr Emídio G. Mendes, 314 (T 2212923). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029) Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Guemão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas, **SETÚBAL: Cunha Pinheiro**, E da Canarinha, 32 (T. 29215); **Fuseta** Permanente; **Bocageana**, R. do Romeu (T. 23425). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 2190610) Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. D. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Pereira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente, **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. de Sabóia, 29 (T. 260085) Até às 22 horas, **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T 2477838), Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas (T. 2461312);. Até às 22 horas, **BIRRE: Imani, MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas, **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques Santos**, R Ferreira J A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T 280078). Permanente.

Linha de Sintra

AMORA: Amadora, P 25 de Abril, 3-A (T. 935518). Permanente, **Soares Correia**, E. das Águas Livres, Carenque (T. 965517). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ: Vasconcelos**, E. Henrique Pousão (T. 964649). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669) Até às 19 horas, **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T 9240034) Permanente; **ALGUEIRÃO: Vitor Manuel**, E. de Algueirão, 123 Permanente, **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 926006). Até às 22 horas, **SINTRA: Misericórdia**, Vila (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088)

MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Permanente; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Brancamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas.

PORTO

DE DIA E TODA A NOITE

PASTELEIRA, R. André de Resende 92, **SAMPAIO**, R. de Cedofeita, 636, **COSME**, R. de Costa Cabral, 584, **SÃO ROQUE DA LAMEIRA**, R. São Roque da Lameira, 1111, **CENTRAL**, R. 31 de Janeiro, 203

Coimbra

ESTÁDIO, R. do Brasil, 340, r/c, ao Calhabé (T. 72710); **DONATO**, R. Ferreira Borges, 2-6 (T. 22603)

HÁ BEBER E HÁ VIVER

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração Redacção Publicidade
e Serviços Técnicos
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade 368740
Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro 321154
Redacção 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones 20954/5

Distribuição INTERPRESS
Rua do Norte 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

04.09	3,7 m	09.33	1,0 m
16 24	4,0 m	21 58	1,0 m
Dia 14			
04 42	3,7 m	10.06	1,1 m
15.56	3,9 m	22.29	1,1 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:

VIANA DO CASTELO	12°
BRAGANÇA	16°
VILA REAL	14°
PORTO	15°
COIMBRA	14°
CABO CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	20°
LISBOA	14°
EVORA	17°
BEJA	15°
FARO	20°
SAGRES	17°
PONTA DELGADA	17°
FUNCHAL	19°

Tempo

Tempo e temperatura e manhã no litoral a norte do cabo da Roca. Vento geralmente fraco, so- [illegible] durante a tarde a sul do cabo [illegible]

Presidido pelo ministro da Defesa

Conselho de Emergência Civil garante funcionamento do Estado

Um decreto-lei hoje publicado na folha oficial cria, na dependência do Primeiro-Ministro, o Conselho Nacional de Planeamento Civil de Emergência (CNPCE)

Estabelece que o CNPCE é um orgao colegial de apoio consultivo que a nível nacional deve definir a permanente actualização das políticas do planeamento civil de emergência

Assim, deve «articular a gestao dos recursos disponíveis de forma a garantir em situaçao de crise ou em tempo de guerra o funcionamento do aparelho de Estado, o apoio às Forças Armadas, a sobrevivência e a capacidade de resistência da Nação, a protecção das populações e a salvaguarda do património nacional»

A nível da NATO, o CNPCE integrará a delegação nacional portuguesa ao «Senior Civil Emergency Comitte/NATO (SCEPC/NATO), delegação em que desempenhará funções de coordenaçao

O mesmo decreto-lei cria ainda varias comissões sectoriais especializadas do CNPCE na tutela dos Ministérios da Indústria e Energia, do Equipamento Social, do Mar e da Agricultura, Florestas e Alimentação.

O CNPCE é presidido pelo ministro da Defesa Nacional e é constituído por presidentes das comissões sectoriais e representantes do Serviço Nacional de Protecção Civil, EMGFA, e dos governos regionais dos Açores e Madeira

Rumo traçado

Continuação da pag 1

No «mar da palha» da pequena intriga, a barca singra, avante, no rumo traçado. Venham, por bombordo e por estibordo, os assaltantes, a piratagem que infesta o manso Tejo e o largo Atlântico. Que, por bombordo e por estibordo, tentem a abordagem. Resistiremos. Temos um rumo. Uma responsabilidade moral que não é só o respeito de uma tradição, ou a regra de conduta de um conjunto de pessoas, que é algo mais: a consciência de que este é o caminho do «Diário de Lisboa» e de que o interesse pela nossa vida não é inocente.

Eles sabem — os tais jornais, os tais jornalistas — que este lugar não está vago. Que este é, na Imprensa portuguesa, o lugar do «Diário de Lisboa» — um jornal independente e livre, editado por uma empresa privada que o não utiliza para servir interesses, para fazer a sua política ou a promoção pessoal dos seus administradores.

É um caso excepcional o «Diário de Lisboa». Mas haverá qualquer razão de fundo para que não exista a excepção?

DL

Autorizado mais um empréstimo

A autorização da Assembleia da República que permite ao governo contrair junto do Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento três empréstimos até ao montante de 84.7 milhões de dólares, foi hoje publicada no «Diário da República».

O produto do empréstimo será aplicado no financiamento de um projecto de reestruturação têxtil até um montante de 34.7 milhões de contos

Os outros dois empréstimos – segundo a lei da Assembleia da República – serão aplicados num projecto de assistência técnica à agricultura, até dez milhões de dólares e outro na formaçao profissional, até ao montante de 40 milhões de dólares.

Os empréstimos têm uma duração de 15 anos, sendo amortizáveis em prestações semestrais, as primeiras das quais se vencerão 36 meses após a celebração do contrato.

As operaçoes obedecerão às condições do BIRD, competindo ao Ministério das Finanças aprovar as condições dos empréstimos, conforme o diploma hoje publicado na folha oficial.

"Há uma forte corrente no PS que discorda da política do Governo"

— *afirma Tito de Morais*

Existe no PS uma forte corrente que não está de acordo com a política geral seguida pelo Governo ,— considera o presidente da Assembleia da República e dirigente do PS, Manuel Tito de Morais, em entrevista ao matutino portuense «»JN»

Num comentário à posição da Comissão Permanente do PS, de admitir a possibilidade de sanções aos deputados socialistas que se manifestaram contrários à Lei de Segurança Interna, sublinha Tito de Morais que para si *mais importante do que a disciplina de voto é a fidelidade aos princípios do partido. Um partido político para poder vencer, tem de ser fundamentalmente fiel aos princípios que estão na base da sua formação.*

O presidente da AR critica ainda o facto de o problema da referida Lei não ter sido «suficientemente discutido» nos órgãos próprios do PS, lembra «o que foi o período do fascismo» e assinala «que a nossa Constituição em matéria de defesa dos direitos e garantias do homem, «garante qualquer coisa de muito importante para a democracia.»

Assim — acrescenta — *não há razão de segurança que possa levar a infringir esses direitos. Ainda por cima, manifestaram-se contra essa Lei, tal como ela estava apresentada, juristas, políticos, intelectuais, trabalhadores Houve uma manifestação geral por esse País fora e recebi aqui, na Assembleia da República, documentos com milhares e milhares de assinaturas, em que era visível a preocupação de ver transformada em lei uma concepçao que não é democrática.*

Noutro ponto da entrevista, Tito de Morais diz que «»o secretário-geral não está em causa» e que «o que sucede, porém, é que nem sempre, ultimamente, a opinião maioritária manifestada nos órgãos do partido coincide com a opinião geral dos militantes. Mas isso é mais um defeito dos órgãos do partido do que dos próprios militantes»

Documento equilibrado

Sobre o «documento dos quatrocentos militantes do PS», dirigido a Mário Soares, o presidente da AR considera-o «equilibrado» e diz, a propósito, ser «muito difícil governar em coligação», pois com as mútuas cedências que os partidos coligados fazem, «acabam por não fazer nem a política de um nem a política do outro»

Afirma esperar que Soares interprete o referido documento «como a manifestação de uma preocupação muito grande» e acrescenta: *o que mais me aflige é que o Governo está mais preocupado com a situação de certas classes ou de certos sectores da vida económica do que com a situação geral do País. Para acudir a essas situações pontuais, sacrifica a situação da maioria da população.*

Julgo — diz, citando a Lei das Rendas — *que há uma questão de prioridades que está a ser mal interpretada.*

Quanto ainda ao documento ouvi dizer que o meu camarada Mário Soares vai responder. Estou curioso em conhecer a resposta...» — refere também Tito de Morais

Soares: «o único»

No tocante às presidenciais, e interrogado sobre se Soares é ainda o melhor candidato à Presidência da República», o destacado dirigente do PS responde: «penso que é o único». E cita as «qualidades», «capacidade política», «relações internacionais». «não ser militar» de Soares em abono da sua tese. Entende, a propósito que o PCP «acabará por perceber que o melhor candidato é o Mário Soares, embora as relações de ambos não sejam as melhores».

Estavam montados em aviões

Desapareceram dois rádios do aeroporto de Tires

A Administração do Aeroporto de Tires participou à Polícia Judiciária o desaparecimento de dois rádios transmissores que estavam montados a bordo de dois aviões estacionados naquele aeródromo. Os aparelhos foram avaliados em quatrocentos contos

O Piquete da Polícia Judiciária de Lisboa registava ainda mais dois furtos relativos ao último fim-de-semana. A saber: numa residência da Travessa de S. Plácido foram roubadas várias cassetes, crucifixos, roupas, microfones e relógios, tudo no valor de 128 contos e de um estabelecimento, na Rua da Cruz Vermelha, desapareceram diversas máquinas de jogo electrónicas, que o seu proprietario avaliou em 1500 contos

Por decisão do Governo

"Família-Lar" é nova designação da Fundação Salazar

Sob a nova designação – Fundação Família-Lar – a Fundação Salazar tenciona prosseguir a sua actividade no sector da habitação social

Instituída em 31 de Julho de 1969, a referida Fundação vai ser agora objecto de um diploma que, tendo em conta a não-concretização da sua extinção, prevista por sucessivos governos, destaca o facto de a instituição continuar «a ter recursos próprios para provar à sua existência e capacidade financeira, técnica e de gestão para prosseguir os seus fins».

A Fundaçao, que cobra mensalmente cerca de 1200 contos de rendas dos 1518 fogos que construiu em todo o país, fechou o exercício de 1983 com um saldo positivo de 16 200 contos O orçamento para o ano em curso prevê uma receita de 47 800 contos para apenas 13 600 contos de despesa. A Fundação possui ainda 110 mil contos em depósitos a prazo.

Manuela Aguiar revela em Fátima

Quinze mil emigrantes regressam da RFA

O secretário de Estado da Emigração revelou no sábado, em Vilar Formoso, que cerca de 15 mil portugueses procederam na Alemanha Federal ao levantamento dos fundos que tinham descontado para a segurança social, com o objectivo de regressarem a Portugal. O ano passado o número de emigrantes não excedeu os três mil, concluiu Manuela Aguiar.

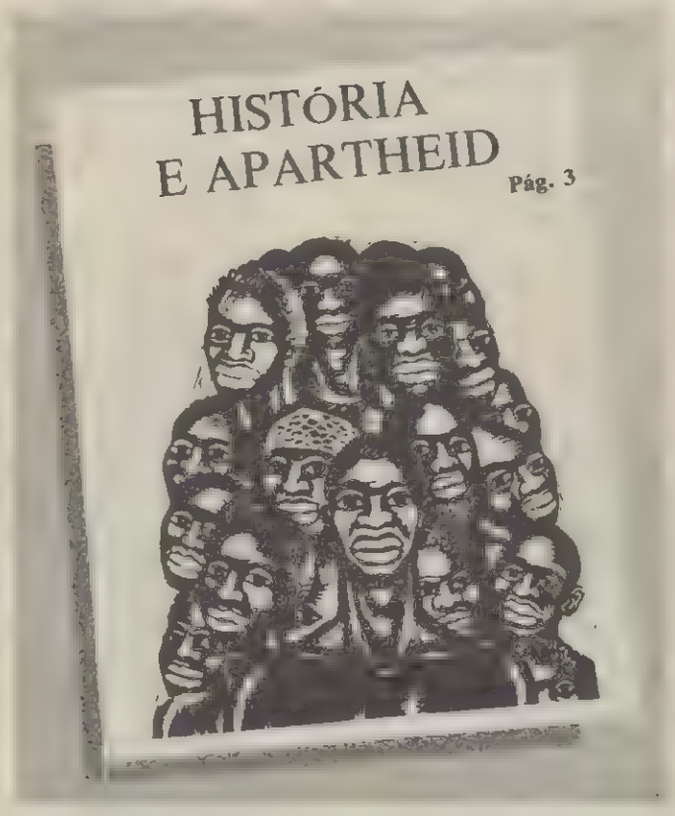
A responsável por aquela secretaria de Estado produziu estas afirmações durante um encontro que teve neste fim-de-semana com responsáveis locais, durante o qual foram abordados problemas relativos a assistência na fronteira de Vilar Formoso. Segundo Manuela Aguiar, torna-se necessário promover acções de informação mais intensas junto dos emigrantes portugueses. A este propósito disse a secretária de Estado ter a sua Secretaria dispendido de 110 mil contos para apoio a actividades culturais e sociais.

Com vista à resolução de problemas junto da fronteira, Manuela Aguiar e alguns participantes na reunião preconizaram a realização de um encontro entre organismos localizados e departamentos do Estado. Esse encontro deverá efectuar-se logo após o período de férias «com o objectivo de nele se prepararem acções de informação a desenvolver». Na opinião de Manuela Aguiar deveriam participar na reunião os responsáveis pelas Secretarias de Estado do Tesouro, Segurança Social e outros departamentos associados à fronteira.

Fátima: simpósio sobre emigração

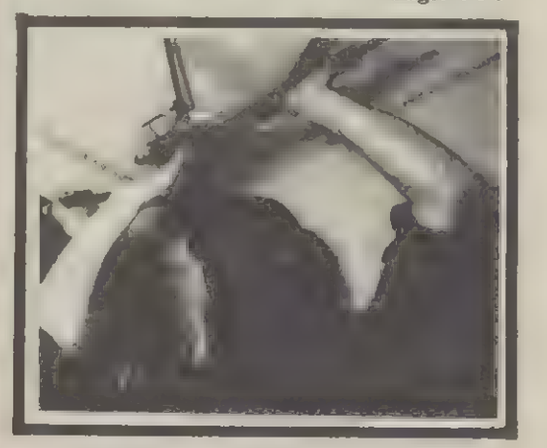
Entidades eclesiásticas e governamentais participaram ontem, em Fátima, numa mesa-redonda que culminou um simpósio sobre problemas de emigração. Este simpósio foi organizado pela obra católica portuguesa das migrações e integrou-se na 12.ª semana nacional das migrações.

A mesa-redonda foi presidida pelo secretário de Estado da Emigração. Neste encontro, que decorreu no centro pastoral Paulo VI, foram particularmente focados problemas sobre o regresso dos emigrantes, da cultura portuguesa no mundo e da assistência religiosa aos emigrantes. Sobre esta última questão, os participantes concluiram ser necessário resolver algumas dificuldades que se colocam aos emigrantes no seu regresso a Portugal, principalmente os da segunda geração. A esses, dizem, é preciso dar-lhes uma assistência religiosa especial.



sete ponto sete

Destaque
BASCOS
Págs. 4 e 5



PUBLICADO PELO "DIÁRIO DE LISBOA"

O crepúsculo "esplêndido" de Richard Nixon

E preciso esperar até à noite para ver como o dia foi esplêndido... Esta citação de Sófocles, afirmam os íntimos de Richard Nixon, gosta o antigo presidente de a repetir. E para isso não lhe faltam razões.. Aos setenta e um anos, aproximando-se do crepúsculo da sua existência, ele pode, com efeito, apreciar com satisfação uma vida pública animada, cheia de altos e baixos, e que se ergue de novo, quando parecia ter-se terminado em 9 de Agosto de 1974. Nesse dia, depois dos adeuses lacrimejantes aos seus amigos e colaboradores e ao pessoal da Casa Branca, depois de ter feito o gesto insólito do «V» da vitória, ele subia a bordo de um helicóptero e partia em direcção ao exílio da Califórnia. Esgotado fisicamente (sofria de uma grave flebite) e moralmente, temia os processos judiciais e a ruína financeira.

Mas nessa altura tudo se resumia apenas ao fim de um capítulo da saga Nixon, ou, de preferência, de um folhetim televisivo do tipo «Dallas». Depois de ter conhecido a vitória e depois a derrota, e ainda o triunfo, ele sentia-se perfeitamente *acabado*. Mas o perdão do presidente Ford salvou-o da prisão e abriu um novo episódio, o da recuperação, da ressurreição de um homem que parecia definitivamente excluído da vida pública do seu país.

Dez anos mais tarde, o banido de 1974 não se limitou a sair da penumbra da História, mas regressou à cena política, por enquanto com descrição, mas esperando, segundo os seus amigos, uma reabilitação histórica. Um *comeback*, como se diz em Hollywood, bastante impressionante. Consultado aos níveis mais elevados, ele desempenha, com o distanciamento que concedem a idade e a riqueza (os seus livros e entrevistas televisivas fizeram dele um multimilionário) o papel de homem de Estado *amado e advertido*. O governo de Pequim convidou-o por três vezes e, nas suas numerosas viagens ao estrangeiro, encontra-se com personalidades governamentais cujas opiniões comunica depois a Washington.

Richard Nixon não admitiu a sua culpabilidade no caso Watergate. No máximo reconheceu ter cometido *erros de apreciação*. Ele recusa-se a falar no assunto, especulando com razão com o facto de que o grande público já teria esquecido tudo isso. No entanto, a classe política recorda-se... Muitos líderes republicanos mantêm-no à distância, e a sua decisão de não participar na próxima Convenção Republicana de Dallas foi apreciada na Casa Branca. Em contrapartida, os homens de negócios não mostram nenhum mal-estar face à reaparição do obscuro advogado a quem deram milhões de dólares para as suas campanhas eleitorais.

Curiosamente, com os meios de Informação, esse *quarto poder* que precipitou a sua queda e do qual ele pretendia vingar-se, a reconciliação foi fácil. Os seus adversários jornalistas gostavam da maneira directa, por vezes cínica, com que ele os tratava. Com efeito, a estatura de Nixon cresceu nos últimos anos porque ele beneficiou da comparação com os seus sucessores menos competentes, nomeadamente em política estrangeira. Por isso mesmo ele não hesita em criticar certos aspectos da política do presidente Reagan... As suas declarações públicas indicam claramente que o governo Reagan adoptou uma táctica errada face à União Soviética. Ele continua a defender a política de desanuviamento. *Sem o desanuviamento, nao teria havido o Solidariedade na Polónia... Num mundo de confrontos permanentes as mudanças não são possíveis*, afirma.

Mas Richard Nixon tira sobretudo partido da capacidade de esquecimento dos seus concidadãos. *Watergate é já uma curiosidade obscura e longínqua para os meus alunos*, afirma um professor de História. Para as jovens gerações, Nixon aparece como um grande homem de Estado que cometeu um erro infeliz... E por isso que a *intelligentsia* liberal se esforça por refrescar a memória do público. Nos últimos dias foram publicados numerosos artigos, recordando os lados menos recomendáveis de um presidente que não pagava os impostos e as suas responsabilidades no prolongamento da guerra do Vietname, os bombardeamentos do Camboja, a queda do governo Allende no Chile, sem esquecer os seus abusos de poder, a sua política de *golpes baixos* contra os seus adversários — prelúdio do Watergate —, e as escutas telefónicas montadas aos seus colaboradores.

Mas só uma minoria de americanos estará de acordo com Anthony Lewis, do «New York Times», para considerar que o destino de Richard Nixon põe indirectamente em causa a sociedade americana. *Que pensar de uma sociedade que escolhe um líder tão doentiamente pouco seguro de si, sem lei nem fé?... Que pensar de uma sociedade que trata com deferência respeitosa o único presidente dos Estados Unidos que desonrou tanto as suas funções que foi obrigado a demitir-se?*, escreve Anthony Lewis.

A verdadeira personalidade deste personagem complexo está por descobrir. Bob Woodward, que esteve com o seu colega Berheim, do «Washington Post», na origem da queda de Nixon, escreve que será necessário esperar a publicação completa do diário íntimo, onde o antigo presidente ditava diariamente para o dictofone as suas reflexões, para saber mais sobre o homem Nixon. As fitas magnéticas permanecem na posse do antigo presidente, e ignora-se aquilo que ele conta fazer com elas. Um dos seus advogados, que teve acesso às gravações, declarou a Woodward que Nixon era um homem sensível, um introvertido que se esforçava por conter as suas emoções e que tinha construído uma carapaça para conduzir uma carreira de político contradizendo a sua natureza... As suas reacções instintivas eram válidas, mas ele dominava-as deficientemente.

Neste diário íntimo, Nixon evoca em Fevereiro de 1972 um encontro que teve com Zhou En Lai e no qual sublinhava a força e o carácter necessário às futuras batalhas. *As minhas derrotas ensinaram-me mais do que as minhas vitórias*, afirma a Zhou.. *Tudo o que desejo, é uma vida em que terei uma vitória a mais que uma derrota*. A sua ressurreição política, dez anos mais tarde, corresponde a esse seu voto...

MENSAGENS PESSOAIS NA PÁGINA 6

P A R A Í S O S

Um Novo Mundo: a pintura americana em Paris

A pintura americana não é desconhecida em Paris. O quadro americano talvez mais célebre, *A Mãe,* de Whistler (intitulado na realidade *Arranjo em cinzento e preto: retrato da mãe do artista*), foi adquirido em 1891 pela França e figura actualmente numa sala do Louvre. Durante a segunda metade do século XIX, o Estado francês criou o hábito de comprar algumas das mais belas obras apresentadas nos salões e exposições universais para enriquecer as colecções nacionais. É assim que as obras de John Singer Sargent, Cecilia Beaux e Thomas Eakins serão expostas no Museu de Orsay quando ele abrir as suas portas, dentro de três anos.

George Caleb Bingham pintou estes negociantes de peles descendo o Missouri em 1845. (Foto: Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque)

CAROL TROEYN

No Pallais de Tokyo, onde estão permanentemente expostas obras do fim do século XIX, pode-se admirar habitualmente, ao lado de quadros de Gauguin, Bernard e Seurat, um grande e misterioso Winslow Homer, *Noite de Verão* (1900). Quanto à arte americana contemporanea, ela é obviamente visível um pouco por toda a capital francesa: nas galerias e colecções privadas, em Beaubourg, onde enche salas e salas, e nas exposiçoes temporarias como a recente retrospectiva consagrada a Jackson Pollock, que atraiu uma enorme multidao

Mas acontece muito mais raramente que se possa admirar uma apresentação completa da pintura americana, desde a época colonial até aos nossos dias. A última remonta a 1928, quando o Museum of Modern Art de Nova Iorque enviou a Paris uma exposição intitulada *Três séculos de arte nos Estados Unidos,* que incluía o cinema, a arquitectura, a gravura e a fotografia, ao mesmo tempo que a pintura e a escultura.

Entusiasmo

Actualmente, ou seja perto de meio século mais tarde, *Um Novo Mundo: obras-primas da pintura americana, 1760-1910,* a exposição recentemente inaugurada no Grand Pallais, suscitou o entusiasmo da crítica

Organizada pelo Museum of Fine Arts de Boston, esta exposição comporta cento e dez quadros dos pintores americanos mais conhecidos — John Singleton Copley, Thomas Cole, Frederic Chruch, Winslow Homer e Thomas Eakins — assim como obras de pintores como George Hitchcock e E.A. Goodes, que são tão pouco familiares para o público americano quanto o são para os franceses. Ela apresenta quadros célebres provenientes de colecções públicas prestigiosas — o Metropolitan Museum emprestou *O Pensador* de Eakins (1900), por exemplo, e cinco outros quadros — assim como obras pertencentes a colecções privadas e raramente vistas, como esta natureza morta de John Lafarge, *Agathon para Erosanthe, uma coroa de amor (1861).*

Célebres ou menos conhecidas, as obras apresentadas nesta exposição são todas de uma muito alta qualidade e testemunham de uma técnica soberba; característica mais rara talvez, elas estão magnificamente conservadas. Como sublinhou o organizador desta manifestação artística, Theodore E. Stebbins, Jr., do Boston Museum, a finalidade da exposição não é a de ilustrar um tema nem de passar em revista a história da arte americana, mas, muito simplesmente, a de a apresentar naquilo que ela tem de melhor.

A ideia desta exposição das obras-primas americanas foi lançada por Pierre Rosemberg, conservador chefe do departamento de pintura do Louvre. O seu interesse pela arte americana surgiu aquando das visitas que fez às galerias de pintura dos museus americanos (Rosemberg comprou também quadros de pintores americanos para o Louvre), e a exposição destas telas parecia poder inscrever-se no prolongamento de uma série de exposições consagradas à arte do século XIX nos países europeus, que o Louvre havia patrocinado ao longo dos últimos dez anos. *Um novo mundo,* que pôde ser vista em Boston e na Corcoram Gallery of Art de Washington antes de ser instalada no Grand Pallais, segue-se às exposições consagradas à arte inglesa, alemã e russa enviadas a Paris e revela igualmente a sensibilidade romântica que está subjacente a uma obra essencialmente realista na sua execução.

Um novo mundo põe o acento nas obras de dez pintores americanos, a começar por John Singleton Copley, cujos retratos restituem com uma precisão assinalável a beleza dos trajes e do mobiliário dos cidadãos eminentes da Nova Inglaterra no século XIX, desde o patriota Sam Adams até ao rico negociante conservador Nicholas Boylston, expressando ao mesmo tempo, com uma subtileza e uma simpatia penetrante, a personalidade de cada um.

Os paisagistas Thomas Cole e Frederic Church esforçaram-se por preservar na sua arte as visões heróicas de uma natureza americana não violada; a sua pesquisa conduziu-os às florestas dos Adirondacvks do Estado de Nova Iorque, na costa do Maine, depois às montanhas da América do Sul e do Árctico, enquanto que Fitz Hugh Lane e Martin Heade trabalhavam numa escala mais modesta e produziam imagens comoventes de cenas menos exóticas — as restingas salgadas e desoladas e as costas desérticas da Nova Inglaterra. Encontramos uma imagem mais alegre, mas igualmente romântica, da vida americana na obra dos grandes pintores do género de William Sidney Mount e de George Caleb Bingham, cujos elegantes lavradores de Long Island e os fragateiros do Missouri vivem num mundo preguiçoso e tranquilo feito de céus azuis e de águas espelhadas.

O maior pintor de naturezas mortas americano, William Harnett, é representado por quatro *«trompe l'oeil»* hábeis que são ao mesmo tempo irresistíveis delírios visuais e obras-primas de cor e de composição.

A exposição termina com nove quadros de Thomas Eakins e nove outros de Winslow Homer, o primeiro sendo essencialmente um retratista e o segundo um paisagista, mas ambos reconhecidos há muito tempo como os maiores mestres do fim do século XIX.

A exposição apresenta igualmente obras isoladas de pintóres importantes, tais como uma imagem dos trabalhos campestres de Eastman Johnson, de inspiração francesa, *La cueillette des Airelles, Natucket Island* (1880, Timkin Gallery of Art, São Diego) e o *Tiroir du célibataire* (1890-1894, Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque) repleto de humor, do pintor de naturezas mortas John Haberle. E a exposição marca o regresso a Paris de várias obras importantes que aí encontraram um acolhimento caloroso no século XIX, mas que aí não voltaram a ser vistas: o fascinante *Chutes du Niagara* (1859, Corcoran Galleyry of Art, Washington) de Frederic Church, uma pintura sublime e magestosa da maior maravilha natural da América, que valeu ao seu autor uma medalha de prata na Exposição Universal de 1867, em Paris, (ele foi o único pintor americano a receber este galardão), e *A caça à raposa* (1893, Pennsylvania Academy of the Fine Arts, Philadelphie) de Winslow Homer, que foi muito notada na Exposição universal de 1900.

Redescobertas

Entre as obras que suscitaram mais interesse neste *Nouveau Monde* figuram dois quadros monumentais cuja redescoberta recente deu muito que falar no mundo das artes. O gigantesco *Icebergs* de Church (1861, Dallas Museum of Art) esteve desaparecido durante meio século antes de voltar à superfície, em 1979, numa escola de rapazes de Manchester, na Grã-Bretanha; com as suas tonalidades ácidas e a sua luminosidade fantasmagórica, é a composição mais misteriosa e surreal de Church.

O mais ambicioso quadro à grande maneira americana, *A galeria do Louvre*, de Samuel F.B. Morse (1833, Terra Museum of American Art, Evanston, Illinois), foi pintado para recordar aos artistas e aos mecenas americanos a grandeza da cultura europeia, reproduzindo em miniatura o *A Joconde, a Bela Jardineira* de Raphael, *O embarque para a ilha de Cister* de Watteau e de numerosos outros tesouros do Louvre. Este quadro, que ficou pendurado numa pacífica biblioteca do Estado de Nova Iorque durante perto de um século, sem chamar particularmente a atenção, foi comprado recentemente para uma colecção pública. Nas exposições onde foi apresentado nos Estados Unidos, desempenhou a função para que o artista o tinha concebido. Mas mais importante que a deslocação destes quadros célebres é a redescoberta de obras que modificam a reputação de um artista ou ressuscitam um aspecto raramente mostrado do seu trabalho.

É assim que o pintor Frederick Remington, essencialmente conhecido como ilustrador de cenas do Oeste, transbordantes de acção, é representado nesta exposição por um quadro elegíaco, *Noite sobre um lago canadiano* (1904, Manoogian Collection), que revela uma sensibilidade poética e uma utilização ousada da cor que não são habitualmente reconhecidas a este pintor.

Rebecca Boylston (1767), de Copley, foi oferecido ao Boston Museum há quinze anos, mas devido à colecção extremamente rica de obras de Copley detida por este museu e ao estado de deterioração do quadro, a obra nunca mais foi exposta. Mas um longo e minucioso trabalho de restauração revelou uma pintura que é hoje considerada como a obra-prima rococó de Copley, onde a esplêndida restituição de estofos sumptuosos, de naturezas mortas florais e de outros elementos decorativos forma um contraste espectacular com a análise intensa e penetrante da fragilidade de *Rebecca Boylston*.

Para os americanos, *Um Novo Mundo* marca o ponto culminante do renovado interesse que os especialistas, os coleccionadores e os amadores de museus manifestam desde há dez anos pela arte americana. No decurso destes últimos anos, graças à atribuição de subvenções diversas, foi possível criar cadeiras de estudo da pintura americana nas grandes instituições académicas (por exemplo, na Universidade de Yale). Por outro lado o mercado de arte americano, em particular a arte do século XIX, conheceu um desenvolvimento surpreendente, e os museus começaram a consagrar uma grande parte do programa das suas exposições a este domínio.

Todavia, depois da exposição do Metropolitan Museum em 1970, 19th-century América, não se registou mais nenhuma apresentação do panorama completo da pintura americana, e nenhuma exposição foi consagrada até agora à qualidade da arte americana. Para o público europeu, *Um Novo Mundo* constitui uma ocasião pouco frequente de aprender a conhecer a diversidade da pintura americana e, esperamo-lo, de descobrir que ela não é apenas um estilo *naif,* provinciano, directo e realista (como os seus partidários e os seus detractores a têm entendido em geral), mas uma tradição complexa, perfeitamente dominada e produzida por um temperamento atento e romântico, quer se trate de apresentar uma personagem importante ou os detalhes mais insignificantes da vida

Todavia, depois da exposição do Metropolitan Museum em 1970, 19th-century América, não se registou mais nenhuma apresentação do panorama completo da pintura americana, e nenhuma exposição foi consagrada até agora à qualidade da arte americana. Para o público europeu, *Um Novo Mundo* constitui uma ocasião pouco frequente de aprender a conhecer a diversidade da pintura americana e, esperamo-lo, de descobrir que ela não é apenas um estilo *naif,* provinciano, directo e realista (como os seus partidários e os seus detractores a têm entendido em geral), mas uma tradição complexa, perfeitamente dominada e produzida por um temperamento atento e romântico, quer se trate de apresentar uma personagem importante ou os detalhes mais insignificantes da vida quotidiana.

(Carol Troyen é Associate Curator of American paintigs do Museum of Fine Arts de Boston, Massachusetts.)

I

A Hist do "apa

A minoria branca que verna a África do Sul pre tanto da maioria negra do como há um século, quan existência de uma vasta r de-obra africana, pouco ca não protegida, permitiu o çamento das bases da ec mia moderna. Mas se os pos mudam, as necessid também, e neste fim de sé XX a África do Sul deseja mão-de-obra qualificada mesma forma que precis trabalhadores, que, por vez, não o sejam.

Em consequência do de volvimento industrial da pública Sul Africana, m negros deixaram os ca para vir trabalhar nas fáb o que teve por efeito q normas da educação ele tar dos negros sul-africa coisa que mal se imagina duas gerações – tiveram ser elaboradas. O *apart* ou o desenvolvimento se do, está tão presente nas las sul-africanas como n dades, e os alunos do paí à sua disposição possibili muito desiguais, segun grupo racial a que perten ilimitadas para os bra médias para os indianos mestiços e extremament tritas para os africanos. do ensino ser organizado nistrado por um corpo p soral diferente, em escol tabelecidas em função c térios raciais, existem mente grandes diferenç recursos humanos e ma disponíveis para educar versos grupos.

Os números publ mostram que o orçamen *capita* afectado à educaç crianças brancas é qua vezes mais importante aquele é afectado às cr negras.

Segundo o Institut Africano das Relaçõe ciais, as despesas *per* expressas em rands, ano escolar de 1978-19 compunham-se assim: cos, 724 rands; indiano mestiços 225 e negros 7

Enquanto isto, as c negras são igualmente vorecidas se se consid número de alunos por sor, sendo esta propor mais de 45 alunos em por professor, nas esco gras, contra 19 apenas colas brancas.

Estas são portanto renças tangíveis do educativo dividido segu raças na África do Su elas não são as únicas tes encontradas pelos tes grupos de alunos. vestigadores universitá bruçaram-se sobre a m como a história é ensin manuais propostos aos sul-africanos, e fizera mas constatações inte tes.

Segregação

Historu in Black an an analysis of South school history textbo Elizabeth Dean, Pau

S

(Foto: Metropolitan Museum of Art,

, nao se registou mais ne-
huma apresentação do pano-
ma completo da pintura
mericana, e nenhuma exposi-
ão foi consagrada até agora à
ualidade da arte americana.
ara o público europeu, *Um*
lovo Mundo constitui uma
casião pouco frequente de
prender a conhecer a diversi-
ade da pintura americana e,
speramo-lo, de descobrir que
la não é apenas um estilo
aif, provinciano, directo e
ealista (como os seus partidá-
os e os seus detractores a têm
ntendido em geral), mas uma
radição complexa, perfeita-
ente dominada e produzida
or um temperamento atento
romântico, quer se trate de
presentar uma personagem
mportante ou os detalhes
ais insignificantes da vida

Todavia, depois da exposi-
ão do Metropolitan Museum
m 1970, 19th-century Améri-
a, não se registou mais
enhuma apresentação do
anorama completo da pin-
ura americana, e nenhuma
xposição foi consagrada até
gora à qualidade da arte ame-
icana. Para o público euro-
eu, *Um Novo Mundo* consti-
ui uma ocasião pouco fre-
uente de aprender a conhe-
er a diversidade da pintura
mericana e, esperamo-lo, de
escobrir que ela não é apenas
m estilo *naif*, provinciano,
irecto e realista (como os
eus partidários e os seus
etractores a têm entendido
m geral), mas uma tradição
omplexa, perfeitamente
ominada e produzida por um
emperamento atento e
omântico, quer se trate de
presentar uma personagem
mportante ou os detalhes
ais insignificantes da vida
uotidiana.

Carol Troyen é Associate Curator
of American paintigs do Museum of
Fine Arts de Boston, Massachu-
setts.)

I N F E R N O S

A História ao serviço do "apartheid"

A minoria branca que governa a África do Sul precisa tanto da maioria negra do país como há um século, quando a existência de uma vasta mão-de-obra africana, pouco cara e não protegida, permitiu o lançamento das bases da economia moderna. Mas se os tempos mudam, as necessidades também, e neste fim de século XX a África do Sul deseja uma mão-de-obra qualificada, da mesma forma que precisa de trabalhadores, que, por sua vez, não o sejam.

Em consequência do desenvolvimento industrial da República Sul Africana, muitos negros deixaram os campos para vir trabalhar nas fábricas, o que teve por efeito que as normas da educação elementar dos negros sul-africanos – coisa que mal se imaginava há duas gerações – tiveram que ser elaboradas. O *apartheid*, ou o desenvolvimento separado, está tão presente nas escolas sul-africanas como nas cidades, e os alunos do país têm à sua disposição possibilidades muito desiguais, segundo o grupo racial a que pertencem: ilimitadas para os brancos, médias para os indianos e os mestiços e extremamente restritas para os africanos. Além do ensino ser organizado e ministrado por um corpo professoral diferente, em escolas estabelecidas em função de critérios raciais, existem igualmente grandes diferenças nos recursos humanos e materiais disponíveis para educar os diversos grupos.

Os números publicados mostram que o orçamento *per capita* afectado à educação das crianças brancas é quase dez vezes mais importante que aquele é afectado às crianças negras.

Segundo o Instituto Sul Africano das Relações Raciais, as despesas *per capita*, expressas em rands, para o ano escolar de 1978-1979 decompunham-se assim: brancos, 724 rands; indianos, 357; mestiços 225 e negros 71.

Enquanto isto, as crianças negras são igualmente desfavorecidas se se considerar o número de alunos por professor, sendo esta proporção de mais de 45 alunos em média por professor, nas escolas negras, contra 19 apenas nas escolas brancas.

Estas são portanto as diferençqas tangíveis do sistema educativo dividido segundo as raças na África do Sul. Mas elas não são as únicas variantes encontradas pelos diferentes grupos de alunos. Três investigadores universitários debruçaram-se sobre a maneiira como a história é ensinada nos manuais propostos aos alunos sul-africanos, e fizeram algumas constatações interessantes.

Segregação

Historu in Black and White: an analysis of South African school history textbooks, de Elizabeth Dean, Paul Hartmann e Mat Katsen, é um estudo muito completo dos textos de história redigidos em língua inglesa – aprovados pelo Departamento de Educação do Transval e destinados às escolas brancas desta província – e de uma selecção de manuais escritos para as escolas negras. Apesar de terem utilizado para a sua análise manuais em língua inglesa, os autores sublinham que um grande número de entre eles estão igualmente disponíveis em Afrikans e que muitos eram, na realidade, traduções de textos originais escritos nessa língua. O estudo interessa-se particularmente pela maneira como os manuais escolares sul-africanos reflectem as preocupações de um sistema político assente na segregação racial. Tal como frisam os autores *«a África do Sul é o único país do mundo que erigiu oficialmente o racismo como ideologia do Estado, a segregação racial em todos os domínios da política oficial»*.

Os autores partiram de quatro hipóteses: os manuais apoiam-se em geral sobre o sistema político em vigor no país (hipótese que foi claramente confirmmada); os grupos dominantes, os brancos, são apresentados sob um prisma mais favorável que os grupos subordinados, os não-brancos (teoria que se mostrou, ela também ęxacta)' a população negra é talvez apresentada sob um prisma mais favorável nos manuais que lhe são destinados que nàqueles que são elaborados para os brancos (hipótese que não foi inteiramente confirmada); a ideia dada, nestes manuais, acerca dos países estrangeiros reflecte as relações históricas do país com os outros países, e isso de acordo com a política estrangeira actual (o que foi parcialmente confirmado).

As primeiras tentativas de escrever a história sul-africana pelo lado dos negros tiveram lugar no curso dos últimos anos, e as obras de base continuam a ser extremamente etnocêntricas, inteiramente apoiadas na interpretação branca e nas necessidades da política dos brancos. Em 1979, por exemplo, o Anuário oficial da África do Sul continuava a divulgar o mito de uma terra desabitada na época da chegada dos primeiros europeus.

Foi *«apenas 120 anos depois de o primeiro homem branco se ter instalado na África do Sul que negros e brancos entraram realmente em contacto»*, escreve este anuário, ignorando as pesquisas que confirmam que os africanos já estavam largamente implantados na região na época da colonização.

A custa dos não-brancos

Ao longo de todo o estudo, os autores constatam que o traço dominante dos manuais de história reside no importante espaço concedido à história dos grupos brancos, em detrimento dos não-brancos. Uma segunda característica destes manuais é a sua tendência para *«Privilegiar os acontecimentos da história afrikaner»* e para emitir juízos quase exclusivamente políticos. Quase nenhum espaço é concedido à história dos negros sul-africanos antes da chegada dos brancos, e neste aspecto mesmo os manuais reservados aos negros são frequentemente similares aos destinados às crianças brancas.

Este estudo, publicado pela Unesco, examina mais em detalhe três períodos históricos: *«Os brancos e os negros no princípio do século XIX»*, *«A história contemporânea da África do Sul»* e *«A mudança social e política em África»*.

Em relação ao primeiro, os autores salientam que os não-brancos, e em particular os negros, são «essencialmente apresentados como um obstáculo à realização dos objectivos dos brancos», geralmente considerados como absolutamente naturais. Os objectivos dos não-brancos são raramente analisados de maneira correcta e a ausência de fundamentos para esses objectivos é considerada manifesta. As acções dos negros não são explicadas e são-lhes atribuídas motivações elementares. Os autores notam que a justificação do *apartheid* em termos puramente racistas é hoje em dia menos frequente. Eles indicam no entanto que *«o racismo subjacente ao sistema sul-africano é essencialmente veiculado nos textos pela importância manifesta dada à cor da pele e às diferenças raciais»*. O capítulo consagrado ao início do século XIX faz uma comparação entre a situação na fronteira oriental da província do Cabo e a actual África do Sul, de maneira a *«mostrar que o apartheid se justifica pela história ou que o presente é apenas o prolongamento natural do passado»*.

A história sul-africana do século XX, período sobre o qual incide principalmente o exame dos alunos do último ano, insiste no desenvolvimento separado dos grupos raciais tratando-os individualmente. Os autores constatam todavia que os redactores dos manuais cometem por vezes alguns deslizes. Um manual, por exemplo, afirma que *«a África do Sul nunca conheceu realmente uma classe operária branca»*. Este mesmo manual indica um pouco mais à frente que *«o afrikaner desempenhou um papel inferior na economia do país durante muitos anos. Ele continuava a fazer parte da classe laboriosa»*.

A propósito da migrações para as zonas urbanas, os autores insistem ainda: *«Uma parte maior do texto é consagrada ao migrante branco pobre e as características patológicas atribuídas ao afrikaner branco pobre são fortemente sublinhadas pelo acento posto na «sua perda de identidade» e na sua «humilhação»*. A o contrário, a situação difícil do migrante negro é consideravelmente minimizada. Afirmam-nos que ele se *«destribalizou»*, mas não se pensa sequer em perda de identidade ou em humilhação no que lhe diz respeito.

«Terroristas»

Para muitos leitores, a parte mais interessante deste estudo será talvez a que é consagrada à apresentação que os manuais fazem da *«Mudança política e social na África»*, designadamente a parte que trata da unidade africana. Os manuais, sublinham os autores, abordam os problemas encontrados pelos países recém-independentes de África, evidenciando a tendência de atribuir as suas dificuldades políticas e económicas àquilo que é visto como a partida prematura do homem branco. *«Às consequências do colonialismo sobre o desenvolvimento político ou económico dos territórios africanos é concedida pouca atenção»*, declaram os autores. Quando tratam dos movimentos de libertação (*«As organizações terroristas»*), os manuais insistem nas cisões entre estes movimentos e na confusão que reina no seio do Comité de Libertação da África. Um manual, contudo, não se dá sequer ao trabalho de mencionar os movimentos de libertação sul-africanos, o Congresso Nacional Africano e o Congresso Pan-Africano, mas assinala, em contrapartida, os movimentos que precederam a independência de Angola e da Rodésia.

«Não há qualquer dúvida, concluem os autores, *que o programa de história é concebido em parte com a intenção de cultivar atitudes favoráveis à manutenção do sistema de desigualdade racial»*. As falhas evidenciadas mais frequentemente por estes manuais são: um etnocentrismo generalizado, a apresentação do passado como modelo para o presente, a perpetuação dos mitos, o descrédito lançado sobre as ideologias adversárias, o postulado da incompetência dos negros, o racismo e os estereótipos.

No conjunto, *«a impressão dominante é a de que os manuais sul-africanos são mais bem feitos para servir os objectivos nacionalistas brancos de concepção estreita que os objectivos mais académicos que eles são supostos defender»*.

EDWARD POULTNEY

M U D A N Ç A S

Os Bascos, um problema sem fronteiras

A ETA tem vinte e cinco anos. Muitas coisas mudaram desde esse dia de 31 de Julho de 1959 em que um punhado de militantes nacionalistas bascos decidiram erguer-se em armas contra o franquismo. Ao ideal patriótico juntava-se um socialismo exacerbado, que faz pouco caso das maiorias, tais como elas se exprimem nas urnas. Ao regime autoritário, então em Madrid, sucedeu uma democracia que reconheceu a personalidade da secular Euskadi. O clima internacional já não é favorável, como antes, aos clandestinos que continuam a matar a sangue frio, como se continuassem a viver em ditadura. Hoje, a organização está prostrada. Mas as suas reacções continuam temíveis.

Confissão de um arrependido:
"A ETA? É mais fácil entrar do que sair"

«A luta armada? É muito mais fácil lá entrar do que sair. Para entrar basta aceitar o risco físico. Para sair é necessário ultrapassar obstáculos psicológicos muito mais complexos.» no entanto, o nosso interlocutor saiu. Não sem dificuldades, confessa. Antigo dirigente na ETA político-militar, Fernando Lopez del Castillo renunciou em 1983 a uma luta armada que perdera aos seus olhos toda a justificação. Em Dezembro passado beneficiou, com alguns companheiros, de uma medida de graça decretada pelo governo. Foi um dos primeiros a aceitar a «reinserção social» com a qual hoje contam muito as autoridades de Madrid, para desfazer o imbróglio basco.

Acções espectaculares

Fernando Lopez del Castillo adere à ETA em 1974, ainda não fez vinte anos. Por nacionalismo ou por preocupação de lutar contra a ditadura? *«como muitos jovens bascos fiz parte da ETA porque era a melhor maneira de exprimir a minha raiva contra Franco. Era uma resposta violenta a uma situação de violência. Uma vez no seio da organização, os objectivos mudavam: já não queríamos só acabar com o franquismo mas também lutar pela autodeterminação do povo basco, a fim de termos o nosso próprio exército. Mas todas estas motivações só apareceram numa segunda fase».*

Fernando Lopez del Castillo sobe rapidamente no seio da ETA e milita durante cinco anos em território espanhol, sem nunca ser preso. Quando a organização se cinde, entra nas fileiras do ramo político-militar, mais «ideológico», segundo ele, que o militar. Em 1979 passa para França onde continua a sua acção, e instala-se por fim em Hendaia até regressar ao seu país após a medida de clemência. Lembra-se muito bem dos debates que tiveram lugar no seio da sua organização sobre a oportunidade de um «adeus às armas», depois da primeira trégua decretada pela ETA político-militar em Fevereiro de 1981, depois da tentativa de golpe de estado militar. *«Nós defendíamos a necessidade de manter as tréguas,* afirma ele, *mas estávamos em minoria: uns trinta por cento dos militantes. Outro grupo pronunciava-se a favor de outra estratégia: realizar uma série de acções espectaculares para abordar uma eventual negociação em situação de força». É uma posição típica no seio da ETA.»*

As discussões decorriam *sempre numa atmosfera de grande emotividade, o que era útil aos mais radicais,* continua o nosso interlocutor. *O problema dos maus tratos nas esquadras de polícia, por exemplo, era fundamental, e estou certo de que continua a sê-lo. Os membros de um pequeno comando que vive na clandestinidade mostram-se particularmente solidários, e se um deles, depois de ser preso, é torturado pela polícia ou pela guarda civil, os outros radicalizam-se e recusam toda e qualquer ideia de tréguas. Aqueles que, como nós afirmavam que o problema da repressão ia solucionar-se progressivamente com a implantação da democracia, tinham as maiores dificuldades para se fazer ouvir.»*

Para mais, os imperativos da clandestinidade não facilitavam a troca de ideias. *«Por razões de segurança só tínhamos contacto com os membros do nosso próprio grupo,* explica Lopez del Castillo. *E quando se evolui sem cessar num quadro tão restrito, a informação é obrigatoriamente limitada. Na verdade só transmitíamos uns aos outros informações susceptíveis de fortalecer as nossas próprias convicções, e eliminávamos as outras. Era um mecanismo de protecção psicológica para lutar contra a incerteza numa situação difícil.»*

Nestas condições, a decisão de «sair», de romper com o círculo vicioso da violência que ensanguenta há tanto tempo o país basco foi particularmente delicada. *«A ideia de romper com uma parte dos nossos próprios companheiros era a mais difícil de aceitar,* afirma o nosso interlocutor. *Não é muito agradável ser acusado de traidor quando a tortura está longe de ter acabado nas esquadras, e sentíamo-nos muito pouco à vontade. Mas pensávamos que a violência perdera toda e qualquer justificação a partir do momento em que o povo basco se pronunciara, na sua maioria, pelo estatuto de autonomia outorgado por Madrid. Não podíamos aceitar continuar a luta armada por simples inércia, como as dóceis molas de uma máquina que nos leva sem nos dar a possibilidade de escolha.»*

Se finalmente, pudemos dar o passo desejado, continua, *foi antes de mais porque a decisão foi tomada em grupo: éramos uns duzentos a querer acabar com aquilo, e pudemos assim negociar colectivamente com o Ministério do Interior, por intermédio da formação Euskadiko Eskerra. Mas é difícil imaginar que uma pessoa isolada possa vencer todas as pressões, externas e psicológicas, que fazem obstáculo a uma tal decisão.* É esta, de resto, na sua opinião, a principal dificuldade em que choca o segundo plano de reinserção social projectado pelo Governo de Madrid destinado, desta vez, à ETA militar. *«No nosso caso,* explica ele, *a operação foi um êxito porque um sector importante da ETA político-militar tinha decidido a autodissolução da organização. Mas a ETA militar, essa continua a sua acção e só quem conhece mal a mentalidade que aí reina pode acreditar que muitos dos seus militantes possam abandonar individualmente a organização.»*

Brigadas Vermelhas

Tanto mais que a reintegração social nem sempre é fácil. *«Temos de recear ao mesmo tempo os que não nos perdoam o termos utilizado as armas e os que nos censuram por tê-las abandonado,* afirma o nosso interlocutor. *Arriscamo-nos sempre a ter problemas com a Polícia e com a Guarda Civil, ou mesmo ser presos e interrogados para dar informações sobre os nossos antigos companheiros. De resto, as organizações armadas sabem que a dinamica da reinserção social pode significar a sua derrota. Elas fazem tudo para obstar a isso. Militantes que estavam prontos a beneficiar das medidas de reinserção social tiveram de renunciar depois de terem sido ameaçados pela sua organização. Uma pessoa só é, evidentemente, mais vulnerável.*

Chamados *«traidores»* e até *«delatores»* pelos companheiros da ETA militar, os militantes que renunciaram à luta armada reagem vivamente a essas acusações. *«O nosso caso não tem nada a ver com o dos arrependidos de Itália,* explica Lopez del Castillo. *Lá, depois do fracasso político das Brigadas Vermelhas, vários militantes não só depuseram as armas como denunciaram os seus antigos companheiros, considerando que os seus objectivos políticos eram errados. Aqui, no país basco, não houve nem haverá delatores, tanto mais que não abandonámos os nossos ideais que continuam a parecer-nos legítimos: estamos simplesmente decididos a defendê-los agora pacificamente e não de armas na mão.»*

No entanto, esses ideais serão os mesmos? O membro da formação legal Euskadiko Eskerra que nos fala, e que concluiu que *«a violência não pode ser um método político numa democracia»*, continuará a reconhecer-se no jovem estudante que há dez anos se tornou membro da ETA? *«Não traí os meus objectivos e os meus ideais de outrora,* afirma Lopes del Castillo, *mas tomei consciência de que era necessário adaptá-los às realidades. Antes, lutava ao mesmo tempo pela independência do país basco e pela liberdade. Hoje, luto antes de mais pela liberdade. Aos meus olhos a independência tornou-se uma simples faceta da liberdade: a que tem uma colectividade de decidir a cada instante o seu destino sem que outras colectividades o impeçam.»* Trata-se agora de prosseguir pacificamente esse objectivo, recorrendo aos instrumentos políticos legais aceites pela maioria. *«É certo,* reconhece o nosso interlocutor, *que já não é o militantismo leninista absoluto da luta armada que ocupa toda a existência. É preciso aprender a tratar problemas pontuais, por exemplo de educação e de saúde, e darmo-nos conta de que nem tudo se soluciona num dia. Mas, depois de uma guerra, os soldados dos dois campos participam na reconstrução nacional, não é verdade?»*

THIERRY MALINIAK

Calafrios em França

Depois de dois dias vazios durante os quais a costa basca teve um ar de fim de estação, os veraneantes, de Agosto, gente em férias e turistas, instalaram-se nos locais deixados livres pelos veraneantes de Julho. Biarritz, Saint-Jean-de-Luz, Hendaia transbordam de gente e o litoral dos Pirenéus-Atlânticos é, tal como no mês que passou, um longo engarrafamento.

Imagens estivais, efluvios de óleo solar... As férias, para algumas dezenas de milhares, vão passando entre a praia, os restaurantes e os locais onde se joga a pelota basca. Em Bayonne, as festas anuais começaram ao som de gaitas e tambores do folclore basco.

No entanto, tal como no ano passado, sente-se entre os turistas uma certa inquietação. O eco das operações nocturnas de fins de Julho, de que saíam furados os pneus dos automóveis, chegou até eles e os proprietários de carros franceses cuja matrícula é de além dos Pirenéus atlânticos, reconhecem, quando os interrogamos, sentir uma certa apreensão. No entanto, estes maleficios anti turisticos não igualam a verdadeira campanha que saudou em 1983, a presença na costa dos veraneantes. Vivendas incendiadas, carros armadilhados, engarrafamentos provocados, etc. A nota do Verão de 1984 ainda não atingiu a do ano passado.

Mas ainda continua sem se saber com precisão quem são os autores dos golpes nos pneus. Se os clandestinos de Eparretarak (os do Norte), grupo de separatistas bascos franceses foram suspeitados de início, antes de mais porque tinham assinado a capanha de 1983, outras hipóteses são hoje avançadas nos meios oficiais. Grupos de jovens podiam muito bem ter sido pagos para furar os pneus dos turistas.

Com que objectivo? Alguns já falam de provocação destinada a agravar a inquietação e a lançar o discrédito nos *abertzale* (patriotas), os separatistas bascos. Segundo algumas informações não confirmadas, os polícias teriam interrogado esta semana no hospital dois jovens surpreendidos por trausuentes espancados. Em todo o caso, desde o princípio de Agosto que estas depredações em série não continuaram, mesmo que ainda se encontrem, aqui e além, veículos com pneus furados

«Grupúsculos irresponsáveis»

Os profissionais do turismo aproveitaram essa actualidade movimentada para lançar de novo um grito de alarme na direcção dos poderes públicos. A acreditar neles a estação de 1984 já estaria estragada. A frequência dos hotéis e restaurantes teria sofrido uma queda entre 20 e 40% em relação ao ano passado. A que atribuir uma tal baixa? Embora a crise económica não lhe seja estranha, dizem os hoteleiros, o clima de violência política no país basco francês (nove mortos em sete meses) também é por eles considerado responsável do afastamento de certos turistas.

Os profissionais do turismo resolveram criar esta semana, uma união para a defesa das indústrias turísticas do país basco, cujo objectivo confesso é *«contrabalançar a acção nefasta de certos grupúsculos irresponsáveis»* e procurar suscitar, através de sondagens e inquéritos sobre os lucros do turismo, um certo consenso popular a opôr aos clandestinos de Eparretarak e a todos os adversários da *«turistificação do país basco»*.

Alguns, claro está, já se preocupam com o aparecimento dessa associação, que se assimila frequentemente ao movimento da CFR (Para uma Córsega francesa e republicana) cujo êxito face à ex-FLNC suscita aqui muitas invejas. Essa «união», que reivindicava seiscentos aderentes no dia da sua criação, já foi acusada, principalmente pelos meios «basquizantes» de se aparentar a uma milícia desejosa de solucionar o «problema basco» pela força.

Os comerciantes criticam, principalmente, o eco dado pela imprensa há já meses, aos atentados do GAL, grupo antiterrorista de libertação, especializado no assassínio dos refugiados bascos espanhóis nos Pirenéus-Atlânticos. Aqui e além levantam-se vozes para denunciar cada vez mais abertamente a presença, em França, de bascos espanhóis. O raciocínio é simples: se os refugiados, muitas vezes assimilados aos membros da ETA militar, se forem embora, o GAL desaparecerá por si próprio e a costa voltará à calma.

É também, ao que parece, a lógica seguida pelo governo desde o princípio do ano. Os refugiados bascos parecem recear muito mais a posição da França perante eles do que os atentados do GAL. Depois de ter tido umas vinte expulsões para a América Latina e proibição de estadia no sudoeste, eles receiam hoje que a severidade do Estado francês chegue à extradição pura e simples.

O medo da extradição

Até hoje foram transmitidos à câmara de acusação do tribunal de apelação de Pau, oito mandatos de captura internacionais de bascos 3 espanhóis acusados por Madrid de crimes, o mais recente dos quais vem de 1980. Segundo a sua advogada, dr.ª Christiane Fando, quatro deles deveriam comparecer no dia 8 de Agosto para um primeiro interrogatório de identidade, e o seu processo deveria ter lugar antes do fim do mês.

Os bascos espanhóis que residem nos Pirenéus-Atlânticos interrogaram-se sobre a brusca mudança de atitude da França para com eles. Depois dos últimos processos de extradição de 1981, o ministro da Justiça sempre recusou dar sequência aos pedidos reiterados por Madrid. Ainda no Inverno passado Paris expulsou para o Panamá um presumível militante da ETA, José Angel Urtiaga. De um modo geral as autoridades francesas acalmaram a cólera dos espanhóis com medidas de expulsão. Se, como o pensa um eleito socialista da região, não haverá extradições, porquê reavivar a inquietação dos meios bascos espanhóis e colocar a esquerda local numa posição difícil? Por que deixar esperar de Madrid, pela primeira vez desde 1981, uma opinião favorável da França sobre os pedidos de extradição, se estes, finalmente, não devem ser aceites?

Os bascos espanhóis de Bayonne sentem estas questões. Incertos sobre a decisão francesa, decidiram preparar-se para o pior tentando mobilizar os *abertzale* e a opinião pública.

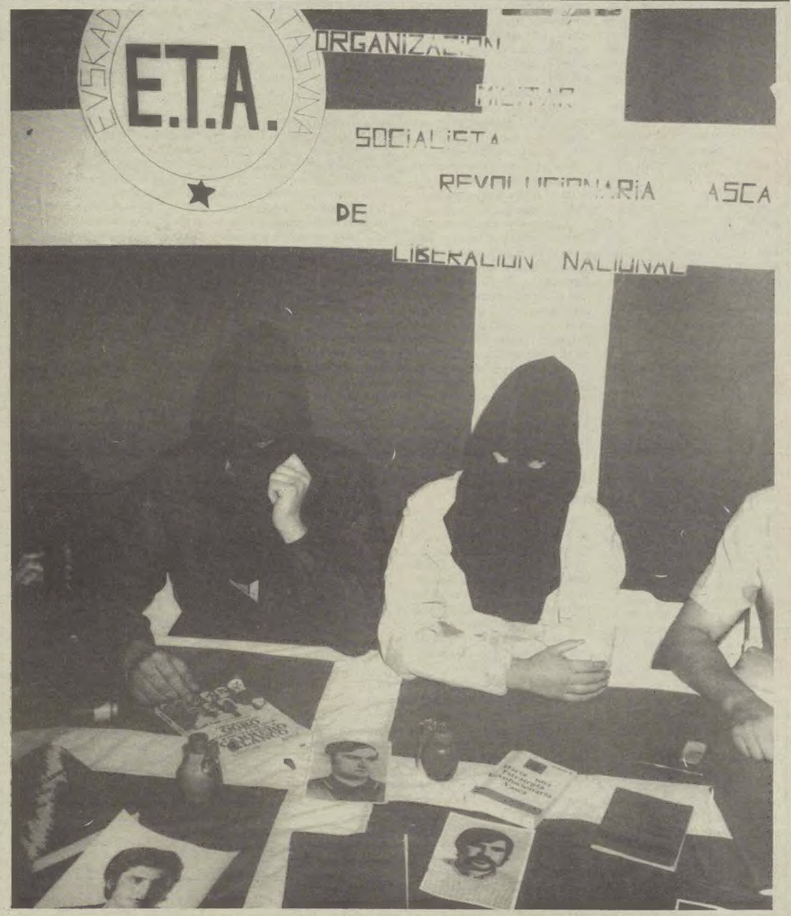
Eles organizam desde o início do Verão uma ampla campanha de informação dos turistas, nas praias, durante os espectáculos e nos locais de vilegiatura. Foi dirigida uma moção a todos os eleitos, «demarche» esta que já conseguiu um certo sucesso visto o «maire» de Saint-Jean de Luz se preparar, segunda ulgumas informações, para pedir o relatório de eventuais medidas de extradição.

O que é certo é que o governo evita agora comentar a sua atitude sobre o assunto basco. As declarações fazem-se mais raras e tornou-se mesmo difícil para os meios bascos espanhóis seguir com atenção os seus militantes exilados em França ou com residência fixa.

Assim, o comité dos refugiados estava no dia 3 de Agosto sem notícias de um presumível dirigente da ETA, Eugénio Etxebeste preso recentemente em Anglet durante um controlo de estrada e com residência fixa em Metz.

PHILIPPE BOGGIO e PHILIPPE ETCHEVERRY

Dessin de CAGNAT.



S O C I E D A D E

A revolução da informação e o terceiro mundo

Face à sua incidência sobre a educação, a ciência, a cultura e a construção da paz, a comunicação inscreve-se com toda a naturalidade no campo de interesse da UNESCO. As actividades da organização neste domínio, em particular no que concerne aos meios de comunicação social, têm todavia suscitado um largo debate. A fim de reflectir sobre a natureza e a dimensão deste debate, a UNESCO convidou personalidades de diferentes áreas do globo e directamente interessadas pelo assunto, à exprimir a sua opinião. No artigo que se segue, Ahmed Baha el Dine, conhecido escritor e jornalista egípcio, expõe os seus pontos de vista.

No tempo em que observávamos os camponeses e operários egípcios pobres que tinham trabalhado no estrangeiro, regressar às suas remotas aldeias, constatámos que todos eles traziam consigo um rádio de transistores de formato grande, e isso mesmo que se tratasse de indivíduos muito pobres.

Pensámos então que se tratava de uma fantasia própria dos egípcios.

Mas quando as circunstâncias da baixa de preços do petróleo levaram mais de um milhão de africanos deserdados a deixar a Nigéria, e que a Imprensa internacional publicou fotos que os mostravam a afluir às fronteiras do seu país, quase sem bagagens, um estranho fenómeno me chamou a atenção: todos esses nigerianos traziam consigo, sem excepção, um rádio de formato grande, que parecia ser o bem mais precioso que queriam trazer para o seu país.

Isto mostra-nos a que ponto «o aparelho de informações» se tornou importante, na nossa época, na vida das pessoas mais pobres e nas regiões mais afastadas da modernidade.

Para o pobre, esse aparelho é mais do que um meio de transmissão de informações, é o único fio que o liga à vida opulenta que conhece por ouvir dizer e na qual desejaria participar, mesmo que fosse a apanhar migalhas.

Ele aspira, de facto, a regressar à sua aldeia recuada, levando consigo esse fio, com receio de o perder e de cair de novo, brutalmente, nos horrores do subdesenvolvimento que suportou a vida inteira.

A mais importante das revoluções do Terceiro Mundo é a das «grandes esperanças». Essa revolução enfeita-se sucessivamente com os atavios da esquerda e da direita. Por vezes quem a promete é um governador civil ou militar e outras vezes é um político agaloado ou um comerciante internacional que a exploram. E os povos do Terceiro Mundo suportam tudo isso. Um pouco à maneira de quem toma o comboio, muda na primeira estação, depois na segunda, e assim sucessivamente até encontrar o comboio susceptível, segundo ele, de o conduzir à realização das grandes esperanças, à vida confortável deste século trepidante e rico de progresso e tentações.

O desenvolvimento e o progresso

E todo o indivíduo do Terceiro Mundo, do perito económico ao simples operário, sabe que o único caminho para o progresso e para a aquisição de uma parte daquilo que este século oferece é o desenvolvimento.

Seria supérfluo recordar neste contexto o estreito elo existente entre o desenvolvimento e a Informação. A Informação é o ensino e a formação. Ela está na base de todo o plano económico e de toda a luta eficaz contra as taras sociais.

Basta observar a rapidez do progresso tecnológico no domínio da Informação e da Comunicação; da Televisão que invadiu todas as casas, à transmissão das «maquettes» dos jornais e das revistas, por satélite, em poucos segundos, ao computador que permite a obtenção em poucos minutos de resultados que exigiam, no passado, o esforço de centenas de homens durante centenas de dias... para conhecer os efeitos de tais descobertas no progresso industrial.

O Terceiro Mundo não ignora estas realizações mas até agora continua incapaz. Ele sente, por vezes, que apesar de todos os esforços, não progride mas regride. Como dois corredores, um dos quais avançaria ao ritmo de uma tartaruga e o outro à velocidade de um foguetão, o que acentua ainda mais a sua angústia, a sua inquietação e, por vezes, o seu desespero.

É neste recife que se quebram os regimes e os governos e é desta maneira que a instabilidade se propaga.

O homem viveu durante milhares de anos sem saber grande coisa sobre a sociedade em que vivia. Ora a revolução da Informação e da Comunicação, que é a mais determinante das revoluções da era moderna, modificou completamente a paisagem, pondo fim ao estado de desanuviamento que prevalecia, devido à ausência de comparação. Este estado foi substituído pela ambição e a comparação com tudo o que daí decorre de estímulos, tensão nervosa e sentimento de inferioridade.

Uma luta em duas frentes

Mas voltemos um pouco ao problema do desenvolvimento e à sua relação com a Informação, objecto da nossa reflexão. Constatamos que o Terceiro Mundo, ao nível da Comunicação, é levado a lutar em duas frentes: a frente interna e a frente externa.

A frente externa é fácil de explicar. Mas é ela a mais importante e a mais difícil.

A revolução da comunicação e da informação, devido aos seus meios particularmente eficazes, pode ser a arma mais decisiva na organização do desenvolvimento no interior de qualquer país do Terceiro Mundo. Não seria excessivo dizer que essa revolução é a arma mais importante.

Admite-se geralmente que o principal obstáculo para o desenvolvimento no Terceiro Mundo é o dinheiro. Em larga medida isto é verdade. Porque o dinheiro é que fornece o «savoir-faire». E o dinheiro e o «savoir-faire» reunidos estão na origem das fábricas, da bonificação das terras, e também das infra-estruturas susceptíveis de conduzir o desenvolvimento, sabendo que essas estruturas são muito fracas no Terceiro Mundo.

Bastava para isto mencionar a inexistência de redes de transporte que impedissem a condução de recursos de lugar para outro. O dinheiro e o «savoir-faire» são as condições indispensáveis para a edificação das escolas e dos institutos e para a instalação de centros de tratamento médico para lutar contra as doenças.

Há no entanto, países que dispõem destes dois factores, o dinheiro e o «savoir-faire» e que não conseguiram os resultados previstos.sÉ prova disto o endividamento desses países, cifrado em centenas de milhões de dólares. O certo é que o mundo inteiro — avançado e sem desenvolvimento — cometeu o mesmo erro, o de acreditar que basta transformar as condições materiais — como por exemplo a construção de fábricas — para modificar de modo muito rápido as sociedades.

Por outras palavras, o raciocínio economista absoluto passou à frente de qualquer outro raciocínio. Os factos provaram que, por si só, a economia não era suficiente. A verdade é que o elemento mais lento a evoluir é o próprio homem. Pode construir-se uma fábrica num ano e a terra árida pode ser transformada em herdade, em poucos anos, com a ajuda do dinheiro e da tecnologia. Ora o motor de tudo isto, o que vive isto tudo e lhe colhe os frutos, é o homem.

E a transformação do homem, isto é, a modificação dos seus hábitos e costumes e da sua escala de valores é a missão mais longa e difícil que há. Os camponeses que, durante milénios, cultivaram a terra com meios rudimentares, ou o pastor — se forem transferidos para uma fábrica moderna instalada num país próximo — não se tornarão «operários industriais» nem citadinos, tão depressa como se poderia pensar.

É certo que eles mudam de meio ambiente e de profissão, mas no interior de si próprios, ficam marcados pela sua herança de hábitos e costumes assim como de valores individuais e sociais. Assim, o desenvolvimento económico não produz os mesmos efeitos que a construção de uma fábrica num país habituado à industria já há séculos.

Indubitavelmente, o meio ambiente transformará o homem com o tempo e só o homem mudará graças ao desenvolvimento económico. Mas a arma mais eficaz neste domínio é a que nos é dada pela revolução da comunicação e da informação. É o manejo desta arma que o Terceiro Mundo ainda não conseguiu dominar como é preciso.

Por exemplo, a televisão — para só a citar a ela — invadiu as casas a um ritmo muito rápido. Mesmo os «bidonvilles» estão cheios de antenas. No nosso meio vemos os mais pobres privarem-se o mais possível de alimentação para comprar um aparelho de televisão. Esta caixa mágica é, para eles, o melhor divertimento. Ela mostra-lhes as maravilhas do mundo e dá-lhes a sensação de vibrar ao ritmo do «mundo». E o mais pobre dos governos, logo que ascende à independência começa por instalar uma televisão.

Luta contra o analfabetismo

Encontramos nela, com efeito uma grande arma para a luta contra o analfabetismo, a melhoria da higiene e a formação necessária para um melhor melhor domínio das profissões industriais, agrícolas e manuais, assim como para a melhoria do gosto em geral. Esta arma é igualmente eficaz para encarar novos objectivos nas sociedades arcaicas e para fazer evoluir de um modo são a «soma de valores» em vigor, sem ruptura com o património de cada sociedade.

Mas nós, filhos do Terceiro Mundo, temos de admitir que nada disto aconteceu. A televisão foi essencialmente utilizada, para distrair, difundindo um divertimento de baixo nível em vez de trabalhar, elevar o nível geral. A televisão foi muitas vezes utilizada para consolidar o poder do Estado central, o seu totalitarismo e o seu domínio político e intelectual sobre os cidadãos.

Também foi utilizada por alguns regimes para criar uma atmosfera ilusória e fazer sonhar as pessoas, como se se drogassem, em vez de proceder a uma verdadeira avaliação dos seus problemas, indicando-lhes assim as tarefas que lhes incubem para resolver esses problemas. Por outras palavras, a televisão foi utilizada para «isolar» as populações do Mundo e das realidades da vida, em vez de conduzir a essas realidades.

A Televisão foi, para mais, utilizada para reforçar mais ainda o poder e executar a sua vontade em vez de fornecer às populações uma possibilidade suplementar de se exprimir, de participar nas responsabilidades e de se habituar a assumi-las.

Assim, o contacto entre o Terceiro Mundo e os meios de Informação modernos não foi um êxito. Estes meios não foram utilizados precisamente nos domínios do desenvolvimento económico e social.

E este é um domínio a que podem dar a sua contribuição as organizações internacionais, pelo seu «savoir-faire», assim como todos os homens de boa vontade: governantes ou simples cidadãos.

A frente externa

Seria agora útil deitar um olhar por aquilo a que chamei a luta do Terceiro Mundo no plano da frente externa. Esta luta pode ser dividida em duas partes para facilitar a análise:

1. Uma diz respeito ao que sai do Terceiro Mundo para o exterior;

2. A outra ao que entra no Terceiro Mundo proveniente do mundo industrializado.

As instâncias da UNESCO, os seus foruns e os seus colóquios ouviram muitas queixas do Terceiro Mundo pelo «facto de não estar suficientemente em contacto com o exterior». E, se me junto aqui aos autores dessas queixas, não o faço para concordar com as acusações de uma parte contra a outra, mas simplesmente para confirmar que essas queixas são fundadas e justificadas.

Se o proveito tirado pelos Estados do Terceiro Mundo da revolução da Comunicação e da Informação é fácil no interior desses Estados, ainda o é mais no seu intercâmbio com o exterior. Essa situação deve-se em parte ao facto das línguas da maior parte dos países do Terceiro Mundo não serem consideradas línguas internacionais. Explica-se também pelo facto de os problemas dos pobres não interessarem aos ricos na mesma relação em que os dos ricos interessam os pobres. Também se podia referir o facto de os instrumentos da Comunicação e da Informação não serem bem utilizados no interior, podendo surtir o mesmo efeito no exterior, sobretudo porque essa má utilização emana do mesmo poder cujo interesse essencial consiste em difundir a sua propaganda no exterior (como o faz no interior), isto é, com um objectivo completamente diferente aquele que devia ser o seu.

Se um terceiro-mundista como nós visita por exemplo a sede do Banco Mundial ou o Fundo Monetário Internacional, onde estão os «chefões» e os peritos da economia e dos números, constata que a vida do seu país se convertente em números e em estatísticas austeras, sem nenhuma relação com a realidade desse mesmo país, dos seus problemas e do seu estado actual. Mesmo que o perito internacional de uma dessas instituições seja natural do Terceiro Mundo, ele torna-se passado um certo lapso de tempo prisioneiro dessa visão das coisas. Ou então acha-se obrigado a tratar com a «moeda intelectual» que corre.

O elemento humano

Isto talvez seja inevitável. Como o banqueiro que estuda o «dossier» de um projecto em todas as suas dimensões... sem ter, devido às suas responsabilidades, a capacidade de ter em conta o elemento humano do projecto e dos seus problemas.

Infelizmente talvez seja uma coisa inevitável. Mas não é decerto uma coisa normal. É desejável que o tesoureiro invista o dinheiro onde ele pode produzir o máximo e com o máximo de garantias. Mas isto também significa que o dinheiro será dirigido para países com grandes capacidades de absorção, mas menos necessidades. Assim aumenta o desequilíbrio mundial.

Este é um problema de carácter económico que não vamos debater aqui. Mas este estado de coisas dá ao Terceiro Mundo — com razão ou sem ela — o sentimento de que a transferência de conhecimentos não se efectua com vantagem para si.

Talvez se deva pensar que a revolução da comunicação e da informação não deve limitar-se unicamente ao domínio tecnológico. Talvez o problema esteja em tornar a revolução da comunicação e da informação, mais humana, dar-lhe um conteúdo mais profundo. Como considerar o homem já não uma besta de carga formada por um peso, uma altura, glóbulos brancos e vermelhos no sangue, mas também como um ser com estados de alma, uma inteligência e aspirações para o futuro.

A missão da UNESCO neste domínio consiste em sublinhar a importância do intercâmbio de informações, em favorecer a compreensão mútua e o encontro das culturas com o objectivo de conseguir consolidar as bases da paz mundial. Estes objectivos só podem ser atingidos se a revolução se limitar a reforçar as capacidades dos instrumentos de comunicação, a transmitir informações cifradas excluindo informações de carácter humano que, no espírito do Terceiro Mundo, não chegam ao mundo industrializado em número suficiente.

Em contrapartida, e como já o indiquei, a transferência efectuada pelos meios de informação dos países industrializados na direcção do terceiro mundo é considerável e tem uma influência preponderante na vida deste mundo, sobretudo nos domínios do desenvolvimento económico e social.

Basta citar uma vez mais a televisão. O simples cidadão que não tem cultura suficiente conhece melhor através da televisão o mundo em que vive. No entanto, este pequeno écran que se introduziu em casa do pequeno provinciano ou do beduino, agride-o com imagens da vida que por vezes o chocam. Ele matraca-o com anúncios publicitários sobre prazeres da vida de que ele é privado, até porque esses anúncios apresentam imagens muito sugestivas e atraentes. Isto cria neste telespectador frustrações e um sentimento de privação, tal como o desejo de mergulhar no consumo desenfreado que a sua sociedade ainda não conhece.

Este matraquear tem um conteúdo puramente comercial. E não é nosso propósito instaurar uma censura qualquer. Mas a experiência demonstrou que a empresa deste género de informações na sua maior parte dos países do Terceiro Mundo é tal que compromete todo o plano de desenvolvimento nacional equilibrado que prevê prioridades concretas, o que a sociedade consente e suporta e que está no direito de esperar imediatamente ou dentro de dez anos.

Há no Terceiro Mundo fortes correntes que evocam este problema do «slogan» de inva-

Continua na pág. 8

M

Sucess

Hor glor

Dois espectros ass
ropa: os homossexua
cifistas e dois hinos
ria estão há um mê
primeiros lugares d
discos mais vendid
-Bretanha.

Na passada sem
Tribes», um autênti
cifista contra as luta
tas entre as duas gra
— EUA e URSS —
em Portugal na sua
são, um máxi-singl
todos ouvir calma
disco, que tem p
«We don't want
(«Nós não queremo

Há cerca de dois
sido editado entre
hino, «Relax», um
de puro prazer sexu
e âmbigua, claramen
a homessexuais co
damente o são
membros dos Frank
Hollywood (FGTH

«Descontrai-te,
assim/quando quis
ça/descontrai-te,
assim/quando quis
zer» — este o refra
temente cantado e
capa do single «R
motivou que a BB
difusão radiofónic
ção.

Apesar disso, el
primeiros lugares
vendas da Grã-Bret
dois meses quand
mente lançado no
mestre deste ano, e
sitamente, ao Top
de um mês, quando
do grupo, «Two T
quase directamente
da tabela.

Os FGTH têm

E

do

ebater aqui. Mas este estado de oisas dá ao Terceiro Mundo — om razão ou sem ela — o sen- imento de que a transferênci de conhecimentos não se efec- ua com vantagem para si.

Talvez se deva pensar que a evolução da comunicação e a informação não deve limi- r-se unicamente ao domínio cnológico. Talvez o proble- a esteja em tornar a revolu- ão da comunicação e da in- ormação, mais humana, dar- e um conteúdo mais profun- o. Como considerar o ho- em já não uma besta de car- a formada por um peso, uma tura, glóbulos brancos e ver- elhos no sangue, mas tam- ém como um ser com estados e alma, uma inteligência e as- irações para o futuro.

A missão da UNESCO nes- domínio consiste em subli- har a importância do inter- âmbio de informações, em avorecer a compreensão mú- ua e o encontro das culturas om o objectivo de conseguir onsolidar as bases da paz undial. Estes objectivos só odem ser atingidos se a revo- ução se limitar a reforçar as apacidades dos instrumentos e comunicação, a transmitir nformações cifradas excluin- o informações de carácter umano que, no espírito do erceiro Mundo, não chegam o mundo industrializado em úmero suficiente.

Em contrapartida, e como á o indiquei, a transferência efectuada pelos meios de in- ormação dos países industria- izados na direcção do terceiro undo é considerável e tem ma influência preponderante a vida deste mundo, sobretu- o nos domínios do desenvol- imento económico e social.

Basta citar uma vez mais a elevisão. O simples cidadão que não tem cultura suficiente onhece melhor através da te- levisão o mundo em que vive. No entanto, este pequeno écran que se introduziu em casa do pequeno provinciano ou do beduino, agride-o com magens da vida que por vezes o chocam. Ele matraca-o com anúncios publicitários sobre prazeres da vida de que ele é privado, até porque esses anúncios apresentam imagens muito sugestivas e atraentes. Isto cria neste telespectador frustrações e um sentimento de privação, tal como o desejo de mergulhar no consumo de- senfreado que a sua sociedade ainda não conhece.

Este matraquear tem um conteúdo puramente comer- cial. E não é nosso propósito nstaurar uma censura qual- quer. Mas a experiência de- monstrou que a empresa deste género de informações na sua maior parte dos países do Ter- ceiro Mundo é tal que com- promete todo o plano de de- senvolvimento nacional equi- librado que prevê prioridades concretas, o que a sociedade consente e suporta e que está no direito de esperar imedia- amente ou dentro de dez anos.

Há no Terceiro Mundo for- es correntes que evocam este problema do «slogan» de inva-

Continua na pág. 8

M Ú S I C A

Sucessos em Inglaterra

Homossexuais e paz glorificados em disco

Dois espectros assolam a Europa: os homossexuais e os pacifistas e dois hinos em sua glória estão há um mês nos cinco primeiros lugares da lista dos discos mais vendidos na Grã-Bretanha.

Na passada semana «Two Tribes», um autêntico hino pacifista contra as lutas e as disputas entre as duas grandes tribos — EUA e URSS — foi lançado em Portugal na sua melhos versão, um máxi-single, podendo todos ouvir calmamente um disco, que tem por subtítulo «We don't want to die» — («Nós não queremos morrer»).

Há cerca de dois meses havia sido editado entre nós o outro hino, «Relax», uma historieta de puro prazer sexual, equívoca e âmbigua, claramente dedicada a homessexuais como assumidamente o são alguns dos membros dos Frankie Goes To Hollywood (FGTH).

«Descontrai-te, não faças assim/quando quiseres, avança/descontrai-te, não faças assim/quando quiseres ter prazer» — este o refrão provocantemente cantado e impresso na capa do single «Relax» e que motivou que a BBC proibisse a difusão radiofónica desta canção.

Apesar disso, ele esteve nos primeiros lugares da lista de vendas da Grã-Bretanha durante dois meses quando foi inicialmente lançado no primeiro trimestre deste ano, e voltou, inusitamente, ao Top Ten, há cerca de um mês, quando o novo disco do grupo, «Two Tribes», pulou quase directamente para o topo da tabela.

Os FGTH têm uma história curiosa: um dos seus pontos de contacto com os Beatles é a cidade onde nasceram — Liverpool. Em comum têm também o rápido sucesso que alcançaram e a irreverência, a provocação que tanto escandalizava as gentes aquando dos primórdios da banda de John, Paul, George e Ringo.

Hoje em dia, os fãs dos Beatles nos anos 60 tornaram-se em respeitáveis pais de famílias, capazes de se indignarem com os FGTH que os seus filhos ouvem, da mesma forma que os seus próprios pais urravam contra os Beatles que lhes preenchiam a adolescência — romances incluídos.

Orgasmo em disco

Donde vem o sucesso dos FGTH? Do seu enorme descaramento, do seu despudor que os leva a descrever orgasmos nas capas dos discos como em «Relax», ou a colocar fotos de Lenine em murais como em «Two Tribes» ou do luxo, quase irreal, de que se rodeiam as suas produções sonoras? Mais do que qualquer outro factor, o sucesso dos FGTH tem origem na sua actualidade.

«Relax» surge no ano em que a SIDA é a paranóia do universo e «Two Tribes» é a sequência lógica, em canção, dos protestos de Greenhamcommon ou do filme «The Day After».

Os FGTH são a época em que nascem, o tempo em que crescem e, mais do que serem uma moda simples e passageira, são um estilo, uma postura — o resultado de milhares de manias dispersas e fugazes.

Assim como na contracapa de «Relax» surgia um discurso programático sobre os FGTH onde se afirmava, nomeadamente, que «em nenhuma esfera do comportamento as pessoas se mostram tão sincera e francamente como na sexual», a contracapa de «Two Tribes» contém outro manifesto. Desta vez antiarmamentista.

A posição, contra a guerra fomentada pelos EUA e a URSS, contra o contínuo reforço militar destes países, surge de forma persuasiva: através da publicação de gráficos com a indicação do número de armas que cada superpotência possui actualmente e de quantos mais mísseis contam instalar a curto prazo.

Ronald e Nancy

Ainda na mesma contracapa, tal como num cartaz de cinema propagandeando um filme de série B, ou uma revista contemporânea de actualidades, surge também a fotografia de Ronald Reagan e da sua mulher, Nancy.

Os Frankie incomodam: proibido na BBC, «Relax» foi apesar disso um êxito, o vídeo de «Two Tribes», considerado demasiado violento pelas mesmas cadeias televisivas que exibiram diariamente imagens de guerras montadas à sua maneira, só pode passar depois da meia-noite, mas isso não impede novo recorde de vendas.

É possível que o futuro dos FGTH seja inexistente, mas as provas dadas fazem crer ser possível que eles continuem a construir, com a ajuda da brilhante equipa de que se souberem rodear, discos que são «monumentos, panfletos, manifestos, os mais impressionantes neste lado do universo» — como eles despudoramente afirmam.

Com dois únicos discos editados, os FGTH conseguiram a proeza de colocarem ambos no primeiro lugar das vendas na Grã-Bretanha e, mais do que isso, chegaram a estar simultaneamente no primeiro e segundo lugar do top, coisa nunca vista desde há vários anos.

O segredo do seu sucesso reside na sua postura, moral e politicamente provocante, no facto de falarem de temas considerados tabus de forma simples e directa, o ritmo forte e galvanizador que imprimem às suas obras.

Eles são o espectro do vício, da pervesão dos costumes, da guerra à guerra dos generais — o derradeiro e final retrato da decadência, dirão os mais conservadores.

Frankie Goes To Hollywood: Holly Johnson e Paul Rutherford nas vozes, Brian Nash na guitarra, Peter Gill na bateria e Mark O'Toole no baixo. Por fora, na embalagem e produção, Trevor Horn — o mesmo homem que construiu os Buggles e os ABC.

A pequena curiosidade existente hoje em dia é saber qual o próximo tema que os FGTH irão abordar depois de terem enaltecido os prazeres do sexo e atacado os males da guerra.

Manuel Falcão, da NP

Ver

• Neste país que arde — porque, por quem? — tem ainda oportunidade de ver, agora no Porto, o filme *«A Mulher em chamas»*, no cinema, Trindade. E se você arder será só — será? — pelo verde dos olhos de Gudrun Langrabe. Segunda-feira último dia.

• Se não teme ver-se de repente confrontado (a) com aqueles estereótipos que todos ridicularizamos, mas nos quais tantas vezes caímos, regale-se com o filme de Monique Rutther *«Jogo de Mão»*, no Quarteto. Verá como a expressão de Zita Duarte, encarnando tão fielmente o papel de mulher — besta de carga perdurará para além do acender das luzes. E se forem horas disso porque não tomar um chá com scones ali mesmo em frente? Procure do outro lado da rua, é uma salinha decorada com cenas de caça inglesas.

• Finalmente, se acha que ainda existem *«histórias pendentes»* mesmo que seja só na sua memória, tem um filme que talvez resolva para sempre a sua sede de justiça: «O Julgamento de Nuremberga» no S. Jorge, sala 1. Realizado cerca de 20 anos depois do início da II Guerra ele passa *agora* em estreia entre nós.

• E a propósito da 2.ª guerra: ao que parece por essa altura as *«pessoas honestas»* acusaram *Almada Negreiros* de ser judeu. Tanto e tão variado talento mercia quanto a elas ser coroado por uma estrela amarela. Neste país de «cristãos-velhos-e-assim-assim» resta-nos deixar de lado a *«polémica»* e ir ver a Exposição no Centro de Arte Moderna de homenagem a Almada, o tal do *d* tão longo e esguio como o dono que assim assinava. Excepto segundos e feriados das 10 as 17.

• E se as belas peças de ourivesaria o não fazem verde de inveja, tem também a oportunidade de apreciar — e desejar — as peças australianas feitas em ouro e outros materiais, igualmente na Gulbenkian, nas Exposições temporárias. Poderá ainda aí encontrar um jardim onde na relva alguns amores se dão, se buscam, se perdem e negam, beijando-se com sabor a gelado de baunilha.

• Se é a música aquilo que o poderá fazer sair de casa, lutando contra a sonolência do grande — Verão e do pequeno — «écran», poderá ouvir nas *ruínas do Carmos* a Sinfonia do Novo Mundo de Dvorjak enquanto vê a luz do dia desaparecer e as pombas vizinhas dos GNR's atravessarem áreas em dó, para logo desaparecerem através das janelas ogivais, desde 1755 sempre abertas. Como dizia Verlaine *«A noite nunca está completa»*.

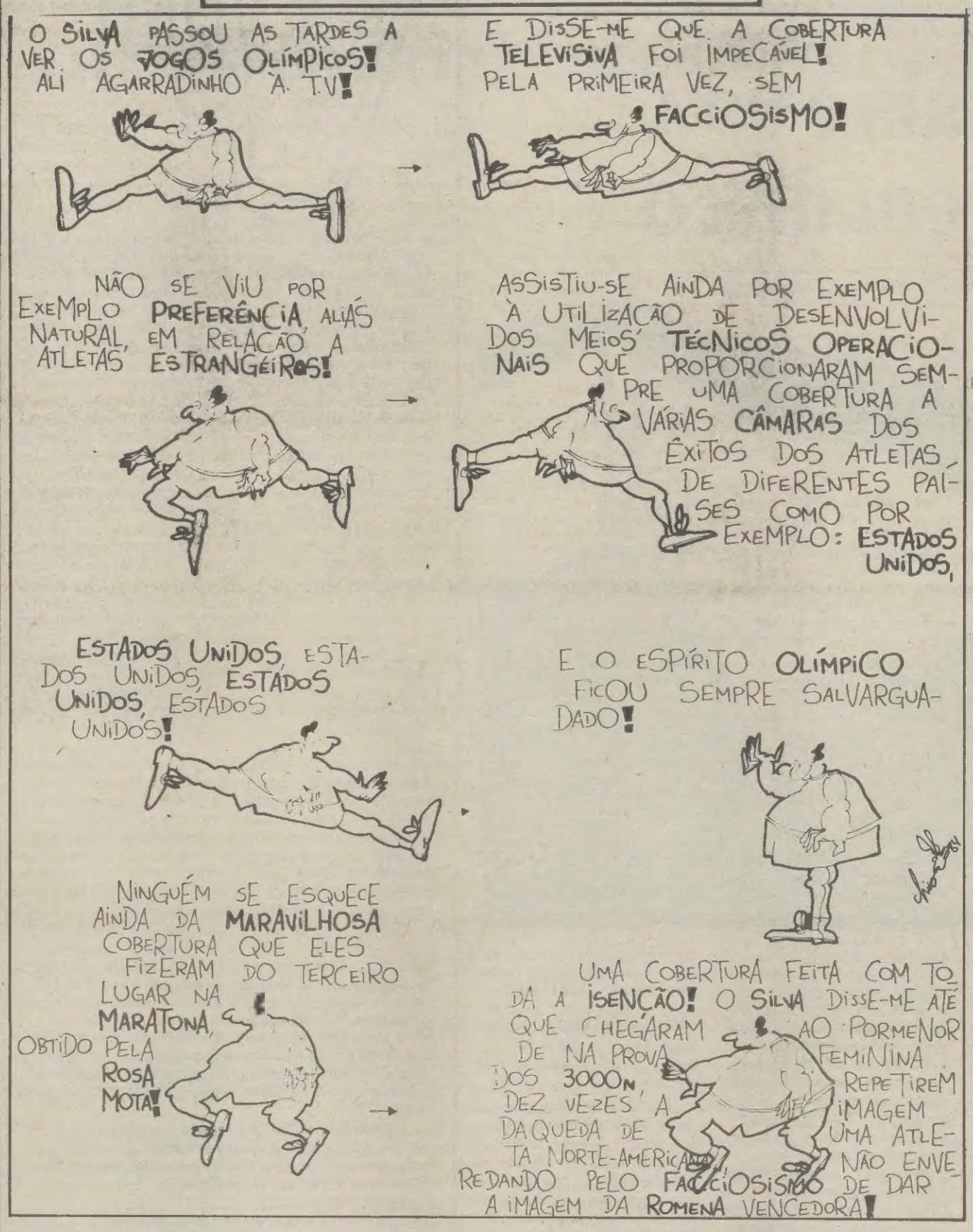
• Na terça-feira, se os seus ouvidos já tiverem digerido todos os sons da véspera, poderá então ir ouvir a música que Baden-Powell arranca ora terna, ora violentamente da sua guitarra de 6 cordas, no Maria Matos às 21,30. Hoje ou nunca talvez...

• Se continua disponível — auditiva e monetariamente — tem na quinta-feira a oportunidade, quase única também esta, de ouvir *Sequeira Costa*, um quase sempre ausente, que tocará Schuman, Debussy, Ravel e Rachmainov. No Casino Estoril às 21,30.

• Enfim e para acabar em festa: *«A Maravilha»*. Cego, pobre e preto, *Stevie* tudo conseguiu ultrapassar e desde há mais de 20 anos nos fala de «sunshine» nas nossas vidas... No Estádio do Restelo, sexta 17, à noite, reviva a sua adolescência ou invente-a... E sobretudo não esqueça o conselho de Brel *«é preciso muito talento para chegar a velho e ser adulto»*...

• E agora, se nenhuma destas sugestões lhe agradou lembre-se que o pôr do sol é em Agosto espectacular de tons vermelhos; que durante esta semana teremos lua cheia; que as madrugadas são roxo-aniladas; que as bungavílias estão em flore; que há pão quente a partir das 7 da manhã para acordar ou adormecer... e que á tão bom estar-se apaixonado!

doces crónicas



A revolução da informação

Continuação da pág. 6

são cultural estrangeira. Quanto a nós opusemo-nos ao facto de se apresentarem as coisas deste modo. A força da revolução da comunicação e da informação é inelutável e seria vão falar de não ligar importância a essa força como se se tratasse de uma invasão estrangeira, mesmo que esta força desequilibrada faça com que alguns acreditem numa «invasão», termo este que é uma reminiscência dos séculos passados.

Aceitar o desafio

O essencial é admitir que a revolução da comunicação e da informação e a sua evolução contínua tornem inelutável a interacção entre as diferentes culturas e sociedades, e essa interacção vai crescendo, e dominá-la é impensável.

Consequentemente, não se trata nem de passar adiante nem de se encerrar, mas sim de aceitar o desafio, promover essa interacção e suscitar o entusiasmo da sociedade para que ela reaja favoravelmente e tire proveito dessa experiência. Em todo o caso isto não pode fazer-se sem que os países em desenvolvimento utilizem bem os meios da comunicação e da informação, como antes dissemos.

Também é preciso que esses países explorem as enormes possibilidades da revolução tecnológica dos medias na educação e na cultura, o apuramento dos sentidos, o desenvolvimento do sentido da responsabilidade assim como o crescimento da partiicpação nas decisões essenciais na vida da sociedade e a proclamação da liberdade do indivíduo na escolha da sua vida e do seu futuro.

E isto apoiando-se num bom conhecimento do mundo e das condições ambientes e não na ignorância e no encerramento em si próprio.

Neste contexto há que lembrar que o célebre escritor inglês David Holden — que morreu assassinado — terminou a vida com um programa televisivo difundido pela BBC, e que evocava o seguinte problema: os meios de comunicação modernos terão ajudado a compreensão entre os povos, ou o contrário?

Políticos, pensadores, economistas e simples cidadãos foram interrogados em todos os países do Mundo. E, se não me engano, o autor do programa concluia dizendo que os meios de informação tinham aumentado «a incompreensão» entre os povos.

É difícil admitir essa conclusão, mas refiro-a porque ela traz consigo uma certa chamada de atenção: a transferência de informações e a utilização de instrumentos de enormes capacidades, frutos da revolução tecnológica, podem ser fonte de perigo se estiverem desprovidas de um alto espírito de responsabilidade e de um alto grau de precisão e de faculdade de compreensão.

E, sobretudo, a capacidade de manter o domínio da consciência humana sobre esses instrumentos e não o contrário.

É só num tal espírito de responsabilidade que pode travar-se um diálogo entre as civilizações e as culturas e que a humanidade pode ascender a uma concepção comum da vida, concepção esta susceptível de a levar a encaminhar-se para a paz e para a fraternidade.

AHMED BAHA EL DINE

(Informations UNESCO)

SAI DE UMA SÓ VEZ EM CADA SEGUNDA-FEIRA

sete sete

MENSAGENS PESSOAIS

Máquina Fotográfica

Vendo máq. fotográfica Zenite, Mod. 19, abertura 1.7, semiautomática com tele-objectiva 135 mm e estojo. Estado novo, 22 000$00. Telef. 60 75 76, entre 20 e 21 horas.

Máquina de tricotar

Vendo máquina de tricotar «Passap» em bom estado. Resposta ao tel. 252 08 25 (depois das 20 horas).

Coleccionadores

Vendo: imagem Santo António, século XVIII, jogo gamão marfim, livros de viagens com gravuras do início do século XIX. Contactar: C. Silva Santos, telef. 64 38 44, todos os dias após as 20 h.

Seara Nova

Compro n.º 1431, Janeiro de 1965, da Seara Nova. Jorge Valadas. Salmeirim S. Pedro — 2000 Santarém. Telef. 28202.

Motocicleta

Vendo Casal — 50cc, 5 vel. Contactar: José Luís, Tel. 749628.

Clube de leitores

Em organização. Promoção de leitura, música, iniciativas culturais de convívio. Aceitamos inscrições, sem compromisso, de pessoas interessadas em participar, mesmo na província. Damos todas as informações. Escreva-nos, indicando as suas motivações e gostos, para: Cardoso — Apartado 1332 — 1009 LISBOA CODEX.

Coleccionadores

Vendo: colecção de copos gravados (marcas e firmas); 200. Todos ou por unidade — alguns já raros — Dictionaire Géographique Universel (1842), raro, bom estado, 2000 pág. — Bruxelles. — A. M. Araújo — Tel. 9240712 — Rua Alexandre Herculano, 10 — 2735 CACÉM.

Reportagem de guerra

Dois repórteres fotográficos «freelancers», com experiência, pretendem patrocínio para desenvolver uma reportagem em zona quente do Globo a conbinar. Contactar: Parque Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 9, 1.º-A — 2780 OEIRAS.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA

Designed in cooperation with imagingetc.com
Munsell COLOR
Linear Gray Scale